

### Cobertura 3

#### **Para que Jesus nos transforme**

Para que Jesus nos transforme,  
Maria, Mãe do sim,  
tu escutaste Jesus  
e conheces o timbre da sua voz  
e o palpar do seu coração.

Estrela da manhã fala-nos dele  
e conta-nos o teu percurso  
para o seguires no caminho da fé.

Maria, que em Nazaré habitaste com Jesus,  
imprime na nossa vida os teus sentimentos,  
a tua docilidade, o teu silêncio que escuta  
e faz florescer a Palavra  
em opções de verdadeira liberdade.

Papa Bento XVI

## **SUMÁRIO**

### **ESPECIAL SEMINARIUM**

#### **Formação vicentina**

- 290 São Vicente e a Formação  
Padre Jean-Pierre Renouard, cm
- 306 Santa Luísa e a formação  
Padre Benito Martinez, cm
- 331 A Comunidade, lugar de formação
- 333 I – Uma Comunidade enraizada em Cristo  
Lugar de formação para seguir o Cristo Adorador do Pai,  
Servo do seu desígnio de Amor, Evangelizador dos pobres.
- 344 II – Uma Comunidade de servas  
Lugar de formação em espírito de humildade, simplicidade e caridade.
- 360 III – Uma Comunidade, lugar de formação para viver a missão em Igreja  
Irmã Anne Prévost, Filha da Caridade
- 366 Identidade das Filhas da Caridade  
Padre Fernando Quintano, cm
- 378 Os votos segundo o espírito específico das Filhas da Caridade  
Padre Fernando Quintano, cm

- 395 O discernimento evangélico  
Padre Gabriel Naranjo, cm
- 407 A formação para a vida apostólica: o serviço de Cristo nos pobres  
Padre Gabriel Naranjo, cm
- 419 Encerramento do Seminário: Envio  
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 424 Estudo sobre o temperamento dos apóstolos.

### **Padre Jean-Pierre Renouard, cm**

#### **São Vicente e a formação**

O tema é vasto e, sem dúvida, importante. Seria mais fácil ver São Vicente demonstrar sua excelência em diferentes áreas concretas: formador das damas da caridade, dos membros da Congregação da Missão, das Filhas da Caridade, dos padres, das crianças, dos galerianos, dos leigos, etc. Mas devem existir constantes na sua maneira de fazer e é isso que é preciso tentar compreender, apesar da amplitude da questão.

Refleti muito sobre o ângulo de abordagem de um tema como este, que se insere dentro de uma reflexão de sua parte, sobre a formação, de acordo com São Vicente. Pareceu-me que ele se revela a nós em toda a sua complexidade de formador, quando o situamos também como animador. É sob estes dois aspectos que me proponho apresentá-lo para ser mais fiel a sua ação e a sua personalidade de formador.

1. São Vicente, formador propriamente dito, nos convida a organizar o conhecimento e a transmissão de um saber dizer ou de um saber fazer.

2. São Vicente animador nos convida a moderar o impulso dado pelos responsáveis da formação às pessoas e comunidades.

## **I. SÃO VICENTE E A FORMAÇÃO**

### ***Recordação histórica e sintética***

Bem cedo em sua juventude, Padre Vicente aprendeu os métodos e a prática da formação dos jovens. Enquanto ele estuda Humanidades em Dax, o Senhor de Comet, seu benfeitor, lhe pede para ser o tutor de seus filhos. Ele deve ter realizado esta modesta tarefa muito bem e até ter gostado, já que alguns anos mais tarde, para custear seus estudos em Toulouse, não hesita em abrir, em Buzet, uma espécie de pequeno pensionato. Em seguida, ao se tornar pároco de Clichy, ele repete a mesma experiência e organiza para alguns jovens na paróquia um tipo de escola presbiteral de onde sai aquele que, depois, se tornará o seu braço direito: Antônio Portail. (*Vincentiana, mensis vincentianus*, 1984 p. 667).

Depois, ele assume durante um tempo, com um sucesso bem relativo, a tarefa de preceptor das crianças da família de Gondi, pois é preciso reconhecer que sua influência foi muito maior

sobre o Sr. e a Sra. de Gondí que sobre seus filhos, Pedro (11 anos), Henri (3 anos, que morreu aos 12 anos num acidente com um cavalo) e João Francisco Paulo, futuro cardeal de Retz, que acabava de nascer.

Graças a estas experiências variadas, Padre Vicente adquiriu uma experiência prática e autodidata de formador que lhe servirá no futuro.

A partir de 1625, data da fundação da Congregação da Missão, com seus primeiros colaboradores, lança um trabalho de evangelização e organiza, com eles, *objetivos e métodos*. A pregação oficial com sua linguagem refinada e seus grandes efeitos oratórios “passa” como ele diz “por cima dos telhados”. Por isso, Padre Vicente pratica e ensina aos seus um método bem simples, “o pequeno método” que ilumina a inteligência e toca os corações: eles praticam o método e então, se mantém nele. Ele se resume a natureza, motivos e meios.

Ao longo de suas campanhas de evangelização, Padre Vicente constata muito rápido que a ignorância do bom povo é nada mais que uma das consequências da ignorância do clero: “*a corrupção do estado eclesiástico é a causa da ruína da Igreja*” (XI, 308-309). Na maior parte das vezes, os padres são ordenados de maneira improvisada, depois de uma superficial formação teológica; ele pensa então que é necessário formá-los!

Padre Vicente organiza, graças a uma conversa com o bispo de Beauvais, Dom Potier, primeiro algumas jornadas de retiro para os futuros padres: os *Retiros dos Ordinandos* ao longo dos quais eles são preparados espiritualmente para sua tarefa pastoral. Segundo as palavras de São Vicente “*é o depósito mais rico e mais precioso que a Igreja pode colocar em nossas mãos*” (XII, 9).

Assim como outros fizeram, ele inaugura os primeiros seminários: pois é preciso padres que possam continuar e conservar o que foi obtido através das missões. De uma maneira geral, uma paróquia está ligada a um grande seminário para que os futuros padres possam praticar as funções de seu ministério, e alguns até participam nas missões. Eles são formados intelectualmente, espiritualmente e pastoralmente.

Em 1659, Padre Vicente cria em relação a este assunto, todo um programa, em São Lázaro, para a formação dos formadores: trata-se de teologia moral, catequese, pregação, controvérsia, isto é de conferências contraditórias, etc.

Aos padres já em exercício, ele propõe uma formação permanente através das “*Conferências das Terças-Feiras*”. É de lá que sai a elite do clero da França e um episcopado de primeira linha. Todos conservam das conferências de São Vicente uma lembrança extraordinária: Bossuet é ele mesmo um exemplo (*Vincentiana, mensis vincentianus 1984, p. 655*) e João Francisco de Gondí, Antoine Godeau e Jean-Jacques Olier são outros faróis.

O exercício da caridade requer também uma séria formação e Padre Vicente encarrega Luísa de Marillac de garanti-la às Filhas da Caridade (*Escritos Espirituais de Santa Luísa, p. 687 e 722*). Ele mesmo as reúne frequentemente e as conferências que lhes dirige revelam a preocupação que tinha de vê-las bem preparadas para seus trabalhos, até nos detalhes de sua ação. Ele completa estas considerações gerais através de instruções particulares através de cartas enviadas a esta Irmã ou àquela comunidade que enfrentava situações delicadas. A cena do filme na qual Jean Anouilh mostra São Vicente, alguns dias antes de sua morte, fazendo recomendações a uma jovem Irmã que vai pela primeira vez ao serviço dos pobres, é uma fantasia, claro, mas é psicológica e espiritualmente verdadeira!

A ação apostólica e a caridade seriam somente uma agitação humana se não fossem o fruto

de uma vida espiritual profunda. Este aspecto da formação é essencial na preparação dos futuros padres. Esta preparação se refere primeiro aos próprios formadores. Sendo Jesus Cristo, a Regra da Missão (XII, 130) e o Evangelizador dos Pobres, nós devemos nos deixar formar e modelar por ele; ele é o modelo de nossas ações (XI, 212); ele é o exemplo que deve servir de referência na formação dos padres. Seus formadores devem “conhecer apenas Jesus Cristo” porque é ele seu verdadeiro educador (I, 295 e XII, 107- 108).

A vida interior é igualmente fundamental na formação para a caridade. Jesus Cristo é o “Senhor da Caridade”; é por causa dele que se deve ir aos pobres; é ele que falará pela boca e agirá pelas mãos daqueles e daquelas que forem aos pobres.

A preocupação com a formação permaneceu no coração da tradição vicentina. Animada por este espírito, a Congregação da Missão abriu e manteve ao longo destes três séculos vários seminários para a formação do clero, ao redor do mundo. A Companhia das Filhas da Caridade criou todo o tipo de escolas para o serviço dos mais humildes: pequenas escolas, escolas técnicas ou profissionais, escolas de enfermagem... As Damas da Caridade que, na França, se tornaram as Equipes de São Vicente e, no mundo, AIC, e as Conferências de São Vicente de Paulo educam para a caridade e a ação social muitas gerações em todos os países. Enfim, os missionários, Padres e Irmãs formam para as responsabilidades eclesiais e sociais muitos cristãos que se tornam pilares de suas comunidades.

A herança de São Vicente inclui a preocupação com a formação: formação pessoal e a formação dos outros. Também para sermos fiéis a esta herança, no nosso mundo que muda tão rápido, temos que continuar nossa própria formação, pois ela é, mais do que nunca, irrevogável. Nós temos que enfrentar novas situações não contempladas em nossa primeira formação e que exigem formação permanente.

### ***Os campos de aplicação***

São Vicente respira o ar de seu tempo. Com a reforma católica (1550 – 1648) começa um amplo movimento de renovação. O Concílio de Trento contribui por “obra do divino Espírito” (M.D. Poinset). Este retorno às fontes, esta efervescência religiosa e mística acontece primeiro no mais íntimo dos corações, “em espírito e em verdade”. Mas esta qualidade de alma requer um apoio sólido. Bem rápido, uma formação se faz necessária. Qualquer que seja o nosso estado e “onde quer que estejamos, podemos e devemos aspirar à perfeição”, propõe São Francisco de Sales. São Vicente lhe faz eco diretamente ampliando sua ideia. O fundador se torna bem rápido formador:

## **1. A FORMAÇÃO PARA A MISSÃO**

- A conferência-testamento de São Vicente (6 de dezembro de 1658) nos permite afirmar o essencial: toda formação para a missão deve ser feita segundo o modelo de Jesus Cristo, o Formador por excelência, o Missionário típico.

*“A Santa Escritura nos ensina que Nosso Senhor Jesus Cristo, tendo sido enviado ao mundo para salvar o gênero humano, começou primeiramente a fazer e depois a ensinar. Ele realizou o primeiro praticando toda sorte de virtudes e o segundo, evangelizando os pobres e dando aos seus apóstolos e aos seus discípulos a ciência necessária para a direção dos povos. E tanto a pequena Congregação da Missão deseja imitar o mesmo Jesus Cristo Nosso Senhor segundo suas pequenas possibilidades, por meio da sua graça, tanto em relação as suas virtudes quanto aos meios empregados para a salvação do próximo, é conveniente que ela se sirva de semelhantes meios para adquirir dignamente este piedoso desígnio.*”

*É por isso que seu fim é:*

- 1) *trabalhar em sua própria perfeição, fazendo o possível, para praticar as virtudes que este soberano Mestre se dignou nos ensinar pela palavra e pelo exemplo,*
- 2) *pregar o Evangelho aos pobres, particularmente aos do campo,*
- 3) *ajudar os eclesiásticos a adquirir as ciências e as virtudes necessárias a seu estado”.*

*“Eis a regra... O que precede nossa regra diz que Nosso Senhor, tendo vindo ao mundo para salvar os homens, **começou a fazer e depois a ensinar**. Ele realizou um praticando todas as virtudes ... e ele praticou o segundo instruindo o pobre povo com as verdades divinas e dando aos apóstolos a ciência necessária para a salvação do mundo, para dirigir os povos e torná-los bem-aventurados” (XII, 74-75).*

**\* Os Missionários e os Irmãos, inclusive, têm o dever de catequizar os pobres em referência a prática inicial da Congregação:**

*“Vós, Senhores, que partis em missão no campo, vós o vedes melhor que eu no momento, mas eu sei bem como se fazia no começo da Companhia, e que ela estava na prática exata de não deixar passar uma ocasião de ensinar um pobre em que ela não o fizesse, indo e vindo, se visse que algum deles tivesse necessidade, fossem os padres ou os clérigos que aí estivessem, ou fossem nossos irmãos coadjutores. Se eles encontrassem algum pobre, algum rapaz, algum bom homem, eles lhe falavam, viam se ele conhecia os mistérios necessários à salvação e se percebessem que ele não sabia, eles lhe ensinavam.” (XI, 381 - 382).*

**\* São Vicente que ser ele mesmo, formador para a missão :**

A partir de sua experiência, ele inaugura o pequeno método em 20 de agosto de 1655 (e ele descreve os frutos espirituais em XI, 270).

Da teoria, São Vicente passa, sobretudo, à prática e não falta sabor ao anúncio destas experiências:

*“Daremos pregações já prontas àqueles que não puderem prepará-las ou não tiverem tempo para aprendê-las de cor. **Nós faremos desta maneira para conhecer a natureza de cada um e para saber a que ele é próprio. Ninguém se dispensará deste exercício; e acreditai-me, somente o orgulho pode levar uma pessoa a querer ser dispensada. É preciso então, que nós contribuamos, todos, de nossa parte, para a finalidade deste exercício. Eu sei bem que o Padre Portail, por causa da dificuldade que ele tem de falar, não poderá; Padre Alméras, em razão de sua enfermidade; Padre Bécu, em virtude de suas mãos e não de sua cabeça, pois tem uma muito boa; Padre Bourdet, por causa de sua fraqueza; mas para todos os outros, sim; e eu, pobre guardador de porcos que sou, serei o primeiro a começar, não na cátedra porque não saberia subir até ela, mas em alguma conferência onde eu tratarei de algum ponto da regra ou de qualquer outro assunto”***(XII, 296 - 297).

## **SÃO VICENTE É FORMADOR:**

**\* Através das conferências aos seus missionários**

*“Nós praticamos (em São Lázaro) coisas que são comuns nos seminários, como a repetição de oração e as conferências sobre algum tema de devoção, que nos servem de conversa um dia da semana”*(XII, 289).

**• Através da preparação às ordens sacras nos grandes seminários onde se encontra toda**

a atualidade dos estágios apostólicos:

*“Sabemos por experiência que os frutos das missões são muito grandes, para as necessidades da pobre gente do campo que são imensas; mas como os espíritos são grosseiros e mal cultivados pelo ordinário, eles esquecem facilmente os conhecimentos que lhes demos e as boas resoluções que tomaram, se eles não têm bons pastores que os mantenham no bom estado onde os colocamos.*

***É por isso que, vamos nos esforçar para contribuir na formação de bons eclesiásticos através dos retiros dos ordinandos e dos seminários, não para abandonar as missões, mas para conservar os frutos que elas produzem”.***(A. Philibert de Brandon, Bispo de Périgueux, 20 julho de 1636) (IV, 42 - 43).

#### **\*Através das Conferências das Terças-feiras:**

*“O Padre Eudes, com alguns outros padres que ele trouxe da Normandia, veio fazer uma missão em Paris, que causou grande barulho e produziu muito fruto. A afluência foi tão grande que o pátio dos Quinze-Vingts era muito pequeno para conter o auditório. E ao mesmo tempo, vários bons eclesiásticos partiram de Paris, cuja maior parte é de nossa assembleia das terças-feiras, para ir a outras cidades fazer também as missões”*(VIII, 308).

Não somente esta formação sacerdotal se faz na prática, pregando, mas ela deve se tornar o mais universal possível:

*“Vós fizestes muito bem em guardar o lugar e enviar o Padre Bréant em missão porque é oportuno que os missionários que têm diversas funções, de tempos em tempos, passem de uma à outra para se formar em todas e não omitir nenhuma”*(VIII, 278).

## **2. A FORMAÇÃO PARA CARIDADE**

Não há nenhuma dúvida: São Vicente não dissocia “missão e caridade”. De acordo com a situação existem ênfases. Mas as Filhas da Caridade são formadas para a missão. O regulamento das Irmãs do Hospital de Angers, de 1641, é claro:

*“As Filhas da Caridade dos pobres doentes, partem para Angers para honrar Nosso Senhor, Pai dos Pobres, e sua Santa Mãe, para assistir os pobres doentes do Hôtel-Dieu da cidade, corporal e espiritualmente: **corporalmente, servindo-os e administrando-lhes a alimentação e os medicamentos; e espiritualmente, instruindo os doentes sobre as coisas necessárias à salvação e conseguindo que façam uma confissão geral de toda a sua vida passada, de tal modo que aqueles que morrerem, partam deste mundo em bom estado e que aqueles que se curarem, façam a resolução de nunca mais ofender a Deus**”* (XIII, 539).

Evidentemente, o serviço dos pobres, “a caridade” continua a tarefa principal. Esta formação profissional deve ser progressiva, adaptada e realista quer se trate de uma pessoa só ou de um grupo:

- *“Maria me respondeu habilmente, afeiçoadamente e humildemente que está pronta a fazer o que quiserdes e da maneira que quiserdes, que ela está aborrecida somente por não ter suficiente julgamento, força e humildade para isso, mas que vós lhe direis o que é necessário que ela faça e ela seguirá inteiramente vossas orientações”.*(A Luísa de Marillac aproximadamente, 2 de setembro de 1633) (1,212).

- *“Vede, minhas Irmãs, não podeis ser todas iguais : umas são aptas para os doentes e*

*outras para as aulas. Pertence aos Superiores ver as vossas aptidões. Nem todas servem para sangrar, porque há algumas que têm a mão muito pesada. Os dedos da mão não são todos iguais entre si; do mesmo modo, não podeis ser todas iguais”*(Conf. de 27 de Julho de 1653, pág. 428).

A diretora do seminário tem uma missão primordial, tal como Juliana Loret, que recebe a seguinte exortação por ocasião do conselho de 30 de outubro de 1647.

*“Oh! minha Irmã, que querem fazer convosco? É o primeiro cargo depois da superiora e o mais importante. Trata-se de formar jovens que possam servir a Deus na Companhia, trata-se de fazê-las enraizar-se na virtude e ensinar-lhes a submissão, a mortificação, a humildade, a prática de suas regras e de todas as virtudes”* (Documento 458, pág. 566).

### 3. A FORMAÇÃO PARA A VIDA ESPIRITUAL

São Vicente, homem de ação, é também um místico. Sua regra, missionária por excelência, reenvia ao essencial: “Procuremos nos tornar pessoas espirituais, a fazer com que Jesus Cristo reine em nós”. (XII, 131). Aos leigos, ele pede uma promessa que nomeia “bom propósito”, como mostra aquela feita nas caridades de Homens de Folleville, Paillart e Sérévillers (23 de outubro de 1620):

*“Os assistentes, como se diz, para tornar esta associação mais duradoura, dirão e pronunciarão o seguinte bom propósito na presença do reitor, depois das vésperas, na capela da Caridade, no dia de Pentecostes, ou no dia seguinte, e o farão da seguinte maneira: ‘Eu ... servo dos pobres da associação da Caridade, eleito assistente da mesma, faço bom propósito, na presença do senhor reitor da dita associação, de observar o regulamento e de buscar, com todas as minhas forças, sua conservação e crescimento, com a graça de Deus, a qual eu lhe peço para este objetivo”* (XIII, 489).

Às Filhas da Caridade, ele ensina a “unidade de vida”: seu célebre “deixar Deus por Deus” é rico de toda vida interior.

*“Começai sempre todas as vossas orações **pela presença de Deus** porque algumas vezes, por falta disto, poderá uma ação deixar de ser-lhe agradável. Considerai, minhas filhas, que, embora não vejamos a Deus, a fé nos ensina sua santa presença em toda parte, e é este um dos meios que nos devemos propor, a Sua presença em toda parte, penetrando intimamente todas as coisas e mesmo os nossos corações; e isto é mais verdadeiro do que julgarmo-nos todas presentes aqui, porque nossos olhos podem iludir-nos, mas a verdade de Deus em toda parte não falhará nunca”*(Conf. de 31 de Julho de 1634, pág. 02).

*“Ide a **Santa Missa** todos os dias, mas ide com grande devoção, e conservai-vos na igreja com grande modéstia e sede exemplo de virtude para todos os que vos virem”*(Conf. de 31 de Julho de 1634, pág. 03).

*“Minhas filhas, **sabei que, quando deixardes a oração e a Santa Missa pelos pobres, nada perdereis**, pois servir os pobres, é ir para Deus; e deveis ver a Deus em suas pessoas”* (Conf. de 31 de Julho de 1634, pág. 03).

Mas seu “**diretório espiritual**” está todo inteiro nos “avisos reunidos por Antoine Durand” nomeado superior do seminário de Adge, aos 27 anos, em 1656. Seria bom citá-lo integralmente.

*“Oh, senhor Padre, qual e quão grande pensais vós seja a tarefa do governo das almas a qual Deus vos chama? Qual o ofício credes vós que seja o dos padres da Missão, que são obrigados a manobrar e a conduzir os espíritos cujos movimentos só Deus conhece? “Ars artium, regimen animarum”, Este foi o trabalho do Filho de Deus sobre a terra. (...) É por isso que deveis despertar em vós uma estima muito grande por aquilo que ireis fazer...”*

*É a continuação das ocupações de Jesus Cristo e, por conseguinte, a indústria humana não pode nada aqui senão atrapalhar tudo, se Deus não se imiscuir no assunto. Não, senhor, nem a filosofia, nem a teologia, nem os discursos agem na alma; é preciso que Jesus Cristo se una a nós ou nós a Ele; que operemos n’Ele e Ele em nós; que falemos como Ele e em seu espírito, assim como Ele mesmo estava em seu Pai e pregava a doutrina que Ele lhe tinha ensinado; é a linguagem da Sagrada Escritura.*

*É preciso, então, senhor Padre, que vos esvazieis de vós mesmo para vos revestirdes de Jesus Cristo.*

*Vós sabereis que as causas naturais produzem efeitos segundo sua própria natureza: um carneiro produz um carneiro, etc. e um homem outro homem; assim, se aquele que conduz os outros, que os forma, que lhes fala é animado somente pelo espírito humano, aqueles que o virem, que o escutarem e que procurarem imitá-lo se tornaram inteiramente humanos: ele não lhes inspirará, por mais que diga e que faça, a não ser a aparência de virtude e não o conteúdo; ele lhes comunicará o espírito do qual ele mesmo está animado, como nós vemos que os mestres imprimem suas máximas e sua maneira de agir no espírito dos seus discípulos” (XI, 342 - 344).*

*“Para chegar até lá, senhor Padre, é preciso que o próprio Nosso Senhor imprima em vós a sua marca e o seu caráter. Porque, assim como nós vemos uma planta de enxerto sobre a qual se insere uma árvore frutífera nascida de semente, produzir frutos da natureza da árvore enxertada, também nós, miseráveis criaturas, embora não sejamos senão carne, feno e espinhos, todavia, Nosso Senhor, imprimindo em nós o seu caráter e dando-nos, por assim dizer, a seiva do seu espírito e da sua graça, e estando unidos a Ele como os sarmentos da videira às cepas, fazemos o mesmo que Ele fez na terra, quero dizer que nós operamos ações divinas e engendramos, como São Paulo, todo repleto deste Espírito, filhos para o Senhor” (XI, 344)*

## **A ORAÇÃO**

*“Uma coisa importante à qual deveis aplicar cuidadosamente é **ter uma grande comunicação com Nosso Senhor na oração**: é lá o reservatório onde encontrareis as instruções que vos serão necessárias para cumprir bem a tarefa que tereis. Quando tiverdes qualquer dúvida, recorrei a Deus e dizei-lhe: ‘Senhor, que sois o Pai das luzes, ensinai-me o que é preciso que eu faça nesta ocorrência.*

*Ademais, deveis recorrer a Deus pela oração para conservar vossa alma no seu temor e no seu amor; pois, infelizmente, sou obrigado a vos dizer e vós o deveis saber que se perde frequentemente contribuindo-se para a salvação dos outros. Tal fato é bem particular para aqueles que se esquecem de si mesmos estando ocupados por fora.” (XI, 344- 345).*

## **A HUMILDADE**

*“Outra coisa que vos recomendo é a humildade de Nosso Senhor. Dizei seguidamente : ‘Senhor, que fiz eu para ter tal função? Quais são as minhas obras que correspondam ao cargo que foi colocado sobre os meus ombros? Ah! Meu Deus! Estragarei tudo, se Vós mesmo não dirigirdes todas as minhas palavras e todas as minhas*

obras.

*Consideremos sempre em nós tudo aquilo que há de humano e de imperfeito, e encontraremos muito do que nos humilharmos, não somente diante de Deus, mas ainda diante dos homens, e em presença daqueles que nos são inferiores” (XI, 346).*

## II. SÃO VICENTE ANIMADOR

Nos volumes XI e XII de Pierre Coste, São Vicente aparece, de maneira clara, como superior de uma comunidade. Seu pensamento é simples, mas bem teológico. Estas exortações calorosas, mas sérias, tem como objetivo evidente se fazer respeitar e ser escutado sem murmúrios nem contestações. Ele se mostra, definitivamente, preocupado em fundamentar sua autoridade, em oferecer o melhor de sua experiência espiritual e em edificar o grupo de seus coirmãos, atitude que se explica facilmente: ele vai fazê-la a coirmãos cultivados e capazes de argumentar; ele quer continuar, consciente ou inconscientemente, o chefe da casa! Por outro lado, seu senso de humor e da relatividade dos seres e das coisas lhe provoca, ao mesmo tempo, sentimentos e expressões de humildade. Ele fala assim com equilíbrio e na medida.

Com as Filhas da Caridade tais precauções são inúteis. Santa Luísa faz o trabalho de superiora. É ela que governa e administra se aconselhando com Padre Vicente. São Vicente se apresenta em relação a elas como animador da comunidade. A palavra é adequada: ele é mais animador que superior! É a formação na prática, em ações e não simplesmente teórica. Nós os vemos agindo assim:

- nas suas Conferências;
- nos seus Conselhos.

1) Não temos a possibilidade de entrar em detalhes aqui, o que seria apaixonante, mas ele revela nas conferências, uma simplicidade na linguagem, uma escolha da espontaneidade, do coloquial, o gosto pelo concreto. Ele utiliza o método pedagógico da repetição, da imagem, dos símbolos. Ele insiste em princípios vitais como a comunhão com a vontade de Deus, o “deixar Deus por Deus”, o abandono a Providência; ele consolida o futuro pensando que as primeiras dão o exemplo. Ele comunica um espírito e insiste sobre a vocação, a vida em comunidade e a vida de oração e a formação acontece concomitantemente; ele faz um apelo permanente à obediência ativa, nos fatos e não simplesmente na teoria. Enfim, como não destacar que ele faz uma ampla explicação da Regra, comentário que cobre a metade do décimo volume de Coste.

E para ser melhor compreendido, ele se preocupa com a formação de base pela catequese para formar “boas cristãs” e em mostrar a pessoa das irmãs falecidas como faróis, tais como Margarida Naseau (IX, 77); Joana Dalmagne (IX, 179), Ana de Gennes, Maria Lullen, Margarida Bossu, Cecilia Delatre (IX, 535), Barbara Angiboust (X, 637 e 669), e, enfim, Luísa de Marillac, num tom de admiração (X, 709 e 725).

2) Como **presidente de Conselhos**, São Vicente não deixa de apontar aspectos aos quais continuamos sensíveis ainda hoje como o serviço dos pobres, a atenção às pessoas, a vida comunitária com o modelo inevitável da Trindade (XIII, 633-544) e o princípio da mutualidade (XIII, 641 e 642) que todas vocês conhecem. Ele insiste também nas funções e suas tarefas insubstituíveis como a de superiora, de ecônoma, de diretora, por exemplo, do Seminário:

*“Oh! minha Irmã, que querem fazer convosco? É o primeiro cargo depois da superiora e o mais importante. Trata-se de formar jovens que possam servir a Deus na Companhia, trata-se de fazê-las enraizar-se na virtude e ensinar-lhes a submissão, a mortificação, a humildade, a prática de suas regras e de todas as virtudes. Bem; dar-vos-*

*emos algumas normas por escrito para vosso governo, porque será necessário que as façais realizar alguns exercícios em particular e se for possível, tenhais um lugar à parte para colocá-las" (XIII, 658).*

Todo este trabalho de animação, inseparável do das Conselheiras e das Assistentes, é feito de escuta, de julgamento, de decisão. É, sobretudo, sustentado por um clima de caridade. Assim, percebemos a delicadeza de São Vicente, registrada pela redatora:

*"Nossa Irmã opunha-se a ser a primeira a falar, sobretudo, por ser a primeira vez que assistia à nossa reunião. O Padre Vicente disse-lhe : 'Minha Irmã compete-vos falar, porque temos o costume de começar pela que está sentada à minha direita'. Com isso evitava dizer-lhe que as que tinham chegado por último é que falam primeiro." (XIII, 675).*

A liberdade está, também, na ordem do dia. Cada uma deve se expressar em consciência, sem se deixar impressionar por aquilo que foi dito:

*"Se a segunda Irmã não tiver o mesmo parecer da primeira, poderá dizer : 'Julgo que por tais e tais razões, a coisa não deveria ser feita assim' ; e isso sem dizer o nome da Irmã que falou anteriormente. E dirá as que a levem a pensar de outro modo." (XIII, 592).*

A oração, já notamos, é necessária tanto para o Conselho propriamente dito quanto para amadurecer uma decisão.

Terminando este sucinto estudo, como não destacar duas constantes interessantes:

1- São Vicente não tem sempre a mesma opinião que Santa Luísa e vice-versa. É normal que na **partilha de opinião** existam ideias contrárias ou vistas sob um outro ângulo. Um exemplo nos é dado a propósito dos confessores das Filhas da Caridade. A Senhorita se contentaria com um confessor, mas São Vicente sustenta absolutamente que as Irmãs possam se beneficiar da escolha exigida pela Igreja: *"Deve-se ater ao que foi indicado, ao que foi ordenado pelo Papa e ao que, antes dele, toda a Igreja ensinou : que elas escolham ou um ou outro e se alguma sente repugnância em ir ao ordinário, possa tomar outro além do designado, contanto que não seja por apego. É preciso haver uma santa liberdade." (XIII, 663-664).*

2- São Vicente se preocupa em descontrair o ambiente. Ontem como hoje, as coisas eram complicadas. Por isso, as numerosas anedotas contadas pelo Santo. Ele mesmo confessa neste sorriso registrado para a posteridade: *"Contei-vos isso, minhas filhas, para distrair-vos um pouco em nosso trabalho..." (XIII, 645).*

Concluo este primeiro ponto com estas palavras de um padre da Missão da província de Toulouse que abriu o caminho dos estudos vicentinos, sobretudo entre as Filhas da Caridade:

Não se trata, certamente, de idealizar os primeiros tempos, não mais que a época apostólica *"Todos os fiéis viviam unidos e tinham tudo em comum" (Atos 2, 44)... mas de reconhecer que, na Companhia das Filhas da Caridade, segundo São Vicente, tudo foi concebido para uma partilha total, generalizada e permanente.*

*"E o mestre animador que foi São Vicente, ajudado muito eficazmente por Santa Luísa, conseguiu suscitar, formar, salvaguardar a espontaneidade, a simplicidade e a abertura na Comunidade. Parece certo que estes valores muito próximos daqueles que mais aspiramos hoje... são o diálogo, a participação, a colegialidade, a comunicação"(Jean Morin, CM, notas manuscritas).*

## CONCLUSÃO

Quer ele forme na prática ou através de suas intervenções, São Vicente se preocupa com aspectos mais importantes que é preciso guardar preciosamente como sua herança e um bem inalienável:

\* O cuidado em fazer crescer e desenvolver as pessoas que estão sob a sua responsabilidade e que aceitam depender dele ou de suas colaboradoras e colaboradores.

\* O respeito absoluto a cada pessoa : leigos, consagrados, padres e mesmo bispos !

\* A prioridade dada ao acompanhamento : ele não caminha nos passos da Providência somente por ele, mas também pelos outros, sabendo que “a graça tem seus momentos” e que cada um caminha no seu ritmo.

\* A capacidade de discernir o que há de bom no outro e sua determinação em ajudar a extirpar o que pode ser incorreto e deformado, e mesmo um vício ou perto de sê-lo.

\* Sua constância em espiritualizar; em educar a alma de seus interlocutores ou discípulos fazendo, conseqüentemente, que todos acreditassem no amor de Deus e ao próximo.

\* Sua vontade se resume, de maneira sintética, em permanecer preocupado com a Missão, com a Caridade e com o crescimento espiritual de todos.

Para terminar, gostaria de citar um coirmão espanhol, o Padre Jaime Corera, que observa que Vicente “se apresenta como uma chave, não somente de suas ideias e de sua prática como formador, uma chave de sua pessoa, enquanto santo fundador e figura histórica. Sua rica personalidade, sua complexidade pessoal se unem no centro ao redor do qual toda a sua vida se organiza, todos os aspectos do seu ser, do se saber e do seu agir; **este centro é a pessoa de Jesus Cristo**, o Evangelizador dos Pobres”. (*Mensis vincentianus*, 1984 p. 678).

Que agrade ao Senhor, sermos formados segundo o modelo de seu Filho, Jesus Cristo, Servo e Evangelizador dos Pobres.

*Padre Jean-Pierre Renouard, cm*

Padre Benito Martinez, cm

### **Santa Luísa e a formação**

16 de maio de 2011

Nesta conferência, gostaria de partilhar com vocês o que aprendi e senti lendo os escritos de Santa Luísa e o quanto estes me ajudaram na missão de Diretor Provincial e de Diretor da Escolástica dos Lazaristas na Espanha.

### **O CARISMA, OBJETIVO GERAL DA FORMAÇÃO**

O primeiro ponto que sobressai dos escritos de Luísa de Marillac é a questão da **formação**: ajudá-las a se formar para *servir Jesus Cristo corporal e espiritualmente nos pobres*. Este objetivo imposto pelas necessidades sociais e religiosas dos pobres foi Vicente de Paulo que lhe havia fixado e a mim também.

Em segundo ponto, **é o estilo do serviço dos pobres**: servir os pobres "*indo e vindo*"<sup>1</sup>. Em razão de sua origem, este grupo de mulheres havia começado a ser servas dos pobres, das Caridades. Por vocação, elas substituíram as empregadas que levavam os remédios e as refeições aos pobres. Não eram religiosas, mas seculares. Os Fundadores refletiram como estruturar esta

forma de vida. Vicente buscou os argumentos jurídicos que sustentariam este estado secular, assumindo os conselhos evangélicos, vivendo em comunidade com superiores e *regulamentos*. Luísa formou as moças ajudando-as a compreender esta nova forma de vida, o que veio a ser depois uma das bases da formação na Companhia<sup>2</sup>. Doar-se a Deus, vivendo os Conselhos evangélicos, para servir os pobres, significa ser *consagrada*<sup>3</sup>, não por votos públicos “solenes” que fariam delas religiosas, mas por seu dom a Deus por toda a vida.

O terceiro ponto concerne **a vida comunitária**. Luísa estava convencida<sup>4</sup>, que a psicologia feminina e o mundo do trabalho na França do século XVII tornavam necessárias a existência de uma Comunidade que acolhesse as jovens quando voltassem do trabalho, liberando-as da solidão e da insegurança, um lugar onde pudessem retomar as forças corporais e espirituais, partilhar as alegrias, os sofrimentos, e formar-se. Para Luísa ser Filha da Caridade e não viver em Comunidade era uma exceção que os superiores poderiam autorizar<sup>5</sup>. Foi muito difícil formar as jovens nesta nova maneira de viver, desconhecida até então: estar na mesma casa, com Irmãs que não se escolheram: nada de celas como nas religiosas, nem de residências particulares de beatas (*mulieres religiosae*), nem conjuntos de casas como para as Beguinias (sem votos, nem regras comuns).

O quarto ponto é o **espírito próprio das Filhas da Caridade**. Os Fundadores aprenderam a contemplar os pobres com o olhar da fé: “*nossos Senhores e mestres*”<sup>6</sup>, porque são os membros sofredores de Jesus Cristo e a morada de Deus. Elas são suas servas e devem servi-los com humildade, *simplicidade e caridade* (C. 13). Este espírito lhes dava uma *identidade* e as distinguiu dos outros grupos femininos que serviam também os pobres em comunidade<sup>7</sup>.

Em outras palavras, o *Carisma* da Companhia, o objetivo e o fundamento da formação vicentina, compreendem quatro elementos:

- O *serviço* de Deus nos pobres;
- A *consagração* a Deus vivendo a castidade no celibato, a pobreza e a obediência;
- A *Vida Comunitária*;
- O *Espírito de humildade, simplicidade e caridade*.

Foi o Espírito Santo quem deu este carisma aos Fundadores. O objetivo da formação inicial e permanente *é de ajudar às Irmãs a receber e a viver este carisma* (cf. C. 50).

## **LUISA DE MARILLAC: UMA BOA FORMADORA**

Para viver este carisma desconhecido Luísa teve a capacidade de formar estas primeiras jovens. O Espírito Santo lhe deu o carisma de fundadora bem como a Vicente: ela possuía as qualidades requeridas, a formação e a situação social que convinha para fundar e dirigir a Companhia.

Inteligente, afetiva e firme, pertencia a uma família nobre que possuía um certo prestígio social. Devido ao seu nascimento misterioso, foi educada no convento de Poissy, uma das melhores escolas da região parisiense. Aí recebeu uma formação humanista muito completa. Foi assim que ela pode ler os livros de espiritualidade e de teologia, redigir regulamentos, escrever memórias, comunicar-se por carta com suas futuras filhas, com os grandes personagens da Igreja e da nobreza. Depois foi colocada numa pensão onde moças se preparavam para o casamento, aprendendo tudo o que deveria saber uma mulher de classe média para dirigir uma casa. Mais tarde, ela ensinará tudo isto a suas filhas.

Aos 16 anos, quando refletiu sobre sua vida e sobre a marginalização que sofria de sua família, aceita esta situação como desígnio de Deus. Ela intensifica sua prática da oração, e chega

ao mais alto grau da contemplação mística, isto é, os esposais (A. 50), sobre o qual fala Santa Teresa de Ávila. É preciso lembrar que, para São Vicente, ser uma *pessoa de oração*, é a primeira condição para ser formadora *das jovens Irmãs*<sup>8</sup>.

Casada com um funcionário da corte, fica viúva aos 34 anos com um filho pequeno, o que lhe deu a independência e a cidadania jurídica e social dos homens. Era livre para se doar a Deus e servi-Lo na pessoa dos pobres. Ela estava pronta a formar outras mulheres que gostariam de se unir à ela nesta missão.

Com a grande experiência de Luísa de Marillac, as Filhas da Caridade chamadas para o serviço de formação devem reler sua vida para nela descobrir suas aptidões pessoais e seguir as Inspirações que o Espírito lhes dá na oração.

## FORMAÇÃO DAS IRMÃS

Luísa aparece como uma formadora prudente, capaz de transformar estas camponesas em Filhas da Caridade, cheias de devotamento. Vicente de Paulo explicou em suas conferências as grandes linhas da nova Caridade, desenvolveu a espiritualidade que consiste em “*esvaziar-se de si mesmas e de revestir-se do Espírito de Jesus Cristo*”<sup>9</sup>, o espírito de humildade, de simplicidade e caridade. Mas, muitas vezes, é Luísa que indica ao Superior os temas das Conferências, sobretudo as regras e a maneira de vivê-las.

No século XVII era impossível à uma mulher aconselhar um sacerdote. No entanto, Vicente de Paulo não tinha nada contra a opinião de sua colaboradora, ou sem que ela o soubesse. Caso ela estivesse ausente, ele esperava por seu retorno. Mas, Luísa admirava a personalidade de seu diretor, ela é sua melhor discípula, aceita seus ensinamentos para suas filhas. Vicente lhe dava toda a sua confiança.

Foi Luísa de Marillac que formou as Irmãs. Durante vários anos, foi a Superiora da Casa e a formadora das Irmãs. Todas as Irmãs viveram com ela, ao menos alguns meses. (Uma vez colocadas fora de Paris, algumas lhe escreviam lamentando não mais poderem ouvir os ensinamentos que ela transmitia). Ela reunia as jovens, falava-lhes, corrigia-as e lhes dava conselhos. Dia após dia, ela formava as Filhas da Caridade. É por isso que quando São Vicente escrevia à Luísa, falava com simpatia de “suas filhas”. Era Luísa que recebia ou despedia as jovens, em acordo com São Vicente, pois ele era o Superior. Em suas correspondências concernentes às jovens, era ele quem decidia e ela aceitava, mesmo se não estivesse totalmente de acordo, (como por exemplo o fato de que a Companhia dependesse do Arcebispo de Paris e não do Superior geral da missão<sup>10</sup>).

Luísa de Marillac se esforça para formar estas jovens camponesas, superando suas repugnâncias pelo fato que contrariavam sua delicadeza, sua cultura e sua educação, “*com a graça de Deus, e a direção do senhor Padre e nosso honoratíssimo Pai, uma ordem muito difícil, mas muito difícil mesmo de ser constituída, por causa da ignorância da maior parte de seus membros... quanto a grosseria dessas boas moças da aldeia era contrária a seu caráter; apesar de sua repugnância não as recusava, mas guardava para si, as mais grosseiras*”, como destaca Maturine Guérin<sup>11</sup>. Algumas vezes, Luísa se desencorajava, apesar dos estímulos de seu Diretor: “*Quanto a isto que me comunicais, não tenho dúvida que elas sejam tal como as descreveis; mas é preciso esperar que elas se farão e que a oração lhes fará ver seus defeitos e as encorajará para as corrigirem*” (Coste I p. 277-278). “*Não vos admireis de ver a rebeldia desta pobre criatura. Nós ainda veremos muitas outras*” (Coste I p. 494).

A formação de uma Irmã tomava tempo. Luísa escreve um dia à "Grande Princesa", esposa do Grande Conde: "*que há necessidade de muito tempo para preparar as jovens, tanto no que se refere à sua formação pessoal, como para aprenderem o que é preciso para servirem os pobres*" (C.541 (L. 486), pág. 583). Porém no começo a formação não era longa: de um a três meses; pedia-se somente às jovens que desejassem doar-se a Deus, que fossem saudáveis e fortes para poder servir aos pobres doentes, que tivessem "bom espírito e boa vontade". O resto virá pouco a pouco adquirindo-o ou se corrigindo<sup>12</sup>. Era uma formação simples, como para mulheres do campo, sem cultura; muitas não sabiam nem ler nem escrever. Vinham com suas virtudes, suas paixões e suas inclinações, que traziam do mundo rural<sup>13</sup>.

A partir de 1636, começou-se a lhes falar de uma *vocação divina* para ser Filha da Caridade toda a vida e viver assim como filhas desta confraria secular, podendo se considerar como encarregadas temporariamente de uma obra de caridade. Os Fundadores viam a vocação sob dois aspectos: os primeiros anos, eles a consideravam à maneira de São Francisco de Sales, era uma *atração* para o sacerdócio ou para a vida de Filha da Caridade. Em seguida, falavam às Irmãs da vocação como Bérulle: era seguir um caminho determinado, isto é, seguir o *desígnio eterno* de Deus sobre uma pessoa. A pessoa nasce com isto nela, uma vocação eterna que ela realiza na história<sup>14</sup>. Por esta razão devia se verificar bem a vocação das jovens antes de sua admissão<sup>15</sup>.

Durante os seis primeiros anos, quando a Confraria das Filhas da Caridade era implantada unicamente em Paris e nos arredores, Vicente e Luísa puderam assegurar a formação das jovens. Algumas vezes, eles recorreram à Madame Goussault e à Mademoiselle de Pollalion porque, de acordo com o primeiro Regulamento, elas eram como as duas primeiras conselheiras da Companhia (E.31 (A. 54)). Durante a ausência de Luísa, podia ser também uma das Irmãs mais velhas, que tinha recebido uma certa formação que assumia, tal como Maria Joly, Francisca Pelletier ou Elisabete Turgis<sup>16</sup>.

## UMA FORMAÇÃO PERSONALISADA

No começo da Companhia, Vicente e Luísa, *conheciam bem suas filhas*. Com o passar dos anos, Vicente tinha cada vez mais trabalho e então era Luísa que as conhecia melhor. Ora, era importante conhecê-las porque a primeira coisa que era preciso assegurar, era que elas fossem *capazes* de servir os pobres. Logo, era preciso conhecê-las e lhes dar uma formação *personalizada*<sup>17</sup>.

A partir deste conhecimento, Luísa elabora e completa pessoalmente, aos mínimos detalhes, o plano de formação que tinha pensado junto com Vicente: organiza as técnicas de trabalhos, os trabalhos com agulhas, o tempo e os exercícios de leitura, servindo-se dos conhecimentos pedagógicos das Ursulinas, (...) elabora a formação religiosa e espiritual baseando-se no Catecismo, sem esquecer o catecismo de São Belarmino<sup>18</sup>. Redigindo seu programa, considerava sempre a pessoa em sua individualidade: "*se houver alguma com dificuldade para aprender de cor as orações, quando tiverem acabado a escrita, fá-las-á repetir tais orações*" (E.48 (A91 bis) pág. 871).

Luísa sabia que suas filhas tinham necessidade de formar-se para serem pessoas responsáveis, ela queria estar segura que o *dom* destas jovens era sincero: que não tinham vindo para visitar Paris, nem para procurar um trabalho. que seu compromisso nesta associação não era somente temporário (C.50 (L.45) pág. 67). Ela começa assegurando uma formação humana e cristã para jovem; era preciso fazer delas mulheres sérias, mestras de si, segundo o modelo cristão. Era preciso adquirir virtudes sólidas, sobretudo a caridade, o sentido da responsabilidade, a tolerância, as "virtudes das boas moças do campo": um espírito simples, uma humildade sem ambição, a sobriedade na alimentação, a obediência e a pureza manifestada pela modéstia do olhar, nas

relações e na maneira de se vestir. Se quisessem servir os pobres, não deveriam ser provocantes nem ter “*vontade de aparecer bem vestidas*”(Coste I p. 304)<sup>19</sup>.

Segundo Vicente para que elas fossem bem formadas, Luísa deveria lhes inculcar a *mortificação* de suas afeições, paixões, um comportamento exterior e o domínio de sua vontade: “*será bom lhes dizer em que consiste as sólidas virtudes, principalmente a da mortificação interior e exterior... e será preciso firmar bem sobre isto, sobretudo a virtude da obediência e a da indiferença ... para adquirir a virtude da mortificação*” (Coste I p. 278)<sup>20</sup>.

## **A FORMAÇÃO É, ANTES DE TUDO, OBRA DA PRÓPRIA IRMÃ**

“*Depois de Deus, a formação é principalmente obra da jovem Irmã, guiada pelo Espírito Santo* (cf. C. 51). Portanto, a tarefa da formadora é de ajudar a Irmã à viver o carisma que lhe foi dado pelo Espírito Santo. Vicente diz somente a Luísa: “*que vós lhes digais*”. A formadora ajuda, mas a formação vem do interior da pessoa onde habita o Espírito Santo e onde a Filha da Caridade percebe a força do carisma<sup>21</sup>. Se foi a Irmã mesma que decidiu dar-se a Deus, ela deve preocupar-se com sua formação como Filha da Caridade. A Comunidade e a formadora a ajudarão e a acompanharão a fim de que, sob a conduta do Espírito, ela possa tomar *boas decisões* a todo o momento e ser fiel ao dom que ela fez a Deus na Companhia, isto é, a vocação recebida e ao carisma. (cf. C. 52).

Se a formação é antes de tudo obra da Irmã, isto quer dizer que formar, é ajudar *aquele que se forma*, por isto devemos pôr de lado nosso interesse pessoal para considerar as diretivas do Espírito Santo na sinceridade e na objetividade. A formadora age como a delegada do Espírito. Na origem da Companhia, como o vemos no Regulamento que Luísa redigiu para a Diretora do Seminário (*Ofício da Zeladora*) que era também a Irmã Servente da Casa: “*A Irmã Zeladora terá um cuidado muito especial em considerar as obrigações de seu cargo... despojando-se de suas paixões para agir desinteressadamente, e, se possível, sem julgamento próprio. Pedirá, com frequência, a ajuda do Espírito Santo para não olhar suas Irmãs e o que fazem, senão com sua divina luz*” (E.48 (A.91 bis) pág.867).

Luísa tinha medo de ser negligente nas instruções e nas ajudas a serem dadas às Irmãs (E.82 (A.67), E.53 (A.75)). Temia por esta causa, ser culpada diante de Deus da saída de uma filha: “*Não sei se houve falta minha por não ter tido bastante cuidado em visitá-la durante seu retiro*” (C.461 (L. 411) p. 508). Mas, no fundo, ela sabia que cada Irmã devia tomar sua decisão livremente: “*Não é para nós pequeno sofrimento o termos de experimentar tantos e tão diferentes espíritos e perdemos tanto tempo empregados em servi-las, a fim de formá-las e depois, a fraqueza no-las arrebatam*” (C.293 (L. 481) pág. 334)<sup>22</sup>.

## **PARA VIVER O CARISMA, A FORMAÇÃO DEVE CONSIDERAR O ASPECTO HUMANO, ESPIRITUAL E PROFISSIONAL.**

Em geral, diz-se na Companhia, que a formação tem por finalidade formar mulheres sólidas, de torná-las cristãs engajadas, Irmãs simples, humildes e solidárias com os pobres. No entanto, lendo as cartas de Luísa de Marillac e os Regulamentos que redigiu, percebe-se que na formação de uma Filha da Caridade, não se pode separar o aspecto humano do aspecto espiritual e profissional. O carisma engloba toda a pessoa em seu plano humano e espiritual, de tal maneira que ela se torne exclusivamente uma Filha da Caridade, totalmente doada a Deus, em seguimento de um chamado do Espírito Santo para servir o Cristo nos pobres. Ela tem pois uma profissão ou um ofício de serva. A formação tem por finalidade fazer dela uma boa serva “*capaz de servir a Deus e seus pobres*” (C.556 (L. 547 bis) p. 598).

O artigo 52d das Constituições o afirma claramente que: "*A vocação vicentina orienta as diferentes dimensões da formação e lhe confere sua unidade*". O critério de unidade de vida constitui, o eixo vicentino, que condiciona todas as dimensões da formação. É o que Santa Luísa já incutia: que as jovens Irmãs deviam ser boas Filhas da Caridade, que crescessem, amadurecessem, e fossem responsáveis pelo carisma recebido para sua salvação eterna e para alcançar a santidade por meio de um bom serviço dos pobres (C.371 (L 311 pág. 408). Portanto, o objetivo da formação é: unificar todos os aspectos fundamentais da vida através do carisma. O que era válido para as moças de então, continua sendo para a nossa época, para jovens mulheres que tendem a separar as diferentes áreas de sua vida de mulher, de profissional e de Filha da Caridade.

Luísa pede a Vicente para redigir as Regras e os Regulamentos, explicando certos artigos para que todas os compreendam bem e os releiam frequentemente. Uma vida unificada facilita a coerência interior, com um objetivo claro: mostrar-se dócil às inspirações do Espírito Santo para servir os pobres com humildade, simplicidade e caridade (C.374 (L. 315); C.394 (L.333)). Esta unidade de vida interior não quer dizer que se esteja protegida das crises e dos conflitos, mas pode-se superá-los com o domínio de si mesma e a mortificação. (C.440 (L. 373) pág. 486; Coste I p. 278).

## **A EQUIPE DE FORMAÇÃO**

No começo, a Companhia não tinha as estruturas atuais. No entanto, com o passar dos anos, o número de Irmãs e de obras aumentava. Luísa, em acordo com Vicente, refletia sobre a criação de uma estrutura: a equipe de formação que compreendia as Conselheiras, uma Diretora para acolher as recém-chegadas, as Irmãs Serventes e diretores espirituais (cf. Estatuto 33).

## **A IRMÃ SERVENTE**

Para Luísa, a Irmã Servente tem a mesma tarefa que as Constituições atuais lhe atribuem: a responsabilidade das Irmãs durante sua formação inicial após o envio em missão (cf. C. 57) e também das jovens que chamamos hoje de postulantes (cf. C. 54). Os conselhos dados por Luísa às Irmãs Serventes podem servir também para as responsáveis da formação hoje.

Terminando a primeira etapa de sua formação na Casa Mãe e colocada em uma Comunidade, a Irmã era como "*uma tenra planta da qual se podeis esperar bons frutos*" (C. 331 (L. 290bis), pág. 374), sua formação não esta terminada, a Irmã deve continuá-la no meio de uma Comunidade e com a Irmã Servente que é a primeira responsável, mesmo se toda a comunidade é formadora (cf. C. 51c), especialmente as Irmãs mais idosas que testemunham uma certa autoridade moral e podem lhes servir de exemplo<sup>23</sup>.

## **A UNIÃO E A ALEGRIA NA COMUNIDADE FORMADORA**

Quando as jovens estavam na Casa Mãe, Luísa lhes incutia um estilo de vida comunitário específico.

Alguns meses após sua entrada na Companhia as jovens são enviadas em missão. Para os Fundadores, as necessidades do serviço dos pobres são prioritárias. Eles não colocavam o serviço antes da formação, mas consideravam que elas podiam formar-se também no serviço. A jovem Irmã não se retirava da sociedade para se formar, ela se colocava a servir: "*nesse meio tempo, espero que Deus nos concederá a graça de que se irão formando as recém-chegadas*" (C.450 (L. 399) pág. 497) Luísa se dirigia ao Abade de Vaux. Vicente não hesita enviar jovens Irmãs para "se formarem" junto aos campos de batalha em Calais<sup>24</sup>.

No Conselho de 11 de junho de 1654, Luísa e Vicente fazem juntos a escolha de uma Comunidade:

- *“Mademoiselle falou: É bem difícil, meu Pai, encontrar Irmãs que tenham todas as condições que acabastes de enumerar.*

– *Vede, Mademoiselle, é preciso que as tenham ou lhes falte muito pouco e além disso devem ser Irmãs de bom espírito, prudentes e que tenham dotes de direção porque há muita diferença entre devoção e a economia...É preciso ter o cuidado de escolher moças de bom espírito”<sup>25</sup>.*

Além da formação pessoal há também a formação comunitária com as Irmãs da Comunidade. Luísa insiste muito para que nas Comunidades, reine a alegria e a união (cf. C. 32). *“Em nome de Deus, querida Irmã, rogo-vos tendes entre vós tolerância e cordialidade e praticai a santa alegria”* (C.194 (L. 83) pág. 230). A animação da Irmã Servente deve procurar antes de tudo que as relações entre as Irmãs sejam fraternas e cheias de alegria. Luísa pede às Irmãs que vivam em união e harmonia, qualidades ainda mais necessárias para uma Comunidade que devia acolher uma jovem Irmã. Se a chegada de uma jovem Irmã ocasiona alegria, ela exige também fazer mais atenção para ajudá-la a se formar<sup>26</sup>. Luísa pensa em pedir a opinião da Irmã Servente para saber se as Irmãs da Comunidade estão aptas para serem formadoras. (C. 417 (L. 351); C.441 (L. 370)).

O modelo de uma comunidade unida é a Santíssima Trindade<sup>27</sup>: a diversidade das pessoas da Trindade. A segunda Pessoa, separando-se do Pai e se fazendo homem, não rompe a unidade porque é o Espírito Santo que os une<sup>28</sup>.

A formação de uma jovem Irmã é uma missão importante, tão importante quanto o governo ou a direção de uma obra. Mas é necessário que a Irmã Servente seja formada e que continue a se formar (C.61(L. 53)), que seja aberta, de relação fácil, que suscite confiança, que seja humilde e tolerante em relação à divergência de caracteres e temperamentos às vezes, opostos uns aos outros. Ela deve sobretudo formar pelo exemplo, cumprindo com exatidão as normas comunitárias. (C.15 (L. 11), C.115(L.104 bis), C.116(L. 105)).

Para marcar mais fortemente o espírito da Irmã Servente formadora, em algumas cartas, Luísa a compara com o Bom Pastor do Evangelho, ou a uma mãe, com suas qualidades femininas. As duas imagens refletem aspectos diferentes das disposições de uma Irmã Servente, que é, e que se sente responsável diante de Deus pela formação da Irmã. (C.119 (L. 70 bis)).

Em uma época onde valorizamos o indivíduo e a liberdade pessoal, isto nos parece excessivo, não devemos nos surpreender quando Luísa aplica à Irmã Servente uma metáfora frequente do século XVII: a Irmã Servente deve se considerar *“como mula da casa, que deve carregar todo o peso, e será assim quando tratardes nossas Irmãs, que seja com grande suporte e doçura... advertindo-as com caridade de suas faltas em tempos que lhes forem mais úteis, não dizendo jamais ter afeição particular mas tratar sempre de tal maneira que todas acreditem que são amadas e suportadas por vós”* (C.118 (L. 125 bis) pág. 139).

## **OS DIRETORES ESPIRITUAIS DAS CASAS.**

Luísa acompanha as Irmãs Serventes. É impressionante como no século XVII, ela já tivesse pensado nas partilhas comunitárias como meio de formação mútua (C.71(L. 128) n°11) e como lhes aconselha aceitar a ajuda dos Diretores Espirituais e dos Lazaristas.

Próximo ao fim do ano de 1638, as Filhas da Caridade, que não trabalhavam mais nas Confrarias das Caridades, se estabelecem em Richilieu, Angers e em Nantes, muito distantes de Paris. Luísa percebeu que os diretores espirituais, que já existiam nas casas religiosas femininas, poderiam ser elementos importantes na direção e na formação das Irmãs distantes de Paris.

Os Diretores espirituais: o Abade de Vaux e Monsenhor Ratier em Angers, Monsenhor de Jonchères em Nantes desempenharam uma grande tarefa nesta formação, porém, agiram de acordo com as indicações de Luísa. Com sua delicadeza feminina e de acordo com Vicente, lhes comunicava seu pensamento nas conversas ou através das correspondências, sobre os aspectos da direção, da autoridade que ela lhes delegava bem como da maneira de o exercer (C.104(L. 32)). Desta maneira ela chegava a manter uma certa unidade nas equipes de formação, evitando que cada membro trabalhasse independentemente.

Na prática, estes diretores são cuidadosamente escolhidos e dignos de confiança em razão de sua formação teológica, espiritual e sacerdotal. Sobre o plano moral deviam ser irrepreensíveis, e aceitar as diretivas dos Fundadores sobre o carisma e as estruturas da nova Associação<sup>29</sup>.

Curiosamente, estes diretores espirituais eram, em geral, padres diocesanos, estavam sob a autoridade dos Lazaristas, que faziam a visita oficial. Estes diretores e os Lazaristas prestavam contas à Luísa e a Vicente sobre o estado da Comunidade<sup>30</sup>.

## OS LAZARISTAS

A Particularidade da nova Associação impulsiona Santa Luísa a incluir os Lazaristas na equipe de formação, o que não agradava a São Vicente, nem aos Padres da Missão, porque eles acreditavam que tomava tempo das missões populares. Porém, Luísa procura através de todos os meios obter o engajamento dos Lazaristas na formação. No fim de sua vida, Vicente de Paulo aceita que a direção espiritual da Companhia seja uma obra confiada à Congregação da Missão, que não fosse qualquer Lazarista, mas alguém que pudesse ser diretor espiritual das Filhas da Caridade ou pudesse fazer a visita oficial das Comunidades. Devia ser enviado e autorizado pelos Superiores da Companhia<sup>31</sup>.

Esta decisão de Luísa compreende-se por várias razões: o distanciamento e a solidão em que as Irmãs poderiam se encontrar (Documento nº 786), a falta de reconhecimento da condição feminina ao olhar da sociedade, e sobretudo, a natureza excepcional da Companhia: uma associação secular de mulheres consagradas, sem clausura, nem votos públicos, vivendo no meio do mundo. Estas mulheres não tinham estudado nem Teologia, nem espiritualidade do Direito eclesiástico, e corriam o risco de cair sob o poder dos Bispos, dos teólogos ou dos juristas que não compreendiam sua condição, querendo estes, fazê-las religiosas. A Companhia já existia há seis anos, no entanto a superiora das Beneditinas de Argenteuil ainda não considerava as jovens como simples membros de uma Confraria. Santa Luísa precisou lhe explicar que a vocação das Filhas da Caridade vinha de um "*desígnio de Deus*", afastar uma jovem de sua vocação, queria dizer "opor-se" à vontade de Deus e "*colocar uma alma em perigo de salvação*"(C.14 (L. 9) pág. 29). No espírito de Luísa, tudo isto fazia parte de um grande plano de formação que ela conduzia com tenacidade<sup>32</sup>.

No entanto, não é de se admirar que seja a um Lazarista, o Irmão Ducourneau, que Santa Luísa explica as disposições necessárias que deviam ter uma jovem que quisesse ser Filha da Caridade: "*É necessário fazer compreender às jovens de Saint-Fargeau que solicitam ser recebidas na Companhia das Filhas da Caridade, que esta não é uma ordem religiosa, nem um hospital donde não se sai, mas, sim, que irão continuamente em busca dos pobres doentes, em diversos lugares, nas horas determinadas, faça o tempo que fizer. Que elas se vestem e se alimentam muito pobremente, sem jamais cobrir a cabeça, se não com uma toca de tecido, quando for muito necessário. Não podem ter outra intenção, vindo à Companhia, que a de apresentar-se unicamente*

*para servir a Deus e do próximo. Nela viverão em contínua mortificação de corpo e de espírito, tendo vontade de cumprir rigorosamente todas as regras e, de modo especial a de uma obediência sem réplica. Saibam também que mesmo saindo por Paris, não lhes será permitido fazer visitas a seus conhecidos, sem licença" (C.618 (L. 561) pág. 659).*

## **A CORRESPONDÊNCIA COM AS COMUNIDADES.**

Antes de analisar a correspondência de Luísa, devemos ter em mente que no século XVII, existia uma relação entre: mestre e aprendiz, mestre e noviço, professor e aluno, superior e subordinado. Bem ou mal, devemos nelas pensar ao lermos as cartas e os escritos de Luísa de Marillac, pois, algumas vezes, ela emprega uma linguagem de mestre, de diretoria, de professora ou de Superiora. Atualmente, é mais acentuado na jovem que é o personagem principal de sua formação.

Em suas correspondências às Comunidades, pode-se ver em Luísa a verdadeira formadora que continua a acompanhar as jovens que não estavam ainda bem formadas quando foram enviadas em missão<sup>33</sup>. Não sabemos com precisão se as cartas são dirigidas às novas Irmãs, recentemente colocadas ou às antigas Irmãs que acabaram de receber nova colocação (C.398 (L. 337), C.450 (L.399)). É preciso lembrar que Santa Luísa tinha o costume de enviar uma jovem Irmã com outras que eram mais antigas<sup>34</sup>, pode-se mesmo dizer que cada vez que a comunidade tinha ao menos 3 Irmãs ou mais, a Irmã Servente devia formar uma ou duas jovens Irmãs.

Não podemos esquecer que a chegada das Filhas da Caridade na Igreja do século XVII foi uma revolução, não somente religiosa mas também social : abrir a porta da consagração a Deus para um número incalculável de moças pobres sem dotes, sem acesso à vida religiosa num convento, mas que desejavam consagrar-se a Deus, servindo-o na pessoa dos pobres era algo de extraordinário. Na medida em que a Companhia cresce, o número de jovens Irmãs aumenta, por exemplo em 1654, "onde não havia na casa mais que *“três antigas para ajudar a formar outras”* (C.478 (L.401) pág.523)<sup>35</sup>, então não se podia atender aos pedidos de novas fundações.

Algumas vezes a necessidade dos pobres era tão urgente que, logo que uma Irmã estivesse um pouco preparada, era logo enviada com uma mais antiga. Em geral a colocação se fazia mais em função das necessidades dos pobres: "*Envio-vos nossa Irmã, que não terminou o seu Retiro. Dai-lhe possibilidade de fazer as três ou quatro últimas meditações; isso não a impedirá de trabalhar na casa*" (C.458 (L. 396) pág.505). Neste caso, Luísa continua a formação por correspondência: "*Peço-vos, querida Irmã, considereis a nossa Irmã como quem chegou recentemente: embora seja boa, necessita porém de instrução e prática*" (Escritos C.459 (L. 431) p. 505). Isto coincidia com as palavras de Vicente: "*é importante de bem vos formar, uma vez que estais aqui, aprender tudo o que é preciso saber...porque não podeis permanecer muito tempo aqui*" (Conf. de 1 de janeiro de 1654, pág. 435). Ele mesmo, próximo do fim de sua vida, impelido pela necessidade e a urgência, enviou Irmãs jovens, ainda em formação, a Calais para cuidar dos soldados doentes (Conf. de 04 de Agosto de 1658, pág. 810).

Por correspondência Luísa continua o acompanhamento de suas filhas<sup>36</sup>, ela as conhecia desde sua chegada à Casa. Lembrava-se de suas virtudes, seus defeitos, suas inclinações e suas manias, e como boa formadora, as encorajava, apoiava e as dirigia, sabendo que isto era importante<sup>37</sup>. É o que a própria Luísa diz à sua antiga secretária Mathurine Guérin: "*Rogo-vos, querida Irmã, assim as recebeis e, além disso, tende cuidado em reler nossas apreciadas cartas, para receberdes por meio delas o espírito de Jesus Cristo, sem o qual tudo quanto dissermos e fizermos não passa de címbalo que retine*" (C. 716 (L. 650) pág. 758).

Depois da morte de Luísa, Mathurine Guérin dirá à Margarida Chétif, que sucedera à Luísa, que ela havia guardado algumas cartas "*que eu guardo como relíquias de seu espírito*"<sup>38</sup>.

## OS OBJETIVOS DA FORMAÇÃO

Lendo a correspondência de Luísa, observa-se os pontos pelos quais são necessários iniciar a formação para enfrentar cinco tipos de dificuldades, às quais as jovens enfrentavam e que Luísa observou durante o ano de 1639.

Ela sabia que estas jovens, como a maior parte das mulheres de seu tempo, eram consideradas como pessoas de segunda categoria, sem personalidade jurídica nem social, submetidas aos homens. Porém, em muitos casos, estas mulheres assumiam a responsabilidade da direção nas obras sociais. Era preciso pois, dar uma boa **formação humana** para ter relações respeitadas com os pobres, as damas e as outras Irmãs, dominando sua afetividade (C.518 (L. 463)) afim de ter um espírito aberto e franco, do contrário faria muito mal nas comunidades (E.83 (A. 65)).

Se elas deviam assegurar a direção de uma obra, de uma sala ou de uma escola, com toda a justiça era preciso dar-lhes uma **formação profissional e técnica**. Então Luísa começa a redigir os Regulamentos para cada obra que a Companhia se encarrega. Certos Regulamentos se pareciam ao que chamamos hoje de "Plano de Formação": As Irmãs deviam aprender não somente a ler e a escrever, a ter um livro de contas, mas também deviam cuidar dos doentes, lavar suas mãos antes das refeições, acompanhar o médico quando este as visitava. Ela insistia muito sobre as qualidades da doçura, da tolerância, do respeito para com os doentes. "*Nossos queridos Mestres... os membros de Jesus Cristo*" (C.115 (L.104 bis) pág.134). Desejava que elas aprendessem a sangrar, a ocupar-se do boticário e vai até enviar Irmã Henriette à Nantes por algum tempo, afim de que ela ensine à Irmã Cláudia a fazê-lo<sup>39</sup>. Como os medicamentos eram caros e raros, não é de admirar que a Irmã Henriette mostre à jovem Irmã como prepará-los. Para que elas não perdessem seu tempo, que pertencia aos pobres, pedia-lhes de evitar fazer visitas inúteis; de não aprender a ler durante o tempo que deviam estar com os doentes. Uma vez, como desculpa, disse-lhes que não lhes escrevia para não lhes fazer perder tempo (C.23 (L. 19) pág.40)<sup>40</sup>.

Luísa encarregava as Irmãs de dar aulas às meninas pequenas; de evangelizar os doentes; de acompanhar as pessoas que agonizavam, de falar aos convalescentes, etc. "*para isto é preciso que elas sejam instruídas primeiramente elas mesmas antes de poder ensinar aos outros*" (Conf. de 16 de Março de 1659, pág.856). Precisou dar-lhes **uma formação pastoral, religiosa e moral**, muito diferente das ideias da sociedade de então<sup>41</sup>. Era uma formação simples, baseada no catecismo que Padre Lambert e Luísa lhes explicavam, todos os domingos e nos dias de festa após as Vésperas. Esta formação era profunda e completada pelo catecismo de São Bellarmino<sup>42</sup>.

No entanto, Luísa não queria que as Irmãs fizessem o catecismo nas salas dos hospitais, como se fazia em La Fère, para evitar que elas se destacassem em público, enchendo-se de vaidade e de orgulho, ou porque temia que não estivessem à altura e pudessem induzir as pessoas ao erro, e também porque isto exigiria das Irmãs estudos e seriam obrigadas a abandonar o serviço. Luísa temia igualmente que a Companhia se dividisse em dois grupos: as cultivadas e as servas; as primeiras desprezariam então o trabalho material, a maneira de viver e de se vestir como uma serva (E.108 (A. 100))<sup>43</sup>.

Suas filhas eram jovens mulheres consagradas a Deus que viviam os conselhos evangélicos, e no entanto eram obrigadas a ir e vir pelas ruas. Para viver assim, era preciso **uma formação espiritual para ser testemunhas e não passar a imagem negativa nem como consagradas, nem como servas**; "*Não é suficiente ser Filha da Caridade de nome... embora isto*

*já é um bem que jamais será suficientemente estimado, mas é preciso ter verdadeiras e sólidas virtudes que sabeis bem que deveis possuir para bem fazer a obra na qual sois felizes de pertencer, sem isto, minhas Irmãs, vosso trabalho vos será quase inútil" (C.129 (L. 121) pág.151) <sup>44</sup>.*

O que ela mais temia eram a falta de modéstia e a imprudência. Em matéria de castidade, estes escândalos poderiam levar a supressão da Companhia<sup>45</sup>. Assim, por exemplo, ela proíbe as saídas de uma jovem Irmã que saía sem avisar para ir ver seu Diretor espiritual. A correção era dura, era preciso evitar que outras Irmãs pudessem eventualmente fazer a mesma coisa, mas sobretudo, isto poderia escandalizar as pessoas (C.298 (L. 256) pág.340).

Difundidas na França e na Polônia, é preciso inculcar nas Comunidades **o sentido de pertença à Companhia**. Em suas cartas, Luísa lembra às Irmãs que, mesmo distantes, elas são membros da Companhia e estão ligadas com a Casa principal que Luísa chamava de “a Casa”<sup>46</sup>. Ela lhes dava as informações do serviço, da mudança de suas companheiras, das novas fundações, daquelas muito longe de Paris, da doença ou morte de uma Irmã que elas conhecessem. Numa carta ela acrescenta uma nota simpática de pertença. “*Vós demorais muito a nos dar notícias; lembro-as bem que não estais lá emprestadas...peço-vos em nome de Deus, para as duas, de pensardes na fidelidade que deveis a Deus e à Companhia, para a qual ele teve a bondade de vos chamar" (C.271 (L. 235) pág. 311).* O sentido de pertença lhes dava a paz interior, a união alegre e o acompanhamento na distância.

## **O SERVIÇO DOS POBRES**

No entanto, para Santa Luísa, toda a formação tem como objetivo principal: um **serviço dos pobres** de qualidade. Na sua correspondência os pobres estão sempre presentes. No final de sua carta, ela explicava como agir com os pobres, as encorajava para se dar aos pobres através do serviço material e espiritual, e insistia principalmente sobre o **serviço espiritual**. O serviço dos pobres estava acima de tudo, mesmo antes da observância das Regras. Luísa de Marillac sabia que a espiritualidade das Filhas da Caridade se alimentava, vivia e se desenvolvia no serviço, era isto que ela lhes inculcava.

Se observarmos, Luísa parece toda doada à atividade: administração e direção; escrevia milhares de cartas; visitava pessoas; ocupava-se de problemas muito diferentes da Companhia, inclusive detalhes concernentes às Comunidades, às Irmãs e aos pobres. Não estava frequentemente com os pobres, mas ensinava às suas filhas que eles eram os membros sofredores de Jesus Cristo. Insistia para que elas se revestissem do Espírito de Jesus Cristo, de maneira que servindo os pobres vissem Jesus Cristo neles. (E. 98(A. 26)). Eis porque pode-se dizer que ela atingiu o ápice da formação espiritual, em relação ao que toda a formadora deve acompanhar a pessoa em formação.

## **O ACOMPANHADOR ESPIRITUAL.**

Lendo as cartas e os Regulamentos de Santa Luísa, constata-se que ela considerava a formação espiritual das Irmãs como uma tarefa delicada e pesada para as responsáveis. A formadora deveria ser também a **acompanhante espiritual** da jovem Irmã. Luísa que tem uma afeição quase maternal por Juliana Loret confia-lhe a formação da Irmã Michelle e lhe diz: “*Louvo a Deus que deu melhor saúde à Irmã Michelle, a quem peço a empregue bem, no serviço do próximo e no trabalho de formar-se em todas as máximas das verdadeiras Filhas da Caridade. Solicito-vos fazê-la prestar contas de suas orações e da prática de suas resoluções, também das faltas que contra elas cometer, mostrar-lhe-eis grande cordialidade quando vo-las declara. Cuidai igualmente, de que não se acostume, quando sair, a faltar à modéstia e ao recato que deve ter. Advertia sobretudo, de que se lhe derdes algum desgosto, vo-lo diga, com confiança. Fazei-a compreender a importância que há em ir falar com outras pessoas daquilo que ocorre entre vós. Podeis ler para elas a presente carta, se vos parecer necessário. (C.371 (L. 311) p. 408).*

Luísa ajuda as jovens a entrar na espiritualidade de Vicente de Paulo: "*É preciso pois, despojar-se de si mesmo, para revestir-se de Jesus Cristo, Coste XI p. 343*)<sup>47</sup>. Ela dizia com frequência às Irmãs: "*O pensamento do senhor Padre Vicente é que trabalhemos com grande simplicidade e, sabeis como devemos respeitá-lo e acatar suas ordens.*" (C.233 (L. 208) pág. 274). Acompanhava suas filhas mais à maneira de Vicente de Paulo e à maneira de Francisco de Sales que àquela de Berulle. Para as jovens, Luísa prefere "*A Introdução à vida devota*" do que "*o tratado do Amor de Deus*".

Lembrava muitas vezes às Irmãs a prática da piedade, das virtudes, a importância dos retiros mensais e anuais, explicava-lhes o espírito dos votos, as responsabilidades, as mudanças; insistia sobre a necessidade de mortificar os sentidos, as paixões, o julgamento e a vontade, o desprendimento das criaturas. O melhor meio para santificar-se era a observância das Regras.

## **UNIR-SE À HUMANIDADE DE JESUS CRISTO.**

Mesmo que a caminhada espiritual de cada Irmã seja pessoal (LG. 39-41), os Fundadores traçaram algumas linhas de referência, bastante largas, mais apropriadas às suas filhas. É o que denominamos a espiritualidade vicentina.

Quando Vicente começa acompanhar Luísa, esta tem uma espiritualidade beruliana visando a santidade. Nas primeiras cartas, Luísa não fala apenas de Jesus, mas de Deus. No entanto, Vicente fala de Jesus ou de Nosso Senhor particularmente através dos assuntos de meditação durante seus retiros. Progressivamente sem pensar, Luísa descobre a missão de salvação do homem Jesus. A Encarnação torna-se o centro de sua vida<sup>48</sup> e Luísa imagina uma teoria que a ajudará a suportar seus sofrimentos, seu complexo de culpa e começará a doar-se a Deus no serviço dos pobres

Para Luísa, o amor de Deus deve expressar-se não somente no centro da Trindade, mas também fora dela. Assim, Deus cria o universo, objeto do seu amor. De acordo com Luísa, Deus não criou o universo a partir do nada, mas a partir de Deus, que é unicamente amor. O homem é o fruto do amor de Deus, e participa deste mesmo amor. Os homens desejam a felicidade, mas não a podem encontrar de maneira plena e definitiva nas coisas criadas, caducas e imperfeitas. A verdadeira felicidade se encontra somente em Deus, mas o homem temporal, finito e imperfeito não poderá unir-se à divindade eterna, infinita e perfeita. Luísa afirma que o homem não poderá ser feliz, mas Deus decide por uma deliberação única e eterna de se fazer homem. Desta maneira, os homens podem encontrar a felicidade se eles se unem à humanidade de Jesus Cristo, se eles se revestem de seu Espírito<sup>49</sup>.

É este conjunto de reflexões que a preparou para assimilar a doutrina de Vicente de Paulo: **esvaziar-se de si, para revestir-se do Espírito de Jesus Cristo.** Luísa aconselhava suas filhas<sup>50</sup> a imitar Jesus Cristo, a segui-Lo, mas sobretudo para "se revestir de seu Espírito" ou "unir-se à sua Humanidade". Na verdade, imitar Jesus Cristo é copiar algo externo a si; "ser como o Cristo"; seguir é caminhar atrás de alguém: "seguir o Cristo"; revestir-se, ou unir-se é algo mais íntimo, é **ser um outro Cristo.**

## **CHEGAR AO AMOR PURO.**

Lendo as explicações de Luísa às Irmãs, uma formadora pode admirar-se ao perceber um certo rigor e uma desconfiança face à natureza humana, quando a espiritualidade moderna, de maneira geral, exalta os valores humanos. Porém não se pode esquecer que Luísa viveu no século XVII, no qual o Augustianismo, sem ser também exagerado como o Calvinismo, nem tão rígido

como o Jansenismo, tinha influenciado o pensamento sobre a natureza humana, fazendo-a aparecer como um abismo pelo pecado original e radicalmente inclinada ao mal.

Esta maneira de pensar era corrente na espiritualidade francesa do século XVII e Vicente e Luísa partilhavam dela. Luísa não esqueceu jamais sua espiritualidade nórdica de aniquilamento e de abandono total na divindade. Quando reconhecia o progresso das Irmãs na oração, ela as orientava com delicadeza para este caminho<sup>51</sup>.

No entanto, em geral, repetia às servas dos pobres que sua espiritualidade consistia em seguir Jesus Cristo, despojando-se de si mesmas pela mortificação e revestindo-se de seu Espírito para realizar fielmente a vontade de Deus<sup>52</sup>.

Sua secretária, Mathurine Guérin nos deixou linhas inesquecíveis, sugerindo como dirigir as Irmãs segundo a personalidade de cada uma: *“Quanto tive a felicidade de escrever suas cartas, eu não considerava então, os belos ensinamentos, mas admiro hoje, com qual diversidade elas os dava. A uma ela inculcava a observância das Regras, a outra o temor; à aquela o puro amor de Deus, e assim por diante”*<sup>53</sup>.

Nos primeiros anos de sua vida, Luísa admira o progresso espiritual das antigas camponesas. Algumas entravam em estado de contemplação como Vicente de Paulo as encorajava<sup>54</sup>. Muitas dentre elas são instruídas e têm uma espiritualidade profunda: Barbara Angiboust, Margarida Chétif, Francisca Carcireux, Ana Hardemont, Nicole Haran, Mathurine Guérin, Laurence Dubois, etc. Luísa as encorajava a viver em grande união com Deus, abandonando-se a Ele, num total desprendimento. Ela as incitava a procurar a santidade, o *“puro amor”*. Alguns anos antes de sua morte, Luísa havia escrito para todas as Filhas da Caridade, um tratado intitulado: *“O puro amor votado a Deus”*<sup>55</sup>.

## O ESPÍRITO SANTO É O VERDADEIRO FORMADOR.

A ação do Espírito Santo, na vida espiritual não é uma característica da espiritualidade de Vicente. No entanto, o Espírito é muito presente na vida de Luísa. Ela escreve isto nas anotações de um retiro, três meses antes de sua morte, um belo texto sobre o Espírito Santo no seio da Trindade.

Luísa está convencida, sobretudo nos últimos sete anos de sua vida que a jovem Irmã forma-se sob a inspiração do Espírito Santo. A Irmã deve responder ao apelo de Deus, sua resposta depende de sua liberdade e da graça divina. É o Espírito Santo que a impele a procurar e a encontrar Deus nela, nos pobres e nos acontecimentos. Viver com um espírito de humildade, simplicidade e caridade é o sinal de quem se deixa guiar pelo espírito Santo. As Irmãs Serventes e as equipes de formação devem também se manter continuamente na escuta das inspirações do Santo Espírito.

Padre Benito Martinez, cm

### NOTES:

<sup>1</sup> Coste X, Conf. 24 de agosto de 1659 pág. 875; Santa Luísa – Escritos Espirituais, C.692 (L. 628 bis) pág. 731

<sup>2</sup> Coste IX, Conf. 22 de setembro de 1647; Santa Luísa – Escritos Espirituais A. 63, L. 9, 283, 319, 481, 300, 459, 452, 479, 520 bis, Testamento Espiritual – Escritos pág. 967 ;

<sup>3</sup> Nem Santa Luísa nem São Vicente empregaram a palavra consagrada, mas em uma conferência às Irmãs., SV fala-lhes de uma *“jovem que chegará... para se consagrar a Deus no serviço das pessoas mais abandonadas da terra...”* Coste IX, conf. 19/08/1646 pág. 181. na Conf. 02/11/1655 pág.552. As constituições atuais também não empregam a palavra *“consagrada”* mas *“doar-se”*, exceção o LÉXICO (aprovação pontifícia e excepcional) No entanto, o documento *“Poço de Jacó”* (AG1991) admite que as Filhas da Caridade são consagradas, não pela *“profissão”* dos conselhos, mas pelo seu dom a Deus. João Paulo II o admitiu quando ele se dirigia à Assembleia geral de 1985 e 1997. A consagração das Filhas da Caridade, é preciso compreender de acordo com o sentido dado pela *Instrução sobre os votos*” a palavra *“consagração”* no léxico, segundo o n.44 a LG.

<sup>4</sup> Norma estabelecida desde a origem: Coste IV p. 232; 245... Santa Luísa envia ao Padre Vicente uma carta comovente (L. 36 bis), onde ela para não enviar a Irmã Maria Joly sozinha para Sedan.

- <sup>5</sup> Irmã Jeanne Françoise à Etampes (Escritos de Santa Luísa - L. 361; 367), Irmã Guillemine em Picardie (Conselho de 15/04/1651, "Documentos" Ir. Charpy p. 661) ou o caso de Brienne, Châlons e Sainte-Menehould (SL. L. 450; 451) (C. 43; St. 29).
- <sup>6</sup> "Signori e padroni" é uma frase bem conhecida para significar a posse absoluta de alguma coisa ou de alguém. Atualmente dizemos: "os senhores e mestres". Isto designa também os senhores de um lugar, de um hospital, uma cidade... É neste sentido que São Camilo de Lellis o dizia falando dos pobres. Esta expressão agradou SV que o empregava (Coste IX p. 119; X p. 266; 332). Santa Luísa utiliza a palavra «mestres" (L. 43, 424, 571).
- <sup>7</sup> Conf. De 09 de fevereiro de 1653, particularmente Coste IX p. 591-592; 595.
- <sup>8</sup> "Isto me fez pensar....que é desejável que vos formeis bem na oração mental aquelas que tem cuidado das recém-chegadas, a fim de que elas as dirijam bem neste exercício de santo" (Coste IV p. 47). " E vós, minha Irmã, que tens a responsabilidade de nossas novas Irmãs, faça com que elas compreendam bem a maneira de praticar a oração sob o assunto de uma conferência... Vós não o saberíeis por si mesma, minha filha, vós não tendes nem a capacidade nem a luz suficiente, mas Nosso Senhor Jesus Cristo o fará em vós e Ele próprio será a sua capacidade e a sua luz. Sejas uma filha de oração e Nosso Senhor lhe ensinará tudo o que precisais saber". Coste XIII p. 667-668.
- <sup>9</sup> Coste I p. 583; IX p. 413; 465... com razão, a última Assembleia geral falou de enraizar-se para revestir-se.
- <sup>10</sup> " Em nome de Deus, senhor Padre, não permitais que nada se faça que deixe uma possibilidade, por pequena que seja, de separar a Companhia da direção que Deus lhe deu" (C.181(L.130 quater) pág.216; ver L. 315, 333. 655), "assim nos tem ensinado o nosso honoratíssimo Pai, depois de tê-lo aprendido como o Filho de Deus, Jesus Crucificado"(C.202(L. 183) pág.239)
- <sup>11</sup> Documento 822, pág. 1081.
- <sup>12</sup> Coste I, 234, 300, 325, 505, 609-610. Escritos Espirituais, L. 106.
- <sup>13</sup> Coste. I, 277-278; ABELLY, L. I., c. XXIV, p. 114-115.
- <sup>14</sup> Naquela época a vida religiosa era considerada em geral como uma ocupação entre tantas outras. Eram os pais que decidiam. Muitas vezes, as circunstâncias econômicas e sociais, ou a ordem de nascimento impunha o estado de vida de uma jovem: casada ou religiosa, o estado celibatário era mal visto e perigoso para uma mulher. Por isso, não me permito julgar a intenção reta de uma vocação através dos critérios atuais. Não se pode negar também que estes condicionamentos não façam parte de uma verdadeira vocação divina. Hoje, como antigamente as mediações materiais podem entrar como constitutivos da vocação.
- <sup>15</sup> Escritos Espirituais, L. 9, 30, 47, 65, 102, 138, 277 bis, 323...
- <sup>16</sup> Coste I p. 300, 325, 328, 505, 610.
- <sup>17</sup> "E vós, querida Irmã Luísa, voltastes a cair nas mesas faltas..." (Escritos C.15 (L.11) pág. 31) " Esqueci de vos propor nossa Irmã Anne de Saint-Paul de quem, eu acredito, é preciso preparar o espírito (L.28). "Nossa Irmã Brígida, caso ela saiba que estais a par disso, aconselhai-a a evitar todos os perigos de recaída em situação semelhante" (C.116 (L.105) pág. 136) " Gostaria que a irmã Rosa esperasse minha volta para fazer o Retiro ; ela é um pouco escrupulosa e tem de ser atendida de modo diferente das outras" (C.155 (L.144) pág.179) "Rogo-vos, senhor, que a façais conhecer seus defeitos, que suponho numerosos e produzem a falta de entendimento existente entre elas, porque, sob sua aparente mansidão e caridade, esconde-se a busca de sua própria satisfação e vã estima; porém, não se dá conta disso, pois, ela tem desejos de ser perfeita (C.158 (L.145) pág.182).
- <sup>18</sup> Coste I, 238; X, 623; XIII, 664, 667; Correspondências e Escritos: 192, 193, 208, 623; A 91 bis, 100
- <sup>19</sup> Coste I p. 232-236, 238, 304, 315; Conf. De 25 de janeiro de 1643.
- <sup>20</sup> Luísa desconfiava das mortificações que prejudicavam a saúde. Ela preferia o domínio de si à mortificação corporal " parece-me ser mais uma sombra de mortificação, que verdadeira mortificação" (Escritos C64 (L.55) pág.81).
- <sup>21</sup> Com o objetivo de encorajar as Irmãs, Santa Luísa escreveu uma memória sobre as obrigações de se formar (E.70 (A 60) pág.90)
- <sup>22</sup> "várias, depois de formadas deixam-se levar por seus próprios interesses e saem da Companhia para ter mais liberdade"(Escritos C.478 (L.401) pág. 523)
- <sup>23</sup> Escritos L. 104 bis, 169, 194, 198, 214, 232, 290 bis, 647 bis.
- <sup>24</sup> Escritos L. 564; Coste. X p.555.
- <sup>25</sup> Documentos nº 592, pág.746.
- <sup>26</sup> Escritos L. 125 bis; ver L. 104 bis, 105, 569 bis; S. 1
- <sup>27</sup> Escritos L. 111, 248, 429; A 27, 38, 75, 84, 85. É curioso notar que uma vez, ela apresenta como modelo de comunidade unida, o Reino dos Céus (A. 37), e uma outra vez o reino de Jesus Cristo (L. 374).
- <sup>28</sup> Lendo as cartas e escritos de Santa Luísa percebi um tratado magistral sobre a união comunitária : natureza, dificuldades e dimensões (orgulho e amor próprio, diversidade de caráter, sobrecarga de trabalho, decepção diante das mudanças, relações com os externos); os meios práticos para chegar a viverem esta união (tolerância, suporte e cordialidade, repouso e recreação, confiança mútua, respeito, desculpar, saber ceder e advertir com habilidade e virtude). Mas não se trata do assunto de hoje.
- <sup>29</sup> Escritos L. 147, 170; Coste 23, 179, 180, 214, 431; X, 617.
- <sup>30</sup> Documentos Ir. Charpy N° 432, 496, 507, 724; e toda a correspondência com o Abade de Vaux.
- <sup>31</sup> Coste VIII, 233-234, 237-239; XII, 86-87; Documentos Ir. Charpy 453, 469, 471, 699 bis, 777, 779...
- <sup>32</sup> "Escritos" L. 88, 319, 446, 460, 464, 544, 607, 629... (mais este aspecto seria tratado em uma outra conferência...)
- <sup>33</sup> Felizmente, 16 de outubro de 1627, Pierre d'Almeras tinha publicado o Regulamento dos Correios. Mesmo se deixava um pouco a desejar, organizava as correspondências particulares que já existiam e instituiu "os correios ordinários, por um preço baixo, saindo e retornando com horários fixos" de Paris para as principais cidades do Reino e vice-versa. O Estado tinha o direito de abrir a correspondência privada para poder descobrir espíões, impedir a propagação de rumores perigosos para a nação ou notícias consideradas como "segredos de Estado". O correio para Angers demorava aproximadamente três dias, se tudo transcorresse bem, mas poderia acontecer imprevistos : chuvas, acidentes, paradas provocadas pelas autoridades para conhecer não somente o conteúdo do correio, mas também o das cartas, tudo isso causava retardos de dez dias, algumas vezes até um mês. As cartas também podiam se perder pelo caminho. Além disso, quando a carta chegava a sua destinação, era preciso ainda encontrar o endereço para entregá-la.
- <sup>34</sup> As Irmãs Michelle e Barbe à Saint Nicolas; Barbe e Luísa à Richelieu, Claude-Brigitte e Marie à Chantilly; Jeanne e Mathurine à Liencourt, Julienne Loret ou Margarida Chétif à Chars, Julienne Loret e uma jovem Irmã à Fontenay; Barbe e Laurence à Bernay; Henriette e as Irmãs em formação à Calais; Françoise e Anne à Narbonne, etc.
- <sup>35</sup> Escritos L. 186, 246, 360, 421, 481.
- <sup>36</sup> Ela escrevia milhares de cartas, infelizmente, aproximadamente oitocentas chegaram até nós. Ela escrevia com facilidade, sem muita preocupação com estilo, algumas vezes seu estilo era pesado, para ela a ideia era mais importante que a forma. Seu espírito era mais rápido que sua pena, ela era concisa e não repetia o que lhe diziam, ou seja, ela responde sem que saibamos sobre o que fala. Ela

escrevia conforme as ideias chegavam. Parece que ela passa de uma coisa à outra, é por isso que alguns parágrafos são difíceis de compreender. Ela abria seu coração, pleno de sentimentos femininos. Nós a vemos alegre ou triste, preocupada ou aborrecida de acordo com as notícias que recebia.

<sup>37</sup> Ela queria que a correspondência com suas filhas fossem semanais ou ao menos a cada quinze dias. (Escritos L. 146, A 85).

<sup>38</sup> Documentos n° 822, pág 1078).

<sup>39</sup> Escritos L. 130 bis, 161, 236, 327, 352, 611; A 91, 91 bis

<sup>40</sup> Escritos L. 70 bis, 104 bis, 105, 116, 121, 136...

<sup>41</sup> Escritos L. 160, 196 bis, 200 bis, 360 bis, 368, 439, 581,...

<sup>42</sup> Escritos L. 132 bis, 208; A. 54, 55, 91 (Segundo caderno); Coste X p. 623; XIII p. 664-665.

<sup>43</sup> Ver Escritos L. 200 bis, 632, 650, 655. Nas salas dos hospitais, havia um altar para celebrar a Eucaristia e falar deste lugar era considerado como falar de um púlpito.

<sup>44</sup> Pode-se ver isso em duas cartas e dois escritos de Santa Luísa sobre o presente o futuro das Filhas da Caridade: L. 315 e 333 – A. 61 e 62. Mas, as vezes que ela o propõe são numerosas. Citemos somente um exemplo: "*É assim, queridas Irmãs, que temos de ser : pessoas que edificam o povo, e não pessoas que têm o nome o hábito de Filhas da Caridade e estão longe de fazer as obras que lhes são próprias*" (Escritos C. 686 (L.623) pág. 726).

<sup>45</sup> É preciso recordar que os perigos com relação a castidade, considerando sua condição de mulher e sua liberdade para o apostolado, isto foi uma das razões pelas quais foram suprimidas as Filhas de Maria Ward. Ver o livro de B. Martinez c.m. "*Empeñada en un paraíso para los pobres, CEME, Salamanca, 1995, p. 84-85*

<sup>46</sup> Sua correspondência tinha a mesma função que um boletim como "*Os Ecos da Companhia*" hoje. Ir. Françoise Douelle, isolada na Polônia, escreve à Santa Luísa: "*Parece-me que, quando não espero notícias de sua parte ou da vossa, estou totalmente abandonada e que não mais me querem*" (Documentos Ir. Charpy N° 786 p.1031)

<sup>47</sup> Ver também a conf. De 28 de julho de 1648 sobre "*O Espírito do mundo*". A última Assembleia geral e os escritos dos Superiores falam do "*enraizar-se*" que vem da Carta aos Colossenses 2, 7

<sup>48</sup> "Escritos" A. 7 (1ª dia) 19, 29, 24, 26, 27, 28.

<sup>49</sup> "*Vi que este poder de possuir-me, o devia à excelência do desígnio, que Ele teve ao criar o homem, de unir-se a Deus estreitamente por toda a eternidade, se pusesse em prática o único meio para isso : a Encarnação de seu Verbo o qual sendo homem perfeito queria que a natureza humana participasse da divindade por seus méritos e por sua natureza tão intimamente unidos*" (Escritos E.98 (A. 26) p. 937). "*Por esta via é que me pareceu que a humanidade santa de Nosso Senhor Jesus nos está continuamente presente...sendo como o ar sem o qual a alma não tem vida. Assim, é que vi a Redenção do homem na Encarnação e sua santificação, por meio da união do homem com Deus, na pessoa de seu Filho, por sua presença que, continuamente, aplica seus méritos a cada uma das almas associadas à união pessoal de Deus no homem, honra para toda a natureza, fazendo com que Deus a veja em todos, como sua imagem*" (E.66 (A. 14) pág. 898).

<sup>50</sup> "Escritos" L. 169, 309, 426, 508... A. 5, 8, 9, 10, 13 bis, 14, 15, 18, 23, 26, 27, 50...

<sup>51</sup> Não nos esqueçamos que antes de encontrar-se com o Padre Vicente, ela foi ajudada em sua vida interior pelos Capuchinhos, os Oratorianos de Bérulle, a carmelita Madeleine de São José, fiel discípula de Bérulle e por seu tio Miguel de Marillac; todos seguidores da Escola francesa Abstrata (Documentos n°s 827-829, 832, 837).

<sup>52</sup> "*Demos então o primeiro passo para segui-Lo que é o de dizer, com todo o nosso coração : eu O quero, amado Esposo, quero-O assim e para vo-lo provar, sigo-vos até ao pé da cruz que escolho para meu claustro. E aí, quero deixar à terra o que são afetos terrenos...Ao pé da Cruz santa e sagrada, adoro-vos, pois, e sacrifico tudo o que possa ser impedimento à pureza do amor que desejeis de mim...Não vos espanteis, queridas Irmãs, mesmo quando com esta palavra Tudo, eu não pretenda Coisa Alguma exceptuar*" (E.105 (A. 27) pág. 951).

<sup>53</sup> Documentos N° 822 pág. 1085).

<sup>54</sup> Conf. De 31 de maio de 1648

<sup>55</sup> Escritos A. 27 pág.950. L. 426, 405, 377, 448, 489 bis, 546, 519, 642. "*Acredito que vos lembrais bastante que, para que o serviço que lhe prestamos lhe seja agradável, é necessário partir de um coração bom, isto é, que saiba exercitar-se na mortificação de seu próprio julgamento, de sua vontade própria e da satisfação de seus sentidos e paixões. Sem isto, querida Irmã, nossas ações não são mais que barulho e com elas, apenas o amor-próprio fica satisfeito, afastando o puro amor de Deus – pedra filosofal que tudo converte em ouro*" (C.565 (L. 508) pág.609). O puro amor consiste em amar a Deus sem nenhum interesse pessoal, nem pelo céu, nem por medo do inferno. De tal maneira que, se por uma impossibilidade, uma alma soubesse que Deus deseja que ela se condenasse, ela aceitaria com alegria ir para o inferno (São Francisco de Sales). No século XVI, na França, havia muitas discussões sobre esse assunto, até a condenação dessas ideias na doutrina do quietismo. Como Santa Luísa fazia suas orações sobre este tema e em seguida partilhava e aconselhava às Irmãs ? Dela mesma, da plenitude de seu amor ? São Francisco de Sales, do capuchinho Lourenço de Paris ? Luísa leu o "*Tratado do Amor de Deus*" sobretudo o livro IX, capítulo IV (ver Coste I 86 - Escritos Santa Luísa A. 10).

## IRMÃ ANNE PREVOST

### A Comunidade, lugar de formação

10 de maio de 2011

Pediram-me para falar sobre a Comunidade como "lugar de formação". A questão da formação é um assunto difícil, pois as expectativas são múltiplas e diversas. Hoje, a formação constitui um grande desafio para as jovens que desejam entrar na Companhia. Para permitir que cada vocação possa se desenvolver e se realizar, um longo tempo de formação inicial é necessário. A

a formação é um caminho de progressão, acontece através de sessões de formação contínua, pois é necessário uma vida toda para se tornar uma Filha da Caridade.

A oração, a vida comum e o serviço são os primeiros lugares e o caminho privilegiado para crescer em nossa identidade de Filha da Caridade. Uma Comunidade que acolhe uma jovem Irmã tem a grande responsabilidade do acompanhamento diário. Porém, toda Comunidade é um lugar de formação para cada Irmã. O que torna belo a vida comunitária é o amor vivido por cada uma no seguimento de Cristo, Adorador do Pai, Servo do seu desígnio de Amor e Evangelizador dos pobres e a ajuda mútua neste percurso.

Mesmo se isto se expressa diferentemente, a dinâmica de uma Comunidade é de dar corpo à nossa espiritualidade, de favorecer o desenvolvimento de nossa identidade de servas em vista de um melhor serviço dos pobres. Portanto, a Comunidade tem por missão fazer seu, o carisma vicentino e vivê-lo.

Certamente a Comunidade ideal não existe e jamais existirá. A vida Comunitária é uma realidade na qual somos e seremos sempre iniciantes e reiniciantes. Portanto, se colocamos um olhar de fé sobre a nossa Comunidade, podemos reconhecer que ela é um lugar que nos faz entrar profundamente no espírito evangélico, recomendado por nossos Fundadores.

Vamos tentar colocar em palavras o que nos esforçamos para viver no quotidiano e estas palavras vão ressoar em cada uma de nós, de uma maneira ou de outra, de acordo com nossa experiência.

Para abordar este tema “A Comunidade, lugar de formação”, é importante olharmos o que as Constituições nos dizem a este respeito:

A C.49 afirma que “*a formação permite viver a vocação como uma **configuração progressiva a Cristo**, numa fidelidade renovada ao Espírito e ao fim da Companhia*”.

A C.50 faz algumas precisões complementares: “*A formação em todos os níveis visa, antes de tudo, o crescimento de cada Irmã na fé, de modo que, animada pelo Espírito Santo e o carisma dos Fundadores, ela se torna capaz:*

- *de adquirir convicções que firmam e unificam seu dom total a Deus;*
- *de ser serva de Cristo, nos pobres e dos pobres em Cristo, em espírito de humildade, de simplicidade e de caridade;*
- *de viver uma vida fraterna em comum para a missão”.*

Finalmente, a C.51c afirma que a Comunidade local é: “*o lugar privilegiado*” da formação.

Na primeira parte, vamos reforçar alguns fundamentos que devem enraizar a Comunidade para que esta seja **um lugar de configuração progressiva ao Cristo, Adorador, Servo e Evangelizador** (cf. C. 49).

Na segunda parte, vamos pesquisar como a Comunidade pode ser este lugar privilegiado de formação para nos tornarmos **servas no seguimento do Cristo**, em fidelidade ao Espírito e ao fim da Companhia (cf. C. 50).

Numa terceira parte, lembraremos alguns pontos fortes da **dimensão missionária da vida comunitária**. (cf. C. 50).

# **I. UMA COMUNIDADE ENRAIZADA EM CRISTO**

## **Lugar de formação para seguir o Cristo Adorador do Pai, Servo de seu desígnio de amor, Evangelizador dos pobres.**

### **Introdução**

Os Fundadores introduziram muito cedo a vida comunitária em seu projeto apostólico. Para eles, a vida em comum era a garantia do serviço dos pobres, mas era também o apoio necessário para que as Irmãs crescessem juntas em sua vida de fé a fim de realizar o serviço como os discípulos de Cristo. As Irmãs não vivem, pois, em comunidade para sua consolação ou seu conforto, mas para seguir o Cristo em fidelidade à sua vocação. O eixo essencial em torno do qual tudo deve se orientar é o dom total a Deus para o serviço dos pobres em comunidade com um espírito de humildade, simplicidade e de caridade.

O centro da Comunidade, sua razão de ser, sua regra de vida é a pessoa do Cristo. A referência central da Comunidade é “a vida segundo o Espírito de Cristo” e as Constituições lembrando os fundamentos doutrinários e evangélicos.

A Comunidade não se reduz à uma realidade humana, mas à uma realidade recebida do Cristo, é uma realidade de ordem espiritual. É a fé que nos reúne: o Cristo nos chamou, pessoal e comunitariamente para realizar o Desígnio de amor do Pai pelos pobres. O Espírito Santo é a alma da Comunidade. É Ele que constitui a Comunidade como tal. É o Espírito Santo que comunica a cada Irmã seu espírito de humildade, de simplicidade e de caridade que são as virtudes próprias das Filhas da Caridade.

### **A Comunidade é também um lugar de formação para seguir a Cristo.**

- Juntas, queremos seguir e imitar Jesus Cristo, Adorador do Pai, Servo de seu desígnio de amor, Evangelizador dos pobres.
- Juntas, nos ajudamos a nos tornarmos servas dos pobres, deixando-nos configurar pessoal e comunitariamente ao Cristo.
- Juntas, queremos nos unir ao Cristo, contemplá-Lo nos pobres e nos deixarmos evangelizar por eles.

### **A) “A Regra das Filhas da Caridade é Cristo, tal como a ESCRITURA O revela” (C. 8)**

Desde o início de sua vida pública, Jesus constituiu em torno de si uma comunidade de discípulos. Esta vida comunitária é o ponto de partida para a missão: “*Não fostes vós que me escolhestes, mas eu que vos escolhi e vos constitui para que vades e produzais fruto*”<sup>1</sup>. Chamados por Jesus, os discípulos vivem em sua intimidade. Jesus lhes ensina a rezar, a viver juntos segundo seu Espírito, depois Ele os envia para anunciar em palavras e em obras a vinda do Reino de Deus

O projeto do Pai, realizado pelo Filho, encontra sua conclusão no dom do Espírito. Cristo funda a Igreja, confiando à comunidade dos apóstolos o encargo de continuar sua obra. A primeira missão da Igreja é portanto de viver uma vida evangélica que coloca suas raízes na Trindade. A Igreja é enviada ao mundo para viver esta comunhão trinitária com todos os homens.

Os Fundadores lembravam continuamente que a comunidade é “a imagem da Trindade”. Santa Luísa escreveu páginas magníficas sobre o mistério da Santíssima Trindade : a vida trinitária é a perfeita comunhão das pessoas divinas, três generosidades que se doam, dom e acolhimento, unidade na diversidade. “*Devemos, a fim de assemelhar-nos à Santíssima Trindade, não ser mais*

*que um só coração e agir somente com um mesmo espírito, tal como as três Divinas Pessoas” (E.55 (A.85) p. 882). A vida comunitária está enraizada neste mistério da Vida Trinitária.*

## **B) A Regra da Comunidade, é o Cristo tal como OS FUNDADORES o descobrem: Adorador do Pai, Servo de seu desígnio de amor, Evangelizador dos pobres.**

Apasionados pelo Cristo, São Vicente e Santa Luísa não cessavam de contemplar o mistério da Encarnação, passando pelo mistério da Cruz. Eles honraram o Cristo, Adorador, Servo e Evangelizador. As leituras do Evangelho centravam-lhes no amor do Pai, na busca de sua vontade e no serviço dos pobres. Esta leitura orientada do Evangelho os conduziu a compreender três virtudes específicas para revelar o amor de Deus aos pobres: a humildade, a simplicidade e a caridade.

- Por sua atitude de Adorador do Pai, eles descobriram a humildade de Jesus.

- Por sua atitude de Servo do Desígnio do amor de Deus, eles reconheceram a simplicidade de Jesus.

- Por sua atitude de Evangelizador dos pobres, eles viram a caridade de Jesus.

Os Fundadores uniram essas três características da pessoa do Cristo: se Jesus é Evangelizador dos pobres, ele é o Servo da vontade de Deus sobre a humanidade. E se Ele é este perfeito Servo, é porque Ele está em total “adoração” do Pai.

Antes de analisarmos concretamente como a Comunidade é um lugar de formação, contemplemos essas três características da pessoa do Cristo que orientam o estilo de nossa vida comunitária.

## **I – A primeira figura de identificação para todas as Filhas da Caridade é o CRISTO, ADORADOR DO PAI**

São Vicente foi marcado pela atitude de intimidade e de adoração de Jesus para com Deus: Jesus é “*religião com relação ao Pai*” (VI, 393), ou seja, a natureza humana de Jesus é totalmente voltada para o Pai, radicalmente desapossado de si. O mistério de Jesus é um mistério de adoração e portanto, um mistério de despojamento e de humildade.

Jesus nos revela também que o olhar do Pai está totalmente orientado para os homens. Jesus olha para os homens com os olhos de Deus. Em seu seguimento, São Vicente colocará um verdadeiro olhar contemplativo sobre os pobres: “*a verdadeira religião está nos pobres*”, “*os pobres nos evangelizam*” ou ainda “*virai a medalha e vereis...o Filho de Deus*”...

### **1) “ADORADOR DO PAI”, O CRISTO ESTÁ EM UNIÃO COM O PAI NA ORAÇÃO**

Unido a seu Pai, Jesus reserva tempo para conversar com Ele, retira-se em lugares desertos para rezar<sup>2</sup>, escutá-Lo<sup>3</sup>, e deixar-se gerar por seu Amor humilde. Jesus tem um olhar sobre o Pai como o Pai o tem sobre o Filho. A adoração do Cristo por seu Pai é um olhar sem reserva, num total abandono.

### **2) “ADORADOR DO PAI”, CRISTO UNE-SE A PRESENÇA ATIVA DO PAI NO CORAÇÃO E NA VIDA DAS PESSOAS**

Para Jesus, não existem dois mundos: o mundo de Deus e o mundo dos homens, mas existe somente um mundo que é, ao mesmo tempo “de Deus e dos homens”. Deus habita no mais íntimo do coração dos homens, Ele está sempre com eles. Atento a vida dos homens, Jesus reconhece neles a obra do Pai: “*O Reino de Deus está no meio de vós*”.

### ***a) Uma escuta de qualidade***

Jesus presta grande atenção à cada pessoa, pobre ou rico. Sua escuta está centrada na pessoa, com um olhar incondicionalmente positivo sobre ela. Interessa-se pela vida dos homens. Participa de suas alegrias, escuta suas interpelações<sup>4</sup>, suas preocupações<sup>5</sup>, seus gritos de angústias<sup>6</sup>, seus apelos a mudança<sup>7</sup>, suas decepções<sup>8</sup>, suas necessidades mais profundas, mesmo as não ditas<sup>9</sup>.

### ***b) Um olhar que enxerga além das aparências***

Muito atencioso às pessoas, Jesus observava aqueles que estavam à sua volta; mesmo na multidão<sup>10</sup>, dava uma atenção particular aos feridos<sup>11</sup>, olhava para além das aparências, admirava sua generosidade<sup>12</sup>, sua confiança<sup>13</sup>, sua bondade e tolerância<sup>14</sup>. Recusava-se a evidenciar a culpa ou o culpado, mas direcionava a cada um para a sua responsabilidade e propõe olhar para frente<sup>15</sup>. Sua fé em ação, com seu Pai no coração dos homens, era tal que Ele acreditava na capacidade de cada um e suscitava transformações<sup>16</sup>.

## **3) “ADORADOR DO PAI”, O CRISTO VIVE NA ALEGRIA DO ESPÍRITO**

Adorador do Pai, Jesus é habitado pela alegria de Deus, aquela que jorra da plenitude do Espírito. No Espírito Santo, ele exultava e dava graças pela presença atuante de Deus no coração e na vida dos homens: “Pai, eu te bendigo por ter revelado isso aos pequeninos”<sup>17</sup>. Ele ajuda seus ouvintes a olharem sua própria existência de maneira renovada e de perceber nela o gérmen do Reino de Deus. Assim, uma nota de felicidade atravessa todo o Evangelho : Jesus difunde ao seu redor um contágio de saúde física, psicológica, e espiritual tão impressionantes que marca profundamente aqueles que o rodeiam.

## **II – A segunda figura de identificação para toda Filha da Caridade é o CRISTO, SERVO DO DESÍGNIO DE AMOR DO PAI**

Para São Vicente, Jesus está inteiramente habitado pelo Pai, eles se fazem um, sua vida é pura transparência do Pai: “*Quem me vê, vê o Pai*”. Busca somente a Vontade de Deus. São Vicente dirá: “*A simplicidade consiste em fazer todas as coisas por Amor de Deus*”<sup>18</sup>.

### **1) “SERVO DO DESÍGNIO DE AMOR DO PAI”, O CRISTO É “PURA TRANSPARÊNCIA” DO PAI.**

Jesus não reivindica ser a fonte de sua própria autoridade, ele acolhe de maneira incondicional o amor do Pai, ao ponto de nada fazer por si mesmo, mas de realizar sempre o que agrada ao Pai<sup>19</sup>. Seja o que for que Jesus faça, pense, diga ou sofra, todo o seu ser é a revelação pessoal de Deus. Nunca é a sua própria humanidade que se revela mas, através dela, Deus. “A simplicidade, eu a chamo meu evangelho”. No deserto, Satã tenta desviar Jesus da missão para a qual o Pai o enviou; o diabo o tenta sobretudo na maneira de realizá-la. Para ser o reflexo de seu Pai, Jesus recusa todo poder terrestre, todo sucesso mundano, toda riqueza. Assim, mesmo no centro da violência, Ele ama os homens até o extremo, permanecendo o irmão de todos: “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem”.

### **2) “SERVO DO DESÍGNIO DE AMOR DO PAI”, O CRISTO BUSCA A VONTADE DO PAI PARA REALIZÁ-LA COM DISPONIBILIDADE**

Santa Luísa maravilhava-se diante do amor de Jesus por seu Pai ao ponto de não desejar outra coisa senão: fazer sua vontade. Jesus nada podia fazer por si mesmo, não procurava nem sua glória<sup>20</sup>, nem fazer sua vontade própria. Sua única vontade era fazer sempre o que agradasse àquele

que o havia enviado<sup>21</sup>. No Getsêmani, Jesus foi capaz de se abandonar ao Pai até o fim: “Que seja feita a vossa vontade!”. O testemunho dado sobre a Cruz prova que permaneceu abandonado à Vontade do Pai até a abnegação de si.

*Jesus obedece a Deus também, através das “mediações humanas”.*

Deus manifesta sua vontade não somente através da motivação interior do Espírito, como também, através de múltiplas mediações exteriores. Na vida de Jesus podemos reconhecer as numerosas mediações humanas, através das quais, Ele escutou e percebeu a vontade do Pai. Jesus escutou Deus lhe falar através das palavras que os homens e as mulheres de seu tempo lhe dirigiram. Assim, no Evangelho de São Marcos, a passagem que fala do seu encontro com a Cananéia abre perspectivas: esta mulher pagã, não partilha da fé de Israel e no entanto, ousa dirigir ao Cristo uma palavra que ela tira de sua experiência humana, de sua maneira de acreditar na vida. Para ela, Deus dá mais importância à sua pequena filha que sofre que a uma lei que separa os judeus dos pagãos. A palavra desta mulher faz Jesus alcançar uma consciência renovada de Deus e de sua própria missão, Ele se deixar engendrar por ela.

### **III – A terceira figura de identificação para toda Filha da Caridade é o CRISTO, EVANGELIZADOR DOS POBRES.**

São Vicente reconheceu em Jesus Cristo o grande Evangelizador enviado pelo Pai para testemunhar o seu amor pelos pobres. O caminho que Jesus seguiu para evangelizar os pobres foi o de doar sua vida por amor, até o fim. Jesus deu provas de uma humanidade incomparável, amando todos os homens sem exceção, deixando-se “tocar” por suas feridas. Mas, não ficou somente nisto, ele se colocou ativamente no serviço da cura de todo homem: serviço corporal e espiritual. A caridade de Jesus encarnava a sua forma de evangelização.

São Vicente explicará que Jesus expressou seu amor através de duas maneiras complementares: o amor afetivo e o amor efetivo. Estes dois aspectos da caridade foram indispensáveis para o cumprimento do Desígnio do amor do Pai.

#### **1) “EVANGELIZADOR DOS POBRES”, O CRISTO AMA A HUMANIDADE COM UM AMOR AFETIVO**

Para os Fundadores, Jesus frequentava todas as camadas da população e especialmente os que normalmente são marginalizados. Jesus gostava de estar entre os doentes, os desprezados, os excluídos e mesmo os pecadores. Ele se sensibiliza com tudo o que concerne aos homens, sua saúde, sua alegria, seu desenvolvimento. Sente muita compaixão diante das pessoas que sofrem, e não se trata de uma emoção passageira, nem de um gesto de ternura sem compromisso, mas uma maneira de estar próximo deles e de partilhar seus sofrimentos<sup>22</sup>. Jamais um homem respeitou a outro como Jesus.

#### **2) “EVANGELIZADOR DOS POBRES”, O CRISTO AMA A HUMANIDADE COM UM AMOR EFETIVO**

##### **a) *Uma caridade que cura***

Os Fundadores ficavam deslumbrados com a primeira atividade de Jesus que era a de cura ou de restauração da vida. Eram unânimes neste ponto : Jesus mostrava-se primeiramente e antes de tudo sensível ao que poderia impedir o acesso ao evangelho de Deus, ou seja, a doença e a pobreza. Jesus realizava gestos e dizia palavras que suscitava naqueles e naquelas que ele encontrava, uma energia de vida. Jesus partia sempre do ponto onde se encontravam seus interlocutores; ouvia seus

desejos para vida; sabia que se encontrava escondida neles a única fonte capaz de lhes fazer felizes e de lhes reconciliar com sua existência.

### **b) *Uma caridade que lança para vida***

Jesus se interessava por cada pessoa : não julgava, nem condenava, pensava sempre no bem, sem associar aos outros más intenções, abordava sempre as pessoas a partir de suas capacidades. Sua caridade comunicava com uma força e um poder que restabelecia no outro sua felicidade própria de existir<sup>23</sup>.

### **c) *Uma caridade que conduz à liberdade***

Jesus ensinava a uns e a outros a exercer uma bondade sem limites para com o próximo, sem acepção de pessoa, à imagem da bondade daquele que faz levantar o sol sobre os maus e bons, e mandar a chuva sobre os justos e injustos. Jesus ensinava aos homens a caridade que se coloca a serviço dos outros, a partir dos recursos próprios de cada um, e que pode conduzir a doação total de sua vida<sup>24</sup>.

## **CONCLUSÃO**

Na segunda parte, começaremos a partir destes dois traços característicos do Cristo vicentino para ver sua aplicação em nosso estilo de vida comunitária, como expressa a C.50: “A formação..visa...tornar capaz...de ser serva de Cristo nos pobres e dos pobres em Cristo, em espírito de humildade, simplicidade e caridade”.

## **Notas**

1 Jo 15, 16.

2 Mc 1, 35

3 Lc 6, 12 ;Jo 5, 30 ; Jo 8, 26

4 Caná (Jo 2, 1-11).

5 A Samaritana (Jo 4)

6 Bartimeu (Mc 10); o leproso (Mt 8, 1-4)

7 Zaqueu (Lc 19)

8 Os discípulos de Emaús (Lc 24)

9 A cura de um paraplético (Jo 5, 1-7)

10 A mulher hemorroíssa (Mc 5, 21-42)

11 O homem da mão paraplética (Mc 3, 3)

12 O óbolo da viúva (Mc 12, 41-44)

13 O leproso (Lc 5, 12-14)

14 O centurião romano (Lc 7, 1-10)

15 A pecadora na casa de Simão (Lc 7, 36-50)

16 “Dai-lhes vos mesmos de comer” (Mc 6, 35-37). “Tudo é possível para quem tem fé” (Mc 9, 22-24)

17 Lc 10, 21

18 Coste XII, p. 302

19 Jo 8, 28

20 Jo 7, 18 ; 8, 50

21 Jo 7,6.

22 A viúva de Naim, (Lc 7, 13), seu amigo Lázaro (Jo 11, 33), os dois cegos (Mt 20, 34), o leproso excluído da sociedade (Mc 1, 41), a multidão faminta (Jo 6) ou que está como um rebanho sem pastor (Mt 14, 14).

23 Jesus ajuda Simão ampliar o ponto de vista (Lc 7, 36-49), educa Zaqueu ou a Samaritana na verdade (Lc 19 ; Jo 4), ensina a solidariedade aos seus apóstolos (Jo 6), e a confiança na Providência (Mt 7, 7 ; Mt 6, 25).

24 “Compreenderam o que acabei de fazer de fazer? ... Sereis felizes se a praticarem” (Jo 13, 12-17).

## **II – UMA COMUNIDADE DE SERVAS**

### **Lugar de formação em espírito de humildade, simplicidade e caridade**

A Comunidade é um lugar que permite a cada Irmã crescer no seu ser de serva humilde, simples e apaixonada, no seguimento do Cristo, Adorador do Pai, Servo do seu desígnio de amor, Evangelizador dos pobres. As três virtudes específicas das Filhas da Caridade dão uma coloração particular à sua vida comunitária na Igreja e no mundo (cf. C. 18). A Comunidade é um lugar privilegiado de formação nestas três virtudes “profissionais”: *“Quem vos vir, deverá conhecer-vos por essas virtudes”* (Conf. de 9/02/1653, pág. 391).

### **I - NO SEGUIMENTO DO CRISTO, ADORADOR DO PAI, A COMUNIDADE É O LUGAR ONDE AS IRMÃS APRENDEM A SER SERVAS HUMILDES**

No seguimento de Cristo Adorador do Pai, a Comunidade é o lugar onde cada uma aprende a viver na humildade, com *“espírito sempre ocupado em Deus”* como dizia Santa Luísa. A humildade não consiste em menosprezar-se, em aniquilar-se, ela consiste simplesmente em olhar em direção ao Outro. A humildade liberta-nos de nós e nos torna livres para Deus e para os outros: *“Praticareis, ...com humildade, olhando sempre, antes de tudo, os interesses das pessoas com quem trabalhamos, sobrepondo-os aos nossos”*<sup>1</sup>. O espírito de humildade nos centra em Deus, Ele que está presente no mais profundo do nosso coração. Sem humildade, a adoração não é possível.

A figura que melhor evoca a humildade não é a de Maria? O mais belo canto de humildade não é o Magnificat no qual Maria deixa transparecer sua profunda humildade? *“Ele olhou para a humildade de sua serva. O todo poderoso fez por mim maravilhas”*. A Imaculada nos faz compreender que um coração vazio e desapegado de todas as coisas apela irresistivelmente à graça divina. A humildade é, portanto, a primeira beatitude, precede todas as outras porque é sua condição.

No Amor, existe algo que não percebemos imediatamente, é a humildade. No entanto, o Amor só poderá existir se houver a humildade. Por isso, no centro da Trindade, as três pessoas divinas, infinitamente amantes, são infinitamente humildes. Quando caminhamos na humildade, avançamos em um espaço de amor autêntico onde Deus sempre nos precede.

Deus nos concede o “dom da humildade” para aprendermos a amar, nos descentralizando de nós mesmos e nos voltarmos para Ele, numa atitude de adoração. Portanto, a humildade não é uma virtude negativa. Numerosos mal-entendidos desfiguraram esta bela virtude, deturpando-a de sua finalidade, reduzindo-a à resignação ou a minimização de si.

A verdadeira humildade não é uma questão humana, é uma qualidade divina, uma atitude do coração que dá acesso à presença de Deus. A humildade faz coincidir profundidade e grandeza. Não são as pequenas tarefas que definem a humildade, nem a grandeza dos projetos que definem o orgulho, mas o fato de não apoiar-se em sua própria segurança. A graça da humildade é aquela do acolhimento, é a virtude que permite esperar tudo de Deus, de receber seu amor, de Lhe render graças e de adorá-Lo.

Uma Comunidade de Filhas da Caridade será um lugar privilegiado para a formação deste espírito de humildade. As Filhas da Caridade são chamadas a ser servas humildes, ou seja, adoradoras do Pai, não somente em sua vida de oração mas, igualmente, em sua vida de comunidade e de serviço.

## **1 – SERVAS HUMILDES, AS IRMÃS “ADORAM O PAI” EM UMA VIDA DE ORAÇÃO.** (C. 9 ; C.19 ; C.21a,b,c,d ; C.22 ; C.33) .

A Comunidade é um lugar de aprendizado da adoração do Pai, no seguimento do Cristo Adorador. No projeto comunitário as modalidades asseguram os tempos para dedicar-se à adoração do Pai na oração e na Eucaristia.

**a) Na Oração quotidiana** (cf. C.21b), as Irmãs se abandonam na adoração ao Cristo por seu Pai, escutam a Palavra de Deus, deixam-se transformar por ela, esforçam-se para vivê-la e permanecer na presença de Deus ao longo de todo o dia, o que as conduz a uma contemplação permanente do Pai.

**b) Na Eucaristia** (cf. C. 19b), as Irmãs unem-se à humildade do Filho que se entrega ao Pai em sacrifício para a maior glória de Deus. Elas encontram em Jesus Cristo a fonte de sua unidade e de sua comunhão fraterna. O Espírito Santo invocado na consagração do pão e do vinho é também suplicado sobre a assembléia para que ela se torne o Corpo de Cristo. Além do mais, cada vez que as Irmãs comungam o Corpo de Cristo, são chamadas a tornar-se um outro “Cristo” e, portanto, uma verdadeira irmã para o próximo.

**c) Através da liturgia das Horas**, as Irmãs integram sua oração pessoal na da Igreja que adora o Pai e suplica-Lhe por toda a humanidade (cf. C. 19d).

**d) Através da oração marial**, as Irmãs aprendem de Maria a atitude de acolhimento e de abertura ao Espírito Santo para adorar o Pai e tornarem-se a seu exemplo, pessoas habitadas pela graça (cf. C.23).

**e) Através da oração apostólica**, as Irmãs são chamadas a ser, com o Cristo, um traço de união, o elo entre o Pai e os homens e mulheres de hoje. As Irmãs apresentam ao Pai a vida e as necessidades dos pobres (cf. C.21b). Em seu louvor a Deus, agem não somente em seu nome mas, trazem as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias de toda a humanidade (cf.19c).

**f) Através das partilhas espirituais**, as Irmãs aprendem a expressar com humildade as luzes que Deus-Pai lhes concedeu para crescer na vocação. “*A Comunidade vai haurir sua força na fé partilhada*” (C.33).

**g) Os tempos de silêncio**, decididos em Comunidades, são caminhos que permitem às Irmãs entrar num clima de paz e de adoração. “*Clima de Deus, aceito de comum acordo, o silêncio favorece encontros mais ricos no plano espiritual*” (C. 21c).

## **2 - SERVAS HUMILDES, AS IRMÃS “ADORAM O PAI” PRESENTE NO CORAÇÃO E NA VIDA DAS PESSOAS**

No seguimento do Cristo Adorador do Pai no coração e na vida dos homens, as Filhas da Caridade aprendem em Comunidade a colocar um olhar de fé sobre as pessoas e reconhecer nela a presença atuante do Pai.

É ainda o espírito de humildade que permite às Irmãs continuar a contemplar a ação do Pai nos múltiplos encontros do seu dia. A humildade permite acolher aos outros como sinais visíveis da “presença real” do Cristo. O famoso “deixar Deus por Deus” é a aplicação por excelência da impregnação de toda a vida através da presença de Deus e é uma das fontes de sua ação de graças.

No seguimento do Cristo, cada uma aprende no seio da Comunidade a escutar e a olhar suas Irmãs como Ele as escuta e as vê.

**a) Lugar de aprendizagem para a escuta** (C.11a ; C.24c, C.34 ; C.35)

“Cada Irmã está aberta e receptiva ao pensamento de suas Irmãs” (C. 35). Em Comunidade, aprendemos a escutar nossas Irmãs, suas alegrias, suas dificuldades ou necessidades e reconhecer nelas “meditações” da vontade de Deus, mesmo sendo esta misteriosa. No entanto, temos consciência que é difícil escutar verdadeiramente. Somente a humildade permite escutar a palavra dos outros com os ouvidos de Deus.

Em Comunidade, podemos nos ajudar a orientar nossa maneira de escutar. Certas atitudes favorecem o diálogo, outras dificultam-lhe e outras o impedem. A atitude da escuta não é natural, escuta-se muitas vezes pela metade, persuadindo-se que no fundo, já se sabe tudo o que os outros vão nos dizer, e escuta-se esperando apenas o momento de poder, finalmente, dizer uma palavra e sair. A atitude de escuta é uma atitude humilde e paciente do coração que supõe um esforço e implica uma conversão pois somos chamados a escutar a Palavra que Deus nos dirige através das Irmãs que foram colocadas perto de nós.

**b) Lugar de aprendizagem sob o olhar de fé** (C. 10a-b, C. 24b, C. 25c)

A Comunidade é um lugar privilegiado para aprender à “contemplar e encontrar Cristo no coração e na vida dos pobres nos quais a graça atua sempre...Por um olhar de fé vêem o Cristo nos pobres e os pobres em Cristo” (cf. C.10a e b). Parafraseando esta Constituição, podemos dizer também: “Contemplamos e encontramos o Cristo no coração e na vida das Irmãs...Por um olhar de fé, vemos o Cristo em nossas Irmãs e nossas Irmãs no Cristo”.

O olhar de fé humilde e apaixonado faz ver além do que vemos, é preciso que evitemos as comparações e nos tornemos capazes de sobressaltar o bem que está no coração dos outros. “*Esta visão de fé dispõe o coração..., à aceitação das diferenças*”(cf. 32a)...e dispensam “*uma particular atenção às sementes do Verbo*” presentes em cada uma de nossas Irmãs (cf. C.25c).

Se parafrasearmos a C.24b, podemos dizer: “estamos prontos para receber de nossas Irmãs e de nos deixar evangelizar por elas”. Na verdade, nós nos evangelizamos umas às outras, não somente através de nossas qualidades e valores vividos, mas também através de nossas fragilidades. De hoje em diante, as diferenças de dons, de forças, de talentos, de piedade ou de inteligência, não são mais uma causa de discussão mas, torna-se uma ocasião de serviço mútuo para construirmos juntos uma vida fraterna segundo a imagem da Santíssima Trindade.

Nossas Irmãs nos instigam e solicitam o melhor de nós, elas nos fazem passar do instintivo ao espiritual. Muitas vezes, sem saber, põem o dedo em nossa própria fraqueza que nos impede de amar em plenitude. Com nossas Irmãs, reconhecemos que não somos tão diferentes umas das outras e que Deus nos reuniu para nos ajudarmos na caminhada em direção da santidade. É inútil querer negar, ingenuamente, a fraqueza de uma Irmã, mas somos convidadas a suportá-la com ela, a nos sentirmos responsáveis pela busca de um terreno positivo sobre o qual devemos nos apoiar para juntas avançarmos: é o “suporte” do que São Vicente falava.

A Comunidade é também o lugar onde se aprende a olhar os Superiores com um espírito de fé, reconhecendo-os como “mediações” de Deus aceitando seus limites humanos.

Este olhar de fé que voltamos sobre nossas Irmãs faz jorrar em nós a alegria que provoca a ação de graças e a gratidão a Deus que se faz próximo de nós.

### **3- SERVAS HUMILDES, AS IRMÃS “ ADORAM AO PAI” NA AÇÃO DE GRAÇAS**

Assim, a Comunidade torna-se uma comunidade alegre. A alegria é um fruto do Espírito, ela nasce no interior e anda de mãos dadas com a humildade: a alegria nasce da nossa capacidade de nos fascinarmos e nos maravilharmos.

#### ***a) A alegria de sermos chamadas por Cristo***

A humildade nos faz reconhecer o extraordinário privilégio de termos sido chamadas para viver em Comunidade. Viver com outros na mesma vocação é uma graça excepcional. A presença sensível de nossas Irmãs na fé constitui uma fonte incomparável de alegria e de reconforto. Através de sua presença, Deus está presente.

#### **b) a gratidão**

*“A humildade impele-as a: tomar consciência dos dons recebidos de Deus, dar graças e colocá-los a serviço dos outros”* (cf. C.18a). A humildade nos faz agradecer a Deus pela graça que Ele nos concede de viver numa Comunidade, seja ela qual for. Pode ser que a Comunidade não tenha nada de extraordinário para nos oferecer, distingue-se mais por suas inúmeras fraquezas ou dificuldades internas; não importa! Deus não nos dá a Comunidade para que meçamos continuamente sua temperatura, Ele nos dá a Comunidade para que possamos render-Lhe graças e, na medida que o fazemos, ela se tornará mais amada.

A gratidão é o outro lado da humildade. Suscita um espírito positivo no interior da Comunidade; assim, é fonte de vitalidade e ajuda as Irmãs a encontrarem alegremente a Deus, em todas as coisas.

**Em resumo**, pode-se dizer que a Comunidade é o lugar de formação quando a humildade, vivida por cada uma, nos conduz no caminho da adoração do Pai, que desenvolve no seio da Comunidade um espírito de ação de graças, a exemplo de Jesus.

## **II – NO SEGUIMENTO DE CRISTO SERVO DO DESÍGNIO DO AMOR DO PAI, a Comunidade é o lugar onde as Irmãs aprendem a tornar-se SERVAS SIMPLES**

No seguimento de Cristo Servo, a Comunidade é o lugar onde cada uma aprende a viver na simplicidade, procurando apenas a Vontade de Deus. As Irmãs são chamadas a ser as servas do Desígnio de Amor do Pai, no seguimento de Cristo Servo, buscando a Deus e amando-O acima de todas as coisas para realizar seu Projeto redentor.

Para isto Deus concede o “dom da simplicidade” para não buscar outra coisa senão a Sua Vontade e realizá-La com o espírito de obediência do Cristo Servo.

### **1 - SERVAS SIMPLES, AS IRMÃS TORNAM-SE “UM REFLEXO” DO PAI**

A Comunidade é o lugar onde cada uma é convidada a buscar com sinceridade a Vontade do Pai, impregnando-se dos sentimentos do Cristo Servo. Revestir-se do Cristo Servo significa comprometer-se a assumir o mesmo combate espiritual resistindo ao espírito de poder, dominação, possessão e popularidade... A simplicidade nos conduz direto para Deus seguindo o Cristo Servo em seus combates, nos sofrimentos, através de uma obediência ativa à vontade de Deus. A Comunidade nos apoia em nossa determinação de nos tornarmos as servas cada vez mais transparentes à maneira de São Paulo: “não sou mais eu que vivo, é Cristo que vive em mim”.

A Comunidade permite a cada uma caminhar, de acordo com seu ritmo, em busca de um comportamento cada vez mais verdadeiro, sem cálculo, nem complicação, evitando toda ambiguidade nas relações, deixando transparecer um reflexo de Cristo Servo.

## **2 - SERVAS SIMPLES, AS IRMÃS BUSCAM A VONTADE DE DEUS PARA REALIZÁ-LA COM DISPONIBILIDADE**

Enviadas para uma missão comum, as Irmãs buscam a vontade de Deus através das partilhas regulares (cf. Estatuto 63).

### **a) *O discernimento comunitário***

A Comunidade discerne as necessidades, os apelos, as respostas a dar (cf. C. 36a). Os meios para realizá-los são o diálogo e o discernimento comunitário. “No diálogo, comunicam-se as experiências,...e preparam-se as decisões” (cf. C. 34).

O objetivo do discernimento comunitário é permitir às Irmãs de progredir numa maior coerência com sua vocação e de serem fiéis a missão da Comunidade, considerando as possibilidades e fragilidades de cada uma.

Com a finalidade de buscarem juntas uma resposta comum, cada uma apresenta sua opinião, sem para isso querer impô-la. Cada uma é convidada a reconhecer em suas Irmãs a capacidade de perceber a verdade, mesmo se esta é parcial e, conseqüentemente, acolher suas opiniões como mediação para perceberem juntas a vontade de Deus ao ponto de saber reconhecer as ideias de suas Irmãs como melhores que as suas. “*A disponibilidade ajuda todas as Irmãs a superar suas próprias opiniões e interesses em vista do bem comum*” (C. 31c).

No momento da tomada de decisão, pode haver unanimidade ou divergência de opiniões. Como disse Mère Guillemin<sup>2</sup>: “a decisão final cabe à autoridade, ou seja, à Irmã Servente. Na verdade, a Comunidade não é uma equipe, nem uma república onde se decide por sufrágios. O que é essencial em um discernimento comunitário é que cada uma possa apresentar seu pensamento e ter a certeza de ter contribuído com tudo o que poderia dar. Quando a Irmã Servente consulta e escuta as opiniões das Irmãs, ela pode conscientizar-se da situação e decidir isto ou aquilo. A expressão da vontade de Deus é feita através da decisão da Irmã Servente que recebeu para isso um mandato especial da Companhia. Exerce assim seu papel específico de unir a Deus tudo o que se passa na vida da Comunidade e na vida apostólica. Se através de uma decisão, saímos da obediência, então não há mais a relação com Deus”. As Irmãs são chamadas a demonstrar uma grande disponibilidade em assumir a decisão tomada e comprometer-se na implementação desta decisão.

### **b) *O projeto comunitário* (C.83; Est.67)**

Um outro meio oferecido pela Comunidade para juntas se tornarem um “reflexo do Cristo Servo” é o Projeto comunitário. Sua elaboração exige a participação de cada Irmã. Ele é fonte de unidade e de progressão para realizarem juntas a vontade de Deus. Sua revisão regular possibilita, a cada Irmã, uma renovação na dinâmica espiritual que permite o progresso da Comunidade na simplicidade das Filhas da Caridade.

### **c) *A Comunicação com a Irmã Servente* (C.36)**

A Comunicação é um caminho de fé que permite às Irmãs de fazer um balanço sobre sua vida espiritual, comunitária e apostólica com a Irmã Servente. Esta tem a missão de ajudar a Irmã a

buscar a vontade de Deus e à ela aderir. A Irmã Servente é responsável pela Irmã e pela Comunidade como um todo, portanto, deve zelar pela vida pessoal e comunitária.

**d) A Disponibilidade** (C. 11, C. 31b-c)

O desígnio de amor do Pai não se conjuga nem no passado, nem no futuro, mas no presente. A Comunidade nos ensina a viver a disponibilidade diária, acolhendo o melhor possível da realidade, da vida de cada dia, tal como ela é, para nela fazer uma obra de amor. Deus nos dá o “dom da disponibilidade” que nos faz amar o momento presente e ir com disposição de espírito onde a obediência nos envia. Podemos nos encorajar mutuamente para fazer o bem que devemos fazer com o Cristo, assumindo as dificuldades “até o fim do amor”.

**Em resumo**, pode-se dizer que a Comunidade é um lugar de formação quando a simplicidade, vivenciada pelas Irmãs, conduz para o caminho da disponibilidade para buscar e realizar com as outras o Projeto de amor do Pai sobre a Comunidade local.

**III – NO SEGUIMENTO DO CRISTO EVANGELIZADOR DOS POBRES, A COMUNIDADE É O LUGAR ONDE AS IRMÃS APRENDEM A SER SERVAS APAIXONADAS.**

No seguimento de Cristo Evangelizador, a Comunidade é o lugar onde cada uma aprende a viver em um “estado de caridade” do qual Jesus é o modelo perfeito e a fonte inesgotável da qual devemos beber. O “estado de caridade” engloba toda a vida das Irmãs e o reino na vida comunitária, como na vida de serviço. Deus oferece a cada uma o “dom da caridade” para viver em “estado de caridade” construir uma comunidade fraterna, amando de maneira afetiva e efetiva.

**1- SERVAS CARIDOSAS, AS IRMÃS AMAM COM UM AMOR AFETIVO**

O amor afetivo que as Irmãs desenvolvem no seio da Comunidade se traduz por sentimentos de benevolência, de compaixão e respeito cordial...

**a) Uma proximidade benevolente**

O amor afetivo nos mantém numa atenção benévola para com cada Irmã. Consiste em reconhecer a dignidade de cada uma, de ser capaz de alegrar-se com seus dons e suas realizações e deixar-se sensibilizar por suas preocupações ou seus sofrimentos. Não utilizar-se da fraqueza de uma ou de outra Irmã para valorizar-se, mas apoiar-se no que é sólido para avançar conjuntamente.

**b) Um respeito cordial**

O amor afetivo manifesta-se também pelo respeito que temos por nossas Irmãs, com uma exata distância que nos lembra que as Irmãs não são eu, não são como eu, nem são para mim. “Tire tuas sandálias” disse Deus a Moisés. A exemplo de Moisés somos convidadas a tirar nossas sandálias diante de nossas Irmãs, de respeitá-las como lugares sagrados, dignos de veneração. Uma regra essencial da vida comunitária é que cada uma se impeça de pronunciar a mínima palavra na surdina, pelas costas de suas Irmãs. Deus não criou minhas Irmãs como eu as teria criado. Deus as confiou à mim para que através delas, eu saiba encontrá-Lo.

**2 - SERVAS CARIDOSAS, AS IRMÃS AMAM COM UM AMOR EFETIVO.**

Deus nos concede o “dom da caridade” e nos convida a fazê-lo frutificar em nossa ação conjunta. Portanto, a Comunidade é o lugar de formação para o amor efetivo, ou seja, o espírito de serviço mútuo.

**a) A Comunidade: lugar de partilha que cura todo individualismo.**

Em Comunidade, as Irmãs aprendem a partilhar sua vida, partilhar desde as condições materiais de existência aos compromissos espirituais e apostólicos (cf.C.34). Cada Irmã coloca à serviço de suas Irmãs sua pessoa, seus talentos, seu tempo, seu trabalho, bem como os bens materiais (cf.C.30).

*Partilha dos trabalhos*

A Comunidade nos forma de maneira permanente no serviço mútuo e fraterno através da participação dos trabalhos quotidianos de acolhimento, da cozinha, e da faxina, assim como na atividade missionária. Uma Comunidade que tem o senso do trabalho bem feito, realizado discretamente e silenciosamente na humildade e por amor aos outros, é uma Comunidade onde a presença de Deus é profundamente vivida. Nossos dons são diferentes e nos permitem, por sua vez, servir ou sermos servidas. Isto permite de maneira mútua desenvolver um estilo de relação com o outro, sem buscar impor-se ou esquivar-se, para acolher a ajuda dos outros.

*Partilha dos bens materiais*

A Comunidade nos ensina a administrar os bens materiais da Comunidade sem deles nos apropriarmos. Da mesma maneira, cada Irmã é convidada a partilhar os meios que são colocados à sua disposição para o serviço e que podem ser úteis para o serviço de uma outra Irmã.

*Permutas espirituais e apostólicas*

A Comunidade prevê partilhas espirituais e apostólicas sempre a partir e em vista de um melhor serviço em conjunto. Cada Irmã traz para as outras o que vive e recebe em intercâmbio com a experiência das outras. Essas trocas ajudam a avançar no conhecimento, na complacência e na confiança mútua e contribui na evangelização recíproca.

*A partilha efetiva das responsabilidades*

A corresponsabilidade assumida por todas permite atingir os objetivos da missão comum. A partilha das responsabilidades exige uma colaboração estreita e uma partilha autêntica para evitar a tentação de apropriar-se do serviço confiado e tudo o que a ele se refere.

**b) A Comunidade: uma construção**

A Comunidade ensina às Irmãs a se tornarem mais realistas e desejosas de contribuir para a construção do Reino de Deus no coração da Comunidade. A vida comunitária, como a vida humana, é ritmada por sombras e luzes, ela não está totalmente pronta, mas em construção. Quando sonhamos com uma Comunidade, supostamente perfeita, esquecemos que nossa realidade humana está a caminho da santidade.

Na verdade, descobrimos rápido que a vida fraterna é uma realidade frágil e delicada. Encontramos obrigatoriamente múltiplas situações: de personalidade, de caracteres diferentes, maneiras diferentes de reagir de sensibilidades: algumas situam-se como líderes, outras são modestas, outras lentas, umas são organizadas, outras não, umas são muito sensíveis, outras muito diretas na sua maneira de falar sem mesmo perceber que podem machucar, etc. Também enfrentamos os obstáculos: todo tipo de sectarismo, de indiferença, necessidades excessivas de aprovação, a inveja e até mesmo as fragilidades psicológicas...

### *Superar as dificuldades*

A vida comunitária nos coloca à prova da realidade, mas Deus nos oferece o “dom da caridade” para viver o amor fraterno e superar os obstáculos inevitáveis da vida em comum. As vezes, a Comunidade reúne Irmãs que não nos atraem ou que mesmo prefeririam nos afastar. No entanto, nossa escolha de seguir a Cristo não se apega à estas eventuais dificuldades comunitárias, mas nos situa numa dinâmica de escolha permanente para amar nossa realidade quotidiana com a caridade do Cristo. Assim, nem sempre as Irmãs nos parecem ser “presentes”, mas elas são sempre um dom de Deus. Quando há alguma dificuldade comunitária, devemos nos lembrar que nós não nos escolhemos, mas fomos escolhidas e reunidas por Cristo para realizar uma vocação comum e se entrelaçarmos para “*caminharmos juntas para o Senhor*” (C.32b)

### *Lugar do perdão e da reconciliação*

A vida comunitária é onde aprendemos a reconhecer nossos limites e nossas dificuldades pessoais que podem provocar nos outros incompreensões ou bloqueios. Somos convidadas a retirar da caridade de Deus a coragem para pedir perdão, para restabelecer a unidade comunitária e reencontrar as relações fraternas.

A revisão comunitária é um meio privilegiado para nos lembrar que o fundamento da Comunidade é o Cristo e seu amor pelas Irmãs. Assim, o que nos une é mais forte do que aquilo que pode nos dividir. Com Ele podemos recomeçar o caminho da caridade. A caridade espiritual é uma outra maneira de nos ajudar a crescer no amor fraterno.

### *c) A Comunidade, lugar de formação para a liberdade interior*

A Comunidade é um lugar de formação para a liberdade interior na medida que ela nos ajuda, progressivamente, a dar lugar para o Cristo, quando ela nos dinamiza para dar prioridade à missão sem nos deixar impressionar, intimidar ou condicionar por toda espécie de pressão. A vida comunitária ensina a trabalhar sobre si, para se libertar do olhar dos outros, para evitarmos ser dependentes dos elogios ou julgamentos, para tomar a palavra quando for necessário, para acolher as observações sem se desencorajar. A liberdade interior concede esta audácia de assumir os riscos para anunciar a Boa Nova, em palavras quando for possível, mas sempre através dos atos.

**Em resumo**, pode-se dizer que a Comunidade é o lugar de formação quando a caridade, vivida pelas Irmãs nos conduz no caminho de evangelização que faz reinar no seio da Comunidade um “amor afetivo” e um “amor efetivo”.

## **CONCLUSÃO**

Como conclusão desta segunda parte, podemos reafirmar que a Comunidade é o lugar privilegiado onde o Cristo marca conosco um encontro para nos unirmos a Ele no coração desta realidade. Ela é verdadeiramente um lugar de aprendizagem para tornar-se serva humilde, simples e apaixonada, onde a graça e a exigência se conjugam ao mesmo tempo que os acontecimentos.

Segundo a imagem do corpo empregado por São Paulo quando se refere a Igreja (cf. 1 Cor. 12, 12-31), podemos dizer que uma Comunidade de Filhas da Caridade é, também, um corpo composto de diferentes partes, ao qual todas pertencemos umas às outras. Este sentimento de pertença vem do chamado de Deus : somos chamadas e reunidas por Deus, e responsáveis umas pelas outras. Neste corpo, cada uma tem um papel a realizar para construir a comunidade.

Mas, se cada Irmã é responsável por seu próprio crescimento e pelo crescimento da Comunidade, a Irmã Servente tem um papel particular na animação e na coesão da Comunidade. A C.82 explica : “A *Irmã Servente anima e dirige a Comunidade local cuja coesão assegura. Mantém-na em ligação com a Companhia e a Igreja ; é responsável com suas Irmãs pela realização de sua missão comum*”. Ela anima, ou seja, favorece um clima de fé e de caridade para guardar a unidade da Comunidade: ela dirige, em outras palavras, discerne as situações e toma as decisões em função da finalidade da Comunidade.

Mère Guillemin longamente explicou a missão da Irmã Servente, cito-a:

"A missão que a Irmã Servente recebe é uma função de mediação. Na verdade, ela recebe da Igreja um mandato que estabelece um elo que deve unir cada Irmã e sua Comunidade à Deus. A Comunidade existe porque existe uma Irmã Servente ; e é isto que fundamenta esta comunidade numa relação especial com Deus. Cada Irmã vai a Deus diretamente, mas no exercício de nossa vida de Filha da Caridade, é a pessoa da Irmã Servente que assegura a relação com Deus através do laço de obediência.

A única razão pela qual existe uma Irmã Servente numa Comunidade é para assegurar esta relação com Deus. Caso contrário, bastaria colocar as Irmãs como responsáveis, uma pela parte material, outra pela parte administrativa, etc., e uma Irmã para coordenar o todo, cada uma assumiria pessoalmente sua vida espiritual; isto seria uma equipe de trabalho ou mesmo apostólica, mas nunca uma Comunidade de Filhas da Caridade.

A pessoa da Irmã Servente une cada uma e a Comunidade a Deus. É esta a sua razão de ser. A Irmã Servente recebe uma patente não para dirigir uma comunidade, mas para que as Irmãs da Comunidade sejam ligadas à Deus. Isto não significa que a Irmã Servente é melhor do que suas Irmãs, mas se Deus lhe dá esta responsabilidade é porque Ele quer passar através da Irmã Servente para agir. Deus, para unir-se aos homens, serve-se das mediações humanas. Assim, através de Maria, o Cristo habitou entre os homens. As Irmãs Serventes são escolhidas para serem mediações humanas, segunda a vontade de Deus. É esta a maneira de agir de Deus para chegar aos homens. No entanto, longe de se crer perfeita, a Irmã Servente tem a responsabilidade de aperfeiçoar o instrumento que é e de se colocar a serviço da ação que Deus quer dirigir para ela”<sup>3</sup>.

O lugar e o papel da Irmã Servente estão bem explicados no livro das diretrizes da Irmã Servente, e por isso não farei mais comentários. Está claro que a missão da Irmã Servente está por trás de tudo o que foi dito sobre “a Comunidade como lugar de formação.

Em forma de conclusão, lembremo-nos das palavras cheias de sabor de São Vicente concernentes aos “pequenos paraísos” para sublinhar que a Comunidade é o lugar onde Deus está conosco. Sim, a vida comunitária existe para que cada Irmã cresça no amor de Deus, para comunicá-lo ao seu redor e sobretudo aos pobres. Esta é a finalidade da Comunidade no mistério da Igreja. A Comunidade é fonte de vida para os pobres, e os pobres são fontes de vida para a Comunidade. Este será o objeto da terceira parte.

## Notas:

1 Escritos de Santa Luísa C.202 ( L.183) pág. 239

2 cf. Instrução às Irmãs Serventes de Mère Guillemin, pág. 112

3 cf. Instrução às Irmãs Serventes de Mère Guillemin, pág. 20-22

### **III – A Comunidade, lugar de formação para viver a missão na Igreja**

Vimos como a Comunidade é um lugar de formação para seguir a Cristo e tornar-se servas humildes, simples e apaixonadas. Nesta terceira parte abordaremos mais especificamente a finalidade de toda a Comunidade a saber: o serviço dos pobres na Igreja. Se se perde de vista esta finalidade, se ela não for constantemente reatualizada concretamente, a Comunidade perderá rapidamente sua razão de ser. Existe uma estreita ligação entre a finalidade da Comunidade e a união dos seus membros. A vida comunitária é de seus membros. A vida comunitária não se acrescenta ao serviço dos pobres, ela é para a missão. Por isso, quando uma vida comunitária é medíocre, sua irradiação missionária é enfraquecida.

#### **I - A COMUNIDADE, LUGAR DE FORMAÇÃO PARA A MISSÃO NA IGREJA**

A C.1 apresenta a Companhia na Igreja e recorda que ela participa da Missão universal de salvação da Igreja, conforme o carisma dos Fundadores, São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac. Eis algumas breves reflexões que podem ilustrar em que e como a Companhia participa da Missão universal de salvação da Igreja.

##### **1) A Comunidade contribui para a vida e a santidade da Igreja.**

Através do carisma dos Fundadores, uma Comunidade de Filhas da Caridade tem um lugar particular na Igreja; ela contribui na edificação da Igreja. Em outras palavras, as Irmãs são responsáveis para fazer crescer a santidade da Igreja.

A Comunidade contribui na edificação da Igreja de Jesus Cristo se, em fidelidade ao seu carisma, concede uma atenção privilegiada aos mais pobres, revelando-lhes a ternura de Deus. Cada Comunidade deve esforçar-se para tornar-se sempre mais semelhante àquilo que Deus deseja para ela.

A Comunidade contribui na edificação da Igreja de Jesus Cristo se viver uma autêntica vida fraterna que testemunhe a caridade do Cristo: “vede como elas se amam”.

A Comunidade contribui ainda na edificação da Igreja de Jesus Cristo se, cada uma das Irmãs tornar-se o que é chamada a ser: uma serva de Cristo nos pobres com um espírito de humildade, simplicidade e de caridade.

##### **2) A Comunidade é enviada pela Igreja.**

A Comunidade é o lugar que ajuda a especificar e aprofundar a vocação situando-a na missão da Igreja.

A Igreja, que é um mistério de fé, vive do Cristo e tem a missão de testemunhá-Lo. É o Cristo que envia a Igreja para manifestar aos homens a caridade de Deus.

Aprovando as Constituições e Estatutos, a Igreja envia a Companhia e portanto, as Comunidades locais, para estarem próxima dos pobres, testemunhas da caridade de Deus.

##### **3) A Comunidade participa da missão da Igreja.**

A Comunidade participa da missão da Igreja. A missão da Comunidade é prolongar a missão do Cristo, torná-Lo presente, especialmente no mundo dos pobres. A Comunidade é um lugar onde cada Irmã aprende a fazer sua, progressivamente, a missão do Cristo e se comprometer a servir os pobres corporal e espiritualmente, com um espírito específico de serviço. O Serviço não se resume a um trabalho profissional, mas é vivido dentro de uma dinâmica de fé através da qual tudo o que ela faz, o faz em nome de Deus.

A Comunidade é um lugar onde se aprende a servir em união com a Pastoral local e outros organismos que trabalham pelos pobres.

1- A Comunidade está em diálogo com o Bispo da Igreja local e as estruturas pastorais desta mesma Igreja, tendo no centro a participação plena de acordo com sua identidade própria. Submete-se às leis organizadas pelo Ordinário do local em tudo o que concerne às suas diversas obras.

2 - Nas circunstâncias concretas onde se encontra engajada, a Comunidade colabora ativamente com os padres e os leigos da paróquia (cf. E.9b). Tem a responsabilidade de transmitir às instâncias eclesiais concernentes as preocupações dos mais pobres do bairro e suas legítimas aspirações (cf.C.24e). Zelam para que os mais frágeis, contribuindo com o pouco que possuem, possam ser acolhidos e reconhecidos. A Comunidade tem também a preocupação com a educação da fé nos meios desfavorecidos (cf. E.8e) e de suscitar o engajamento dos jovens e dos adultos no serviço aos mais necessitados (cf. E.9c).

3 - A Comunidade esforça-se para cooperar com outros organismos que tem por objetivo a justiça e a caridade. A cooperação com organismos privados ou públicos permite um melhor serviço e um testemunho evangélico mais amplo (E. 9a. e C.24e). A fidelidade às origens incita a Comunidade a trabalhar em colaboração com os diversos ramos da família vicentina (E.9c).

## **II - A COMUNIDADE, LUGAR ONDE AS IRMÃS DESENVOLVEM O SENTIDO DE PERTENÇA À COMPANHIA (C.34)**

Entre os principais critérios de pertença a Companhia, podemos nos deter em quatro: ser enviada pela Companhia, aceitar a missão confiada por ela e vivê-la em união com a Companhia, vivê-la com referência aos pobres, e enfim, viver na disponibilidade.

### **1 - A Comunidade é enviada pela Província (C.5c)**

Porque as Irmãs são enviadas pela Província para realizar a obra do Cristo, elas estão convencidas de que sua missão não é delas, mas sim do Cristo e contam com Ele para realizá-la.

Independentemente do local de serviço, cada Irmã se sente sempre unida à Comunidade, chamada e delegada por ela e, ao mesmo tempo, responsável por sua parte, por seu testemunho apostólico.

Mesmo se o serviço é um engajamento pessoal, não é uma atividade individual, mas é a atividade de um membro da Comunidade. O serviço faz parte da missão da Comunidade, é uma obra comunitária. É por isso que as iniciativas tomadas pelas Irmãs em seu serviço engajam a Comunidade.

## **2 - A Comunidade está em união com a Província (C.4 ; C.5b)**

A Comunidade é um lugar onde as Irmãs aprendem a viver em união e dependentes de uma Província (que está igualmente unida à Companhia). Em seu projeto comunitário, a Comunidade faz suas as diretivas vindas da Província.

A Irmã Servente une não somente a Comunidade à Companhia e à Igreja (C.82a), mas também, mantém a união entre a Comunidade e a Visitadora (E.64b). Com regularidade presta contas à Visitadora, da vitalidade da vida comunitária e do serviço dos pobres.

## **3 - A Comunidade vive e se constrói tendo os pobres como referência (C.61).**

A Comunidade é o lugar onde as Irmãs aprendem:

\* a pensar e a organizar a vida em função dos pobres. As escolhas são sempre feitas em função do serviço dos pobres;

\* a reler, na fé, o serviço e a vida dos pobres para inscrevê-lo num movimento de evangelização.

A Comunidade é também o local onde as Irmãs se deixam interpelar pelos acontecimentos da vida dos pobres para deixar-se renovar e evangelizar. A reflexão apostólica é um dos meios para isto.

## **4 - A Comunidade, lugar de aprendizagem para a disponibilidade e a mobilidade (C.11)**

A Comunidade é o local de vida que convida as Irmãs a se tornarem disponíveis aos eventuais apelos que lhe são feitos. Para isso, a Comunidade ajuda as Irmãs a desenvolver um sentido de pertença à Companhia, muito mais amplo do que a Comunidade local ou provincial. A Comunidade permite também às Irmãs estarem abertas e interessadas pelos diferentes serviços vivenciados na Comunidade, na Província, na Companhia. Enfim, a Comunidade deve ajudar as Irmãs a ouvir os apelos não somente locais, onde elas servem, mas também os que são lançados pela Província e a Companhia; e de aproveitar todas as ocasiões de testemunho missionário para “ampliar o espaço de sua tenda”.

A disponibilidade das Filhas da Caridade lhes permite manter-se prontas para serem enviadas “para outro lugar”, sem amargura, com a alegria no coração de servir o Cristo lá onde Ele as chama.

### **Alguns pontos de atenção para as Comunidades que acolhem Irmãs jovens.**

A Comunidade que acolhe uma Irmã jovem tem uma grande responsabilidade na sua formação. A Comunidade é chamada para formar através do exemplo de vida. Diz-se que a palavra pode ajudar, mas o exemplo arrasta. São Vicente e Santa Luísa insiste sobre o fato de que as primeiras Irmãs que chegaram na Companhia e as Irmãs Serventes deveriam ser, para as jovens Irmãs, exemplos de fidelidade para sua vocação.

A Comunidade é um lugar privilegiado para que as Irmãs jovens desenvolvem relações de qualidade com as Irmãs, e assim, elas se preparam para viver a castidade como um dom que liberta o coração e dilata-o segundo as dimensões do coração de Cristo. As Irmãs jovens aprendem progressivamente a não apropriar-se nem das pessoas, nem dos serviços à elas confiados. Elas

podem ser as vezes tentadas por uma Comunidade muito acolhedora à nela buscar sua própria segurança. A finalidade apostólica da Comunidade pode lhes parecer muito exigente no início. No entanto, é bom ter o cuidado para não enfatizar exclusivamente sobre o serviço dos pobres em detrimento das relações fraternas. O equilíbrio entre a dispersão missionária e a reunião comunitária é uma tensão permanente que supõe sempre vigilância, especialmente com as Irmãs jovens.

A Comunidade é também o lugar onde as Irmãs jovens aprendem a pensar sua vida *e fazer escolhas em função dos pobres de maneira comunitária*. Através da partilha dos bens materiais e espirituais aprendem a tornar-se corresponsáveis pela utilização desses bens, sob a dependência de sua Irmã Servente.

Enfim, a Comunidade é o lugar onde as Irmãs jovens se formam na *obediência* necessária para manter a disponibilidade e a flexibilidade da missão confiada. Descobrem progressivamente que é a partilha das responsabilidades e dos esforços de todas que lhes permitem atingir juntas um objetivo bem definido.

Para terminar, voltemo-nos para Santa Luísa. Sua principal preocupação era de ver reinar a união entre as Irmãs, a tal ponto que se torna uma das cláusulas de seu Testamento espiritual. Para Santa Luísa, viver em plenitude a vida fraterna equivale salvaguardar a própria existência da Companhia e assegurar o serviço dos pobres segundo nosso próprio espírito.

“Minhas queridas Irmãs, continuo pedindo a Deus por vós e rogo conceder-vos a graça de perseverar em vossa vocação para que possais servi-Lo no modo como Ele vos pede.

Tende grande cuidado do serviço dos pobres e, sobretudo, vivei juntas numa grande união e cordialidade, amando-vos umas às outras, para imitar a união e a vida de Nosso Senhor.

Pedi muito à Santíssima Virgem que seja vossa única Mãe”.

Irmã Anne Prévost  
Filha da Caridade

**Padre Fernando Quintano, cm**

## **IDENTIDADE DA COMPANHIA DAS FILHAS DA CARIDADE**

17 de maio de 2011

### **Introdução**

São Vicente estava convencido que ao fundar a Companhia das Filhas da Caridade, Deus suscitava algo novo na Igreja. Esta novidade não estava relacionada somente com **a finalidade** da Companhia (servir o Cristo nos pobres), nem no **estilo de vida** (a mobilidade para ir aonde estão os pobres, vida consagrada feminina fora do claustro; sem hábito religioso, votos temporários ou perpétuos, etc.). Todas essas expressões eram novas. Mas, para São Vicente, o que a caracterizava e a distinguia das outras Congregações femininas de seu tempo era um **espírito particular** que Deus tinha suscitado para a Companhia. Por isso, ele fazia o possível para que as Irmãs conhecessem e assimilassem bem o espírito próprio da Companhia. O elemento principal desse espírito consistia em praticar as três virtudes: a humildade, a simplicidade e a caridade. Recordemos alguns pensamentos de São Vicente que expressam a novidade e a identidade da Companhia.

A conferência de 2 de fevereiro de 1653 (sobre o “O Espírito da Companhia”) começa enumerando o espírito que caracteriza algumas das Congregações que existem na Igreja (Capuchinho, Cartuxos, Jesuítas e Carmelitas), depois ele continua: “*Vede, portanto, minhas Irmãs, Deus dá o seu espírito a uns e a outros diferentemente, e de tal maneira que o espírito de uns não é o espírito de outros.*” (pág.382). “*Quando Deus fez a Companhia das Filhas da Caridade, deu-lhe o seu espírito particular. O espírito é que anima o corpo. Importa que as Filhas da Caridade saibam em que consiste este espírito*” (idem). No mês de fevereiro de 1653, São Vicente faz três conferências seguidas para explicar este espírito às Irmãs.

Um outro elemento que identifica a Companhia é a sua finalidade: servir o Cristo nos pobres. Mas, São Vicente sabendo que outras Congregações têm o mesmo objetivo, acrescenta: “*Deveis saber a diferença que há entre a vossa Companhia e muitas outras que fazem profissão de assistir aos pobres como vós, mas não da maneira usada entre vós*” (Conf. de 9/02/1653, pág. 388). Tudo isto quer dizer que, na Companhia, o elemento que mais a identifica **é o seu espírito**.

Poderíamos indicar também outras características da Companhia: **sua espiritualidade de serva dos pobres**. O artigo 24d das Constituições diz: “*As Irmãs mantêm em relação aos pobres uma atitude de serva que deve ser a concretização das virtudes de seu estado: humildade, simplicidade e caridade*”. Elas são “*o caminho pelo qual as Filhas da Caridade se deixam conduzir pelo Espírito Santo*” (C. 13).

Finalmente, poderíamos considerar como características da identidade da Companhia a maneira como as Filhas da Caridade assumem os conselhos evangélicos por votos “**não religiosos**”, **anuais, sempre renováveis** (C. 28a); seu “**voto específico**” de servir os pobres corporal e espiritualmente (C. 24a); o **Superior Geral** da Congregação da Missão é o Superior Geral da Companhia (C. 2); sua “**vida fraterna em comum em vista da missão específica de serviço**” (C. 32a).

Podemos considerar todos estes elementos - e outros também - como aspectos que as diferenciam dos outros, como as marcas da identidade da Companhia. É por isso, que as Constituições, que é o livro da identidade da vida e da missão das Filhas da Caridade, consagram um capítulo, (ou alguns artigos) a cada uma das características citadas. Não podemos nos deter no desenvolvimento de todas, mas convinha lembrá-las.

Quando aprofundamos o tema da “**Identidade da Companhia**” em uma sessão de formação, desenvolvo em geral, três características:

- 1) A Companhia das Filhas da Caridade é uma **Sociedade de Vida Apostólica**.
- 2) É uma **instituição secular (não religiosa)**.
- 3) **Os votos não religiosos, anuais e sempre renováveis** são as formas de assumir os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência na Companhia (C.28a).

## **I - A COMPANHIA DAS FILHAS DA CARIDADE É UMA SOCIEDADE DE VIDA APOSTÓLICA: ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS.**

Nas Constituições, o artigo 1b afirma que “*A Companhia das Filhas da Caridade é uma Sociedade de Vida Apostólica*”. O Código de Direito Canônico<sup>1</sup> cita os elementos que caracterizam essas Sociedades.

No tempo dos Fundadores, não se conhecia a expressão “Sociedade de Vida Apostólica”. Mas, na realidade, eles foram os primeiros a introduzir todos os elementos que caracterizam essas Sociedades da nossa época, mesmo se não lhes deram este nome.

Em abril de 1650, Santa Luísa escreve uma carta a São Vicente onde, entre outras coisas, ela lhe diz: “*Fui ontem ver o senhor Procurador... perguntou-me se pleiteávamos ser regulares ou seculares; dei-lhe a entender que não pretendíamos senão este último*”<sup>2</sup>. Ao se expressar assim, Santa Luísa somente repete o que São Vicente dizia com insistência às primeiras Filhas da Caridade: “*Vós não sois religiosas*”, “*o nome de confraria ou sociedade foi dado para que fiquem no primeiro espírito dado por Deus à vossa congregação desde o berço*”<sup>3</sup>.

Os Fundadores conheciam a palavra “secular” e a empregavam muitas vezes ao se referir à Companhia.

Em resumo, a Sociedade de Vida Apostólica e o aspecto secular são duas marcas da identidade da Companhia na Igreja, elas devem, então, ser assumidas e defendidas pelas Filhas da Caridade.

## **1 - CARACTERÍSTICAS DAS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA**

Segundo o CDC (731 § 2), os elementos característicos são os seguintes:

- Sem votos religiosos;
- Com uma finalidade apostólica específica;
- Em comunidade de vida fraterna;
- Aspiração a perfeição da caridade pela observância das Constituições.

Vejamos brevemente o sentido de cada um destes elementos.

### **a) Sem votos religiosos**

A maneira de assumir os conselhos evangélicos, entre as Sociedades de Vida Apostólica, pode ser diferente. Umas o fazem pelos votos, outras por uma promessa ou outro vínculo, segundo as Constituições de cada Sociedade (cf. 731 § 2). Seja por voto ou uma outra maneira, de qualquer modo, os votos das Sociedades de Vida apostólica não serão jamais votos religiosos. Os religiosos (as) professam, por votos públicos e perpétuos, o querer viver em castidade, pobreza e obediência para seguir o Cristo casto, pobre e obediente. As Filhas da Caridade assumem e praticam estes três conselhos evangélicos para melhor realizar a finalidade da Companhia (o serviço dos pobres), seguindo o Cristo, evangelizador e servo dos pobres. Na vida religiosa é somente a partir da profissão dos primeiros votos que as Irmãs são integradas à Congregação. As Filhas da Caridade já o são desde o momento de sua entrada no Seminário. Os votos que elas fazem, entre cinco e sete anos de vocação, confirmam o que elas já são: totalmente doadas a Deus para servir o Cristo nos pobres. Para permanecer na Companhia, é preciso fazer os votos, mas não é isso que as tornam Filhas da Caridade. As Constituições definem os votos como “*votos não religiosos, anuais e sempre renováveis*” (C. 28a).

Esta maneira de compreender e assumir a castidade, a pobreza e a obediência tem por objetivo tornar as Filhas da Caridade mais disponíveis para a finalidade da Companhia, o serviço de Cristo nos pobres, e de confirmar assim seu dom total ao Senhor (cf. C. 8b). Além disso, “*Elas se comprometem por um voto específico a servir os pobres corporal e espiritualmente, segundo as Constituições e Estatutos*” (C. 24a). Esta finalidade constitui a trama da vida das Filhas da Caridade e dá um caráter específico à sua maneira de assumir e de colocar em prática os três conselhos

evangélicos de castidade, de pobreza e de obediência (cf. C. 24 a; 27). É por isso que a prática dos conselhos evangélicos na Companhia está ligada ao serviço dos pobres (cf. C. 52c).

Eis como a Companhia compreendeu e expressou sua maneira particular de assumir os conselhos evangélicos enquanto Sociedade de Vida Apostólica. A Igreja, aprovando suas Constituições, reconheceu que esta maneira de compreender e assumir os conselhos evangélicos é fiel ao projeto dos Fundadores.

## **B) UMA FINALIDADE APOSTÓLICA ESPECÍFICA**

As Sociedades de Vida Apostólica nasceram em virtude das necessidades apostólicas. A Igreja as aprova para que respondam da melhor maneira possível à finalidade para a qual nasceram, a partir de uma vida apostólica apropriada. Esta finalidade, vivida fielmente, é a razão de ser das Sociedades de Vida Apostólica. Segundo esta finalidade elas devem organizar seu estilo de vida, discernir as estruturas e as práticas que devem conservar, atualizar ou abandonar, mas na fidelidade ao seu carisma e ao espírito dos fundadores.

Desde as origens, a Companhia sempre viu claramente a finalidade para a qual foi fundada na Igreja: *“O fim principal para o qual Deus chamou e reuniu as Filhas da Caridade é para honrar Nosso Senhor Jesus Cristo como fonte e modelo de toda caridade, servindo-o corporal e espiritualmente na pessoa dos pobres”*<sup>4</sup>. As Constituições atuais, unindo a finalidade, a dimensão comunitária e o espírito específico, apresentam esta fórmula mais atualizada: *“As Filhas da Caridade, em fidelidade a seu batismo e em resposta ao apelo de Deus, doam-se inteiramente e em comunidade ao serviço de Cristo nos pobres, seus irmãos e irmãs, com um espírito evangélico de humildade, simplicidade e caridade”* (C. 7a).

Para melhor atingir sua finalidade, as Filhas da Caridade organizam todos os outros elementos constitutivos de sua identidade em função da vida espiritual, da comunidade fraterna, da maneira de assumir e viver os conselhos evangélicos, da formação, do governo, da administração e o uso dos bens materiais, etc.

Todos os elementos que constituem a identidade vêm da finalidade ou são orientados para sua realização. A finalidade da Companhia é então o elemento principal que faz dela uma Sociedade de Vida Apostólica.

## **c) EM COMUNIDADE DE VIDA FRATERNA**

A terceira característica das Sociedades de Vida Apostólica é a vida fraterna em comum. A Igreja pensa que a vida comunitária é uma força que contribui para a realização do objetivo apostólico. É pela mesma razão que os fundadores quiseram que as Irmãs vivessem em Comunidade. É evidente que a vida fraterna em Comunidade é chamada a ser um ícone da Trindade, um sinal dos valores evangélicos, uma célula viva da Igreja, um lugar teológico onde se dá testemunho do Cristo, onde se vive e se partilha a fé, a caridade e o perdão... Mas, tudo isto impregnado, orientado para a missão específica do serviço, para retomar forças a fim de continuar a missão (cf. C.32a; C.9). Pode-se dizer, então, que se trata de uma comunidade voltada para o exterior, mesmo se ela também tem necessidade de cultivar certos aspectos internos (cf. C. 37).

## **D) ASPIRAR À PERFEIÇÃO DA CARIDADE PELA OBSERVÂNCIA DAS CONSTITUIÇÕES**

Eis a quarta característica das Sociedades de Vida Apostólica. Aspirar à perfeição é uma obrigação para todos os cristãos<sup>5</sup> Os consagrados tentam alcançá-la através dos diversos carismas e dos diferentes estilos de vida evangélica que o Espírito Santo suscitou na Igreja.

O Concílio Vaticano II<sup>6</sup>, e depois a Exortação *Vita Consecrata*<sup>7</sup>, insistem sobre a fidelidade dinâmica de cada Congregação ao seu carisma. O Concílio pediu a cada Congregação, um retorno às fontes e às origens, ao mesmo tempo que uma adaptação às mudanças ocorridas em nossa época. Estes dois critérios orientaram a Companhia durante todo o processo de revisão e elaboração das Constituições. A Igreja as aprovou, depois de um estudo minucioso, considerando esses dois critérios. Assim, as Filhas da Caridade podem estar certas que, vivendo, suas Constituições, elas podem chegar à perfeição da caridade, à santidade evangélica pela via vicentina. Para São Vicente, as Regras (as Constituições) expressam o projeto de Deus para a Companhia. Elas são o Evangelho de Jesus aplicado à finalidade e ao espírito das Filhas da Caridade. *"Contêm tudo o que de mais perfeito nos ensinou Nosso Senhor, todo o caminho que mostrou para se chegar ao reino dos céus"*. *"Vossas regras contêm os meios de vos encaminhar à perfeição cristã"* (Conf. de 30/05/1647 pág. 209 e 211).

Certamente que outras congregações poderiam dizer a mesma coisa sobre suas Constituições, sobretudo aquelas que são reconhecidas pela Igreja como Sociedades de Vida Apostólica (somos em torno de quarenta na Igreja). O Direito Canônico considera que esta quarta característica é a marca que distingue todas essas sociedades: *"Elas tendem a perfeição da caridade pela observância das Constituições"* (Cânon 731). As Filhas da Caridade podem estar certas que, vivendo suas Constituições, chegarão à perfeição da caridade, e definitivamente a santidade evangélica. Claro que é um caminho diferente daquele da vida religiosa, com uma finalidade, um espírito, um estilo de vida, uma formação, uma comunidade, um modo de governo... específicos da Companhia, tudo isso é a expressão de sua identidade própria na Igreja e no mundo.

## 2. - O ASPECTO SECULAR DA COMPANHIA

### Intuição dos Fundadores

As Filhas da Caridade são seculares. Elas têm o direito de reivindicar esta característica. Os Fundadores quiseram assim, como podemos constatar: *"As Filhas da Caridade não são religiosas, mas moças que vão e vêm como seculares"* (Coste VIII p. 237).

*"Não se pode dizer que as Filhas da Caridade sejam religiosas, porque não poderiam ser Filhas da Caridade, pois para serem religiosas deveriam estar enclausuradas. As Filhas da Caridade nunca poderão ser religiosas, e infeliz daquele que falar em fazê-las religiosas!"* (Conf. 12/11/1653, pág., 433).

*"Se vos perguntar quem sois, se sois religiosas,izei-lhe que não, graças a Deus, não por não apreciardes muito as religiosas, mas porque se o fosseis, teríeis de estar encerradas e que, por consequência, teríeis de dizer: 'Adeus serviço dos pobres'."* (Conf. de 22/10/1650, pág. 350).

*"Se entre vós se meter algum espírito revoltado, idólatra que diga: 'Era mais bonito se fossemos religiosas!', minhas Irmãs, a Companhia estaria na agonia. ... Porque religiosa quer dizer enclausurada e as Filhas da Caridade têm de ir por todas as partes"* (Conf. de 24/08/1659, pág. 875).

*"Estive duas ou três vezes com o senhor Vigário Geral para explicar-lhe que éramos apenas uma família secular"* (Escritos Espirituais, C. 293 (L.481), p. 334).

As afirmações dos dois Fundadores são claras, mas o que queria dizer para eles o aspecto "secular"? O que eles desejavam salvaguardar a qualquer preço, era a finalidade da Companhia: o

serviço dos pobres. “Secular” era o equivalente de vida “não religiosa”. Até então, a vida religiosa compreendia a clausura, o que era incompatível com a finalidade da Companhia.

### **A “CARTA” E O ASPECTO SECULAR DA COMPANHIA.**

O texto mais claro sobre o aspecto secular da Companhia é, sem dúvida nenhuma, aquele de São Vicente que foi retomado no artigo 12 das Constituições. Se analisarmos este artigo, compreendemos que as palavras de São Vicente foram reproduzidas nesta passagem para sublinhar a mobilidade e a disponibilidade da Companhia, a fim de ir ao encontro dos pobres para viver entre eles. Como as religiosas deveriam guardar a clausura, as Filhas da Caridade não podiam ser religiosas: *“Elas não estão numa religião, este estado não é conveniente aos empregos de sua vocação”*. Em seguida, São Vicente enumera alguns elementos que diferenciam o modo de vida das religiosas (monastério, cela, claustro, grades, véu...) e o das Filhas da Caridade (casas dos doentes, quarto de aluguel, ruas da cidade...).

São Vicente estava consciente dos perigos que comportava a presença destas jovens mulheres enviadas ao mundo sem a proteção do claustro. É por isso que ele lhes pede que tenham tanto ou mais virtudes que se elas fossem religiosas. A este novo modo de vida “no meio do mundo”, dando-se inteiramente a Deus, não atrás da clausura, nem na contemplação, mas no mundo e à serviço dos pobres, é o que São Vicente chama “secular”: *“As Filhas da Caridade não são religiosas, mas moças que vão e vêm como seculares”* (Coste VIII p. 237). Não havia outra maneira de distinguir a vida religiosa da vida das Filhas da Caridade, senão chamando-as de “leigas”. Hoje, teria dito “Sociedade de Vida Apostólica” como o fazem o Direito Canônico e as Constituições.

Segundo a etimologia, “leigo” quer dizer “secular”: que tem uma relação com o século, como o mundo. O Código de Direito Canônico diz que a Igreja se compõe de clérigos e de leigos (seculares) e que nos dois estados pode haver consagrados.(cf. Cânon 207).

Segundo esta distinção global, está claro que as Filhas da Caridade não são clérigos, mas leigas com uma consagração particular (dom total a Deus para servir o Cristo nos pobres).Mas a Exortação *Vita Consecrata* nos oferece uma outra fórmula: *“As vocações à vida laical, ao ministério ordenado e à vida consagrada podem-se considerar paradigmáticas”* (VC.31c). Em dois outros lugares, reafirma-se esta tríplice realidade que forma a Igreja: os leigos, os padres e os consagrados (cf. VC. 4b, 29c), e acrescenta: *“A concepção de uma Igreja composta unicamente por ministros sagrados e por leigos não corresponde às intenções do seu divino Fundador”* (VC. 29c) porque não se pode esquecer as diversas formas de vida consagrada (cf. VC. 29c).

De acordo com esta descrição, a Companhia não faz parte nem do estado clerical nem laical, mas da vida consagrada que não é a mesma coisa que a vida religiosa.

Os diferentes Sínodos dos Bispos (sobre o tema dos leigos, dos padres e da vida consagrada) trataram das três maneiras de ser cristão na Igreja. As três são boas, cada uma no seu gênero, elas são necessárias e gozam da mesma dignidade. Elas não se opõem, mas se complementam. Entre elas não existem competitividade mais um santo zelo. É a Igreja do comum, com sua variedade de ministérios e carismas. Esses três Sínodos inspiraram três Exortações Apostólicas de João Paulo II: *“Christifideles laici”* (sobre os leigos, em 1988), *“Pastores dabo vobis”* (sobre os padres, em 1992), *“Vita consecrata”* (sobre a vida consagrada, em 1996).

### **RADICALIDADE NO SEGUIMENTO DE CRISTO**

O aspecto singular da Companhia não quer dizer que as exigências evangélicas diminuam, ao contrário. Lembremo-nos de alguns textos de São Vicente sobre este assunto:

*"Ora, não há ninguém que ande tanto no meio do mundo como as Filhas da Caridade, nem quem tenha tantas ocasiões de se encontrar com o mal, minhas Irmãs. Portanto, é absolutamente necessário que sejais mais virtuosas que as religiosas. Se elas têm de alcançar um grau de perfeição, as Filhas da Caridade tem que alcançar dois, porque estais sempre em perigo de vos perder se não fordes virtuosas" (Conf. de 24/08/1659, pág. 876). "Vós não sois religiosas de nome, mas deveis sê-lo de obras, e estais mais obrigadas que as outras à perfeição." (Ibid.).*

O caráter secular não exclui certas práticas da vida religiosa. Quando São Vicente exortava as Irmãs para a realizar algumas práticas e viver certas virtudes, ele lhes citava o exemplo das religiosas. Nas conferências sobre: "as máximas de Jesus Cristo", "o espírito do mundo" e sobre "a prática das Regras", mesmo se ele afirmava claramente: "vós não sois religiosas", percebe-se uma forte influência da vida religiosa.

São Vicente sabia muito bem que, para que a Companhia pudesse continuar a missão de Cristo, era preciso que ela adotasse as máximas de Jesus Cristo e que se revestisse de seu espírito. É por isso, que pedia às Irmãs uma vida de oração, a capacidade de viver a ascese, o silêncio, o recolhimento, a pobreza, a castidade e a obediência, etc. Essas práticas podiam ajudá-las a serem boas cristãs. Ao ensiná-las, São Vicente se inspirava no que as religiosas faziam. O que nos faz pensar que, para o Fundador, era um espírito e uma finalidade próprios que diferenciavam a Companhia da vida religiosa daquela época.

Quando as Filhas da Caridade falam hoje do caráter secular da Companhia, elas são fiéis aos Fundadores, mas isso não quer dizer que as exigências evangélicas do projeto da Companhia sejam menores. Esta é chamada a viver no mundo sem se deixar influenciar por seus critérios. Senão, ela perderia sua condição de sal que dá um sabor evangélico, de fermento que transforma a massa.

### **CARÁTER SECULAR A SERVIÇO DA FINALIDADE**

Os Fundadores quiseram que as Filhas da Caridade não fossem religiosas para que estivessem mais livres e mais disponíveis a fim de poder cumprir a finalidade apostólica que se realiza no mundo, junto dos pobres. As Constituições afirmam que *"As Filhas da Caridade têm uma vocação que exige constantemente abertura e presença no mundo"*. (C. 29 b). Elas tornam efetivo, o amor afetivo de Deus. Elas se santificam no mundo da dor e na história sofrida de cada dia, sem se retirar à intimidade do claustro, atrás das grades ou do véu... O modelo de virtudes que São Vicente propunha às Filhas da Caridade para que elas servissem melhor os pobres, era uma jovem leiga, Margarida Naseau, e o espírito das boas moças do campo. (cf. conf.24/02/1653, pág. 394s).

Haveria hoje, alguma Irmã que pensasse que o estado da vida religiosa é mais perfeito que o da Companhia, inclusive seu caráter secular? Talvez exista. Entre as primeiras Irmãs algumas pensavam também assim. São Vicente falou claramente: *"Se as Filhas da Caridade conhecessem os desígnios de Deus sobre elas, e quanto por esse meio quer ser glorificado, sentir-se-iam felizes na sua condição e julgá-la-iam acima da das religiosas. Não é que não devam considerar-se muito inferiores a elas; mas não conheço nenhuma Companhia religiosa mais útil à Igreja do que a das Filhas da Caridade, se entrarem bem no seu espírito, pelo serviço que poderão prestar ao próximo"* (Conf de 02/02/1653, pág. 382). *"Eis, minhas queridas Irmãs, uma das mais excelente condições que vi; não há necessidade de procurar uma mais perfeita. Se quiserdes ser grandes santas, encontrareis nos vossos exercícios os meios para isso"* (Conf. de 25/05/1654, pág.456). *"Permaneçam, pois no estado em que Deus as colocou... Continuem neste espírito"* (Conf. de

08/08/1655 pág.531). Algumas linhas depois, São Vicente define este estado, chamando as Irmãs de "apóstolas da caridade".

Atualmente, algumas Irmãs que insistem muito sobre o caráter secular da Companhia, não procuram tanto um esclarecimento sob o aspecto doutrinal, mas a maneira de expressar este caráter secular através de um estilo de vida coerente com esta característica.

As situações da Companhia no mundo são diversas: há Províncias onde a cultura do ambiente pode levá-las em direção a este aspecto secular e outras, ao contrário, as inclinarão ao aspecto conventual. Se se compreende bem o que significa este aspecto secular da Companhia, será preciso concluir dizendo que: As Filhas da Caridade devem evitar, tanto transformar-se em religiosas, quanto viver como o mundo laico, de não adotar um estilo nem conventual, nem laical. Devem viver bem a mobilidade e serem muito livres para estar a serviço da finalidade da Companhia, sem enfraquecer as exigências evangélicas e vicentinas. Para isso, ser-lhes-á suficiente viver suas Constituições que não se referem nem as religiosas nem aos leigos.

Para concluir esta reflexão, podemos nos lembrar da definição da palavra "secularidade", apresentada no Léxico do livro das Constituições: "*Consiste em que as Filhas da Caridade vivem essencialmente seu dom total a Deus no serviço e para o serviço dos pobres, segundo o espírito da Companhia e de acordo com o estilo de vida definido pelas Constituições e Estatutos, em fidelidade às intenções dos Fundadores*" (p. 205).

É preciso reconhecer que a vida religiosa não é mais o que ela era no tempo dos Fundadores. Muitas outras Congregações nasceram com uma finalidade e espiritualidades semelhantes as da Companhia. Através da porta que os Fundadores conseguiram abrir com tanto esforço, muitas outras instituições passaram, e, ao mesmo tempo, as diferenças diminuíram. No entanto, a Igreja reconhece a importância destas diferenças. Tanto o Concílio Vaticano II quanto a Exortação Apostólica Vita Consecrata insiste muito sobre a fidelidade aos diferentes carismas suscitados pelo Espírito Santo, através dos séculos. Esta diversidade embeleza a Igreja. Hoje percebe-se uma certa tendência a relegar ao segundo plano essas diferenças pela causa do Reino, isso leva antes a uma perda perigosa da identidade e de traços específicos, que não respeitam a dinâmica criadora do Espírito.

Padre Fernando Quintano, cm.

#### **Notas:**

- 1 CDC. 731)
- 2 Escritos Espirituais, C. 320 (L.283) p.362.
- 3 cf. Conf. de 8/08/1655 pág. 531, conf. de 24 de agosto de 1659 pág. 875
- 4 Regras Comuns das Filhas da Caridade, I,1
- 5 cf. Lumen Gentium, 39-40.
- 6 cf. Perfectae Caritatis (PC), 2
- 7 cf. VC 4c, 19 a, 31b, 42d)

**Padre Fernando Quintano, CM**

### ***Os Votos segundo o espírito específico das Filhas da Caridade***

17 de Maio de 2011

#### **Introdução**

São Vicente e Santa Luísa, co-fundadores da Companhia das Filhas da Caridade, estavam conscientes da novidade que era na Igreja, esta nova maneira de seguir o Cristo.

No tempo dos Fundadores, não se conhecia a expressão “Sociedade de Vida Apostólica”. Mas, na realidade, foram eles, os primeiros, a introduzir na Igreja uma forma de vida evangélica que compreendia todos os elementos que o Direito Canônico atribui, hoje, a essas sociedades. Quais são os votos pelos quais as Filhas da Caridade assumem os conselhos evangélicos? Este tema tem uma relação com a identidade da Companhia.

Em primeiro lugar, refletiremos sobre alguns termos, algumas expressões das Constituições que se referem aos votos (cf. C.7a, b; 24-27-31).

Em segundo lugar, falaremos sobre os votos na Companhia segundo os Fundadores e os textos das Constituições.

## **I.- ESCLARECIMENTO DE ALGUNS CONCEITOS.**

### **1 – VOTOS E CONSELHOS EVANGÉLICOS**

Na linguagem corrente, as duas expressões são empregadas sem distinção, mas é importante distingui-las. Na teologia e na espiritualidade cristã, a palavra “voto” entende-se, geralmente, como a maneira mais estrita que uma pessoa se compromete diante de Deus para realizar o que ela promete através deste ato. É como uma aliança entre Deus e aquele que faz o voto, aliança a qual é preciso ser fiel em razão da palavra dada.

Na história da espiritualidade e na exegese bíblica, estabelece-se uma distinção entre o que o Cristo pede a todos aqueles que querem segui-Lo e ser seus discípulos (o que é ordenado, o que é obrigatório para poder dizer-se cristão) e o que é pedido mais particularmente a alguns: os Conselhos Evangélicos. (É preciso saber que há teólogos e biblistas que não estão de acordo com esta distinção). Como batizados, temos a mesma dignidade e somos todos chamados à santidade. Foi para todo o mundo que Jesus Cristo disse “*Sede perfeitos, assim como vosso Pai celeste é perfeito*”(Mt 5, 48). O programa do Sermão da montanha é para todos que querem segui-lo. O batismo requer viver a castidade segundo o estado de vida de cada um, de partilhar e não fixar seu coração nos bens materiais, de obedecer a Deus e a Igreja. No entanto, o fato de ser batizado e viver como cristão não quer dizer que se deva ser celibatário, ou que se deve renunciar a possuir bens ou pedir uma permissão para utilizá-los, nem que se deve obedecer a um superior. Isto faz parte das condições às quais se impõem àqueles que receberam o dom de um chamado particular para viver sua consagração batismal pela profissão ou prática do que chamamos os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência. Isto é, aqueles que fazem os votos se comprometem a viver algumas dimensões evangélicas que não são obrigações decorrentes do batismo ou inerentes a condição de discípulo do Cristo. É mais um dom particular de Cristo e da Igreja para viver o batismo e a condição cristã de maneira radical, e o que chamamos de “Conselhos Evangélicos”. O Voto é a maneira de assumi-los. O voto pode ser público, privado, perpétuo ou temporário, etc. Os votos da Companhia são privados, anuais e sempre renováveis, segundo as Constituições e os Estatutos (cf. C.28a).

Comprometendo-se por voto a viver os conselhos evangélicos, quer-se expressar que a pessoa inteira é oferecida a Deus. Na história da Igreja, os votos foram sempre a expressão de uma radicalidade no seguimento do Cristo, e, ao mesmo tempo, um elã de vitalidade espiritual. As Filhas da Caridade, pela emissão e pela renovação dos votos, confirmam sua consagração total a Deus que consiste no seguimento de Cristo de uma maneira evangélica e radical, dando-se inteiramente a Deus para servir os Pobres. Como reafirmação desta consagração e para melhor realizar este objetivo, elas assumem os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência e todas as exigências ligadas aos votos.

## 2 – A CONSAGRAÇÃO BATISMAL

Os textos das Constituições falam várias vezes da consagração do batismo (cf. C. 7a ; 17a ; 28b - as duas fórmulas dos votos). Todas as vocações e os estados de vida que existem na Igreja são maneiras diversas de viver a vocação cristã comum e fundamental, à qual somos todos chamados pelo nosso batismo. A fórmula do batismo “*Eu te batizo em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo*”, significa: “*Eu te batizo te consagrando ao Pai, e ao Filho e ao Espírito Santo*”, e esta consagração significa que nos tornamos uma propriedade total e exclusiva das três pessoas divinas. Deus que nos consagra e nos faz participar de sua vida, nos incorpora ao Cristo, que faz de nós templos do Espírito. Cada vez que se fala de uma outra consagração, é preciso compreender como um desenvolvimento, um aprofundamento da consagração batismal, como uma extensão da vida divina recebida no batismo.

O Concílio Vaticano II afirma que a profissão dos Conselhos Evangélicos feita pelos religiosos “*constitui uma consagração especial, que se radica intimamente na consagração do Batismo*” (PC. 5). A Exortação Apostólica “*Vita Consecrata*” diz que “*profissão religiosa é considerada como um singular e fecundo aprofundamento da consagração batismal*” (VC. 30). As Filhas da Caridade não professam, elas não são religiosas, então não são consagradas no sentido canônico. Como a palavra “consagração” se aplica especificamente a vida religiosa, as Constituições atuais substituíram esta palavra pela expressão “dom total” que está mais de acordo com as expressões dos Fundadores e expressa melhor a identidade da Companhia.

O primeiro sentido da palavra “consagração” é este do batismo: Deus nos consagra, nos santifica, nos habita e nos toma para Si. Em resposta ao dom de Deus, vem o segundo sentido da palavra: o de oferecer sua vida à Deus, doar-se a Deus sem reservas. Neste sentido, o dom total a Deus das Filhas da Caridade pode ser considerado também, do ponto de vista espiritual e teológico, como uma verdadeira consagração. Tendo votos particulares, as Filhas da Caridade não fazem parte da vida religiosa, mas por seu dom total a Deus, elas fazem parte da vida consagrada. Sua maneira de viver a consagração batismal, de serem boas cristãs, é seu dom total a Deus na Companhia para servir o Cristo nos pobres. Neste contexto, convém citar as palavras de São Vicente: “*Ó minhas filhas, se fordes muito fiéis à prática deste modo de vida, sereis todas boas cristãs. Não vos diria o mesmo, se vos dissesse que serieis boas religiosas. Para que se fizeram os religiosos e as religiosas, senão para formar bons cristãos e boas cristãs? Sim, minhas filhas, tende grande cuidado em vos tornardes boas cristãs pela prática fiel das vossas regras*” (Conferência de 14-06-1643, pág. 82).

As Filhas da Caridade se doam inteiramente a Deus “*fiéis ao batismo*” (cf. C.7a; 27-28b - as duas fórmulas dos votos). Elas se comprometem a viver sua consagração batismal servindo o Cristo nos pobres e para isso elas praticam os Conselhos Evangélicos que assumem por votos “não religiosos” e renováveis todos os anos. Pronunciando a fórmula dos votos, elas afirmam primeiro: “*Eu renovo as promessas do meu batismo*”. O dom total a Deus que as Filhas da Caridade fazem de sua vida para servir o Cristo nos pobres é também, uma resposta a Deus que as chama a viver as exigências evangélicas que a consagração batismal comporta. É neste sentido que São Vicente queria que as Filhas da Caridade fossem “boas cristãs”, ele acrescentava que se ele lhes pedisse para serem boas religiosas, as exigências seriam as mesmas.

## 4. - OS VOTOS NA COMPANHIA

Os votos foram introduzidos na Companhia nove anos após sua fundação. Antes desta emissão, as Irmãs eram, entretanto, autênticas Filhas da Caridade. Quando elas entravam na Companhia, elas se comprometiam a viver a pobreza, a castidade e a obediência, mas não por votos, pois eles ainda não existiam.

Antes que este hábito dos votos fosse introduzido, São Vicente tinha falado, em várias ocasiões, às Irmãs sobre a necessidade de praticar as virtudes de castidade, pobreza e obediência. Nesta época, não eram os votos que constituíam o elemento essencial na Companhia, mas a prática dessas três virtudes. Falando da pobreza, São Vicente dizia às Irmãs: *“Ao entrar na Companhia, resolveram abraçar a pobreza, porque, a não ser assim, não as teria admitido”* (Conferência de 5 de agosto de 1657, pág.651).

Na Conferência de 5 de julho de 1640, São Vicente diz às Irmãs: *“As Filhas da Caridade, embora ainda não tenham votos, não deixam de permanecer neste estado de perfeição, se forem verdadeiras Filhas da Caridade”*(pág.09). Por ocasião de uma conferência, duas semanas depois, ele lhes comunica com emoção, quanto tinha sido tocado pela fórmula empregada pelos Religiosos Hospitaleiros da Itália que assumiam assim, os votos de pobreza, de castidade, de obediência e de serviço junto ao seus senhores, os pobres. As Irmãs reagiram expressando, então, seu desejo de fazer também esses votos. São Vicente não se opôs, mas lhes disse que, se um dia elas os fizessem, não seria para se tornarem religiosas. (Conferência de 19 de julho de 1640, pág. 10).

Em 25 de março de 1642, Santa Luísa e quatro Irmãs pronunciaram seus votos, pela primeira vez, “para toda a vida”. Depois, progressivamente, outras Irmãs os assumiram, mas tudo é feito com uma grande liberdade: umas faziam os votos, outras não; para umas, eles eram temporários, para outras, perpétuos, sem que as diferenças criassem nenhum tipo de obstáculo ou desigualdade na comunidade. Em 1648, os votos começam a ser anuais, mas tanto para a primeira emissão quanto para sua renovação, as Irmãs pediam a permissão a São Vicente.

Quando os votos se tornaram habituais na Companhia, os fundadores foram bem vigilantes a fim de incutir nas Irmãs que, mesmo se elas os fizessem, não entravam no estado das religiosas, e continuariam a ser seculares. Eles queriam assim, salvaguardar a mobilidade do serviço dos pobres. O temor e o risco era que fazendo os votos, elas pudessem ser consideradas como religiosas, o que provocaria, como consequência inevitável, fazê-las viver na clausura:

*“Se ele (o bispo) vos perguntardes quem sois, se sois religiosas, dizei-lhe que não... se o fósseis, teríeis de estar encerradas e, que por consequência, teríeis de dizer: ‘Adeus, serviço dos pobres’. Dizei-lhe que sois pobres Filhas da Caridade, que vos destes a Deus para o serviço dos pobres...Se ele vos perguntar: ‘Fazeis voto de religião?’ Respondei-lhe: ‘Oh, não senhor! Consagramo-nos a Deus para viver na pobreza, na castidade e na obediência, umas para sempre, outras por um ano”* (Conferência de 22 de outubro de 1650, pág. 350).

Atualmente, a Companhia é reconhecida na Igreja como uma Sociedade de Vida Apostólica. Essas Sociedades não têm votos religiosos; elas assumem os conselhos evangélicos através de um vínculo definido pelas Constituições. As Constituições das Filhas da Caridade dizem que eles são *“não religiosos, anuais, sempre renováveis”* (C. 28a). A Igreja, aprovando as Constituições atuais, garante que a Companhia, pela maneira como compreende e expressa os votos hoje, permanece fiel aos fundadores.

#### **4. - VOTOS “NÃO RELIGIOSOS”**

A expressão “votos não religiosos” significa, primeiro, que os votos das Filhas da Caridade são distintos dos das religiosas. A diferença fundamental é que na vida religiosa se professa os conselhos evangélicos por votos públicos e, através deste ato é que se torna uma religiosa. Enquanto que para a Filha da Caridade o que a constitui é o dom de sua vida a Deus para servir o Cristo nos Pobres. É por esse motivo que se torna Filha da Caridade no momento da entrada no Seminário. Os votos (nem públicos, nem solenes, nem privados, mas que são próprios a

Companhia) confirmarão mais tarde este dom total a Deus para melhor servir os pobres. O artigo 12 das Constituições inseriu este de São Vicente: as Filhas da Caridade “*considerarão que não se encontram numa religião, pois este estado não é conveniente aos trabalhos de sua vocação... e não fazendo qualquer outra profissão para garantir a própria vocação, mas por esta confiança contínua na divina Providência e pela oferenda que lhes fazem de tudo o que são e do próprio serviço na pessoa dos pobres*”.

O Padre Lloret gostava de repetir esta frase: “*Não se é Filha da Caridade porque se faz os votos, mas se faz os votos porque se é Filha da Caridade e para sê-lo sempre mais perfeitamente*” (Ecos da Companhia, outubro de 1985, p. 340). Isso quer dizer que os votos não são um elemento constitutivo da Filha da Caridade, mas sua natureza e sua maneira de assumi-los afeta a identidade da Companhia e são necessários para nela permanecer. Na consagração das religiosas, o centro é a profissão dos Conselhos Evangélicos de castidade, de pobreza e de obediência por votos públicos; nas Filhas da Caridade, o centro é a missão, isto é: continuar a missão do Cristo Evangelizador e Servo pelo caminho da caridade, que se expressa pelo serviço corporal e espiritual dos pobres.

Diz-se, frequentemente, que a definição de votos “não religiosos” pronunciados na Companhia é negativa e não explica bem o que eles são. De minha parte, penso que eles estão claramente explicados nos artigos que as Constituições e a Instrução sobre os Votos lhes consagram (cf. C. 24, 27-31 e Estatutos correspondentes). O fato de se tentar, hoje, revalorizar os votos, não os torna “religiosos”, mas permite compreendê-los e vivê-los segundo as Constituições. Estas mesmas Constituições e Estatutos não dizem nunca que as Filhas da Caridade professam os votos (ainda que algumas Irmãs continuem a falar hoje, de “aniversário de minha profissão”). As Constituições usam as palavras: escolhem, pronunciam, fazem, praticam, ratificam seu dom total a Deus pelos votos, mas nunca elas dizem que os professam. Dizer uma palavra ou outra, não é a mesma coisa porque, geralmente, as palavras expressam o que se pensa.

## **5. - VOTOS “ANUAIS E SEMPRE RENOVÁVEIS”**

Os Fundadores hesitaram entre a temporalidade e a perpetuidade dos votos na Companhia. Finalmente, eles se decidiram pela temporalidade, por votos renováveis todos os anos na Festa da Anunciação que celebra o mistério da Encarnação. Era uma outra maneira de marcar a diferença das Filhas da Caridade com as religiosas que, geralmente, fazem votos perpétuos.

O fato de serem anuais e renováveis não diminui a importância. A temporalidade não é um sinal de provisório, é um dinamismo espiritual, um elã para um aprofundamento progressivo da vocação, a intenção daquela que renova seus votos é uma escolha para toda a vida. A renovação anual é um SIM sem interrupção à vocação. Considerando que os votos confirmam a consagração feita a Deus e que esta, de uma maneira deliberada, é uma opção para toda a vida, os votos são “sempre renováveis”. O fato de fazer os votos por um ano, não quer dizer que a resposta a vocação seja também por um ano. São Vicente pedia a Deus para que as Irmãs vivessem e morressem observando perfeitamente a castidade, a pobreza e a obediência (Conferência de 19 de julho de 1640, pág 17). Santa Luísa escrevia: “*Não recebemos ninguém que não tenha a intenção de viver e morrer na Companhia*”(C. 541 (L.486), 17 de julho de 1656, pág. 583). Neste sentido, o fato de serem por um lado, anuais e por outro, renováveis, são duas facetas que estão fortemente unidas. A fidelidade à vocação significa que se persevera, mesmo se os votos são feitos por um ano. Diante de uma possível relativização dos votos pelo fato de serem anuais, São Vicente afirmava: “*Mais valia, todavia, não os fazer do que fazê-los com a intenção de deles vos dispensardes quando quisésseis*” (Conferência de 19 de julho de 1640, pág.17).

## 6. - OS VOTOS COMPREENDIDOS E VIVIDOS À LUZ DO “VOTO ESPECÍFICO”

Um outro aspecto fundamental dos votos das Filhas da Caridade é que a finalidade da Companhia constitui o objeto de seu quarto voto, seu “voto específico” (cf. C.24). É o mais característico da Companhia, o mais diretamente ligado a sua identidade e a sua finalidade na Igreja. Os três outros precisam ser compreendidos e vividos em relação a este quarto. A fórmula que elas empregam para pronunciar seus votos mostra claramente: *“Em resposta ao apelo de Cristo que me convida a segui-Lo e a ser testemunha de sua Caridade para com os pobres, eu... faço voto a Deus por um ano, de castidade, pobreza e obediência... e de me empregar ao serviço corporal e espiritual dos pobres”* (C.28b, 1ª fórmula). *“Faço voto por um ano de servir os pobres, de viver em castidade, pobreza e obediência”*(C.28b, 2ª fórmula). Pois *“o serviço de Cristo nos pobres é um ato de amor - amor afetivo e efetivo - que lhes orienta a vida e que é a expressão por excelência do “estado de caridade”* (C. 24a). *“A prática dos conselhos evangélicos... recebem deste serviço seu caráter específico* (C.27). *“A prática dos conselhos evangélicos, sempre ligada ao serviço de Cristo nos pobres”*(C. 52c). A Companhia é uma Sociedade de Vida Apostólica e essas Sociedades se distinguem, antes de tudo, por uma finalidade apostólica; a das Filhas da Caridade é o serviço corporal e espiritual dos pobres. Essa finalidade constitui o objeto de um “voto específico” e para melhor realizá-lo “escolhem viver total e radicalmente os conselhos evangélicos” (cf. C.8b, c). A Constituição 16b sublinha: *“O serviço é para elas a expressão de seu dom total a Deus na Companhia e lhe dá seu pleno significado”*.

Após ter dito tudo isso, é preciso fazer muita atenção porque ainda que o serviço dos pobres seja fundamental na Companhia, ele não é tudo. Não se pode também “absolutizar” o serviço dos pobres e considerar como de menor importância as outras dimensões da vida das Filhas da Caridade, nem pensar que os três outros votos são apenas meios para melhor servir os pobres. Pelos votos, as Filhas da Caridade ratificam seu dom total a Deus, é por isso que não podemos considerá-los somente como instrumentos para melhor realizar o serviço dos pobres. Dizer que a vocação da Filha da Caridade (seu carisma e sua finalidade) é servir os pobres é uma afirmação parcial e ambígua. Para servir os pobres não é necessário ser Filha da Caridade. Há muitas outras pessoas que os servem. Na Companhia, o dom total a Deus e o serviço de Cristo nos pobres são duas realidades inseparáveis, mesmo se não é a mesma coisa. É um mesmo amor, ao Cristo e aos pobres (amor afetivo e efetivo), que dinamiza toda a vida das Filhas da Caridade. O serviço é fundamental: sim, quando é compreendido e realizado enquanto Filha da Caridade com um espírito de simplicidade, humildade e de caridade, como serva de Cristo e serva dos pobres. É a mística do serviço, ou seja, é a razão pela qual se serve, a maneira como se serve e a pessoa que se serve nos pobres que é essencial. Quando uma Filha da Caridade diz “serviço de Cristo nos pobres”, inclui as outras dimensões, que são também importantes de sua identidade: vida espiritual, vida em comunidade fraterna... Isto é, todo o seu projeto de vida, sua maneira de seguir o Cristo, de ser uma boa cristã na Companhia.

## II. - OS TEXTOS DAS CONSTITUIÇÕES E OS ESTATUTOS SOBRE OS VOTOS.

### O VOTO ESPECÍFICO (C.24; E. 8-12)

As Constituições atuais, que neste ponto diferem das de 1983, colocam o voto do serviço dos pobres em primeiro lugar (cf. C.24). Logicamente, a enumeração do artigo 28a segue a mesma ordem. *“O serviço é para elas a expressão de seu dom total a Deus na Companhia e lhe dá seu pleno significado”*. Esta frase do artigo 16b das Constituições é o melhor pano de fundo, o contexto mais adequado para destacar e esclarecer o voto específico de serviço de Cristo nos pobres.

O artigo 24 e os Estatutos correspondentes são o modelo do que deve ser uma renovação dos textos das Constituições: um retorno às fontes e uma atenção aos sinais dos tempos. Ele começa

apresentando a motivação que impulsiona as Filhas da Caridade a fazerem o voto de servir dos pobres: é por amor (trama de toda a sua vida), um amor que se faz serviço do Cristo nos pobres e que é a expressão por excelência de seu “estado de caridade”. Esta expressão é o resumo do texto de São Vicente que encabeça este parágrafo: “Dar-se inteiramente por estado e ofício, pela salvação e alívio dos aflitos!”.

Pelo voto específico, as Filhas da Caridade se comprometem diante de Deus a “servir os pobres corporal e espiritualmente, segundo as Constituições e os Estatutos”. O artigo 24 e os Estatutos 8 à 12 desenvolvem todo o conteúdo deste voto. Podemos distinguir três níveis:

a) nível social: assumir a causa dos pobres, defender a justiça, trabalhar para mudar as estruturas que geram a pobreza, colaborar com aqueles que defendem os direitos dos pobres, ser a voz daqueles que não têm a possibilidade de se fazerem ouvidos, estar atenta às realidades socioculturais e sociopolíticas dos povos, competência profissional, defesa da vida e da paz, uso responsável das fontes naturais e distribuição equitativa dos bens, as mídias de massa, etc.

b) nível humano: dar atenção à pessoa e promover todas as dimensões de seu ser, respeitar a sua dignidade, humanizar a técnica, colocar-se à escuta dos pobres para ajudá-los a tomar consciência de sua própria dignidade e para que sejam agentes de sua própria promoção;

c) nível pastoral: anunciar o evangelho aos pobres, deixar-se evangelizar por eles, colaborar na pastoral local e com a Família Vicentina, promover um laicato responsável, suscitar o compromisso dos jovens e dos adultos em favor daqueles que são mais pobres, etc.

Por este voto específico, a Companhia se compromete à viver num “estado de caridade” que compreende a humanização, a promoção e a evangelização dos pobres.

## **A PRÁTICA DOS CONSELHOS EVANGÉLICOS (C. 27-31; E. 15-18)**

Eis aqui alguns aspectos mais gerais e , comuns aos três votos.

O artigo 27 das Constituições destaca que o serviço de Cristo nos pobres dá um caráter específico à prática dos conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência. Pelo voto de castidade, as Filhas da Caridade liberam o seu coração “por uma doação incondicional e uma total disponibilidade ao serviço dos pobres”(C. 29a). Pelo voto de pobreza, abrem o seu coração ao amor de todos e colocam toda a sua pessoa para o serviço dos pobres, partilham sua vida e consideram os bens materiais como o patrimônio dos deserdados (cf. C. 30a). Pelo voto de obediência, oferecem a Deus sua liberdade, comprometendo-se a descobrir a vontade de Deus manifestada através do clamor dos pobres e tornam-se disponíveis para os diferentes serviços confiados pela Companhia.

O artigo 28a começa com uma constatação histórica: “as Irmãs expressaram (ao Fundador) o desejo de ratificar seu dom total a Deus através de votos”. É isso que expressam sempre quando os fazem pela primeira vez ou quando os renovam todos os anos. Os votos são, pois, muito mais que meios para melhor servir os pobres. Para fazê-los de maneira válida, o direito universal (o Código de Direito Canônico) coloca condições (livre de toda fraude, uma idade não inferior a 18 anos, livre de laço matrimonial ou de votos de um outro instituto, etc.). O direito próprio pode colocar outras condições. O da Companhia estabelece que é necessária a aprovação do Superior Geral para pronunciá-los pela primeira vez e para renová-los. Somente o Soberano Pontífice e o Superior geral podem dispensar uma Filha da Caridade de seus votos.

O artigo 28b apresenta as duas fórmulas dos votos. As duas são válidas, e o que as difere é a ordem na qual os votos foram colocados. As Irmãs são livres para escolher a fórmula que desejam. Os artigos 28c, d, e, f explicam os pontos concretos que poderiam ser colocados nos

Estatutos, mas o assunto sobre os votos é tão importante na Companhia, que esta lhe dá muita atenção. O Estatuto 15 acrescenta outras afirmações.

Os artigos 29, 30 e 31 apresentam cada um dos votos sob o ângulo do seguimento de Cristo (como pedem os cânones 599-601). Em seguida, eles definem os compromissos das Filhas da Caridade para cada voto: “comprometem-se a...”. Os votos são feitos sobre uma “matéria concreta”, mas sem diminuir as exigências e a radicalidade do conselho evangélico correspondente, pois é nesta direção que os votos são orientados. É por esta razão que os artigos apresentam pontos concretos e ao mesmo tempo, a riqueza espiritual e teológica dos conselhos evangélicos e os meios para vivê-los.

### **III - ALGUNS PONTOS RELACIONADOS ÀS TRÊS CARACTERÍSTICAS DA IDENTIDADE DAS FILHAS DA CARIDADE.**

#### **a) Os votos na Companhia, como Sociedade de Vida Apostólica, são “não religiosos”.**

Que os votos sejam “não religiosos” não diminui a radicalidade do compromisso assumido diante de Deus. Os votos das Filhas da Caridade têm a mesma profundidade, a mesma exigência teológica e espiritual que os das religiosas. A diferença se encontra na orientação e de certos efeitos jurídicos.

Será que não existe da parte de algumas Irmãs, uma depreciação do valor do voto, uma relativização dos votos? Às vezes, acontece que as Irmãs fazem os votos pela primeira vez ou renovam e alguns meses depois, pedem a dispensa deles. As Irmãs devem considerar a renovação anual de seus votos como um meio dinâmico importante para a sua vocação das Irmãs.

São Vicente estimulava as Irmãs a viverem sua vocação com uma maior exigência “*a partir do momento que vós fizestes os votos*”. O fato de assumir os conselhos evangélicos por votos sempre significou, na Igreja, um seguimento mais radical de Cristo, caso contrário, eles perdem sua razão de ser. O Padre Maloney escreveu: “*Os votos são sinais proféticos e palavras atraentes à condição que os vivamos verdadeiramente até o fim. De outra forma, eles se tornam um escândalo, uma mentira, a história de alguém que deu e depois retomou*” (Ecos da Companhia, maio de 1996, p. 172). Sem este aspecto da radicalidade, eles se transformam em sal que perdeu o sabor. É preciso sempre velar para que o pedido da renovação anual (tanto das Irmãs à Irmã Servente, quanto da Visitadora à Superiora Geral) não se torne uma simples tarefa a ser realizada.

#### **b) A temporalidade dos votos**

Os votos anuais e renováveis não devem afetar a escolha da vocação que é para toda a vida. Nossos Fundadores insistiam sempre neste ponto: “*vós mesmas vos oferecestes a Ele na Companhia para nela viver e morrer*” (Conferência de 3 de junho de 1653, pág. 413), “*...não recebemos ninguém que não tenha a intenção de viver e morrer na Companhia*” (C. 541(L.486), 17 de julho de 1656, pág. 583).

Em razão da influência da cultura atual, que tem medo de assumir compromissos duradouros, preferindo aqueles que têm uma curta duração, algumas Irmãs correm o risco de associarem sua escolha da vocação a temporalidade dos votos. A intenção dos Fundadores era totalmente o contrário. Eles aceitaram a emissão dos votos na Companhia como sinal de maturidade e de estabilidade na vocação. A fidelidade a vocação inclui a perseverança, mesmo se os votos são anuais. A resposta a vocação é um Sim ao chamado de Deus para toda a vida. Não se deve, então, associar votos anuais à fidelidade a vocação.

A renovação anual não significa algo provisório, mas algo dinâmico, um novo elã para aprofundar o dom total a Deus na Companhia. Há algum tempo, durante um encontro de Superiores Gerais, alguém sugeriu que a maneira de propor os votos anuais (como os das Filhas da Caridade) era um meio de atrair as jovens de hoje. Esta proposta de apresentar a vocação às jovens está equivocada, além do mais, ela não se aproxima do sentido de temporalidade dos votos na Companhia.

Se a renovação anual dos votos não for compreendida como um sinal de confirmação e de aprofundamento progressivo da vocação, esta temporalidade dos votos se torna uma ocasião de conflitos, de questionamentos incessantes para saber se devem permanecer ou partir, o que desestabiliza e faz perder a unidade de vida e de pertença à Companhia. Os conflitos existem também nas diferentes instâncias do governo que devem enfrentar as diversas possibilidades previstas pelas Constituições: pedido ou imposição de um atraso na renovação, sua duração, a maneira de vivê-lo, o acompanhamento possível a oferecer caso a Irmã tenha ou não, dez anos de vocação, etc. O que é ainda mais grave é o fato de pedir uma dispensa dos votos pouco tempo antes ou depois de tê-los renovados. Em uma instituição como a Companhia, onde os membros fazem votos por um ano, o pedido de dispensa deve permanecer excepcional.

### **c) O voto do serviço dos Pobres**

Ao dizer que o voto mais característico da Companhia é o do serviço dos pobres, expressão do dom total a Deus, a trama que une e dá um sentido aos três outros votos, estas afirmações são verdadeiras, mas não são toda a verdade. Pois *“não é bastante servir os pobres”* (Conferência de 25 de novembro de 1658, pág. 849); *“muitas outras fazem profissão de assistir os pobres como vós, mas não da maneira usada entre vós”* (Conferência de 9 de fevereiro de 1653, pág. 388). É preciso sempre acrescentar que: o serviço dos pobres seja feito enquanto Filha Caridade. Em outras palavras, olhar os pobres com os olhos da fé e neles ver a imagem do Cristo; socorrê-los, trabalhar por sua promoção e realizar o serviço em atitude de serva humilde, simples e caridosa. Desta maneira, o serviço é a expressão do seu dom total a Deus e não uma simples questão de profissionalismo.

Com relação ao voto de serviço dos pobres, é importante encontrar ou desenvolver a mística do serviço. Trata-se do espírito da Companhia e da atitude de serva que deve animar as servas dos pobres.

Na Companhia, o serviço dos pobres faz parte do “ser” de uma Filha da Caridade, de sua identidade, de seu dom a Deus. No entanto, não se pode absolutizar o serviço, deixando de lado outras dimensões da vocação, como por exemplo, a via espiritual, a vida comunitária, a formação, etc.

Além do mais, é a Comunidade que é enviada para servir os pobres numa obra concreta. As Irmãs não devem trabalhar em outros serviços que não sejam assumidos e apoiados pela Comunidade e pela Província. Senão, a obra se torna trabalho de uma Irmã, sem garantir sua continuidade e encarregando a Comunidade ou a Província de uma responsabilidade que não foi discernida como prioritária. Em todo serviço dos pobres, o critério deve ser a necessidade dos pobres e não os desejos de uma Irmã.

Hoje, mais do que nunca, o serviço dos pobres exige muita qualidade para trabalhar na promoção, humanização e evangelização dos pobres. Então, é preciso velar pela formação das Irmãs, formação profissional, espiritual e apostólica.

#### **d) O voto de castidade**

Numa cultura hedonista que coloca em evidência a satisfação do instinto sexual, o celibato casto torna-se incompreensível e encontra muita desconfiança quanto à sua autenticidade. Tal é o contexto no qual a vida consagrada assume hoje, o conselho evangélico de castidade. A sexualidade, situada num contexto menos repressor que antigamente, em razão da evolução dos costumes é infelizmente, banalizada e desacreditada. Estatísticas sérias e confiáveis nos dizem que os problemas não resolvidos da sexualidade são a primeira causa da maior parte dos abandonos da vocação. A imaturidade afetiva provoca dificuldades de relação na vida de comunidade e de serviço.

Portanto, é preciso insistir, em primeiro lugar, sobre a mística da castidade. Somente um amor apaixonado pelo Cristo, alimentado pela oração e sustentado por um amor fraterno, torna possível a castidade evangélica dos consagrados. Em segundo lugar, é necessário que exista uma informação clara e uma formação sólida no que se concerne a sexualidade e a afetividade durante as etapas da formação inicial. Uma visão positiva da sexualidade não exclui a vigilância e a ascese. Algumas precauções propostas às Irmãs, por São Vicente, como meios para guardar a castidade, podem nos parecer exageradas hoje. Entretanto, a experiência nos confirma a necessidade de ser vigilante no domínio afetivo e no uso das mídias de massa, como a Internet. A castidade é ao mesmo tempo, oferta alegre e renúncia. As Constituições lembram: “resposta de amor a um apelo de Amor, a castidade implica a participação no Mistério Pascal, mistério de morte e vida”(C. 29b). Ainda que seja verdade que o voto de castidade das Filhas da Caridade é orientado para o serviço dos pobres, este não é o seu fundamento. O fundamento do voto de castidade é o exemplo do Cristo e um amor por Deus que ultrapassa tudo. Deve-se então, informar e formar todas as Irmãs, sobretudo as mais jovens, sobre o significado e as implicações de viver o celibato na castidade.

#### **e) O voto de pobreza**

1- A pobreza da Companhia não é a pobreza franciscana. Desde as origens, a Companhia tem bens materiais, móveis ou imóveis para servir os pobres através das obras e dos diferentes serviços. Isto não impediu aos Fundadores nem as primeiras Irmãs de viverem a pobreza evangélica.

Num ambiente de consumismo e de desperdício próprio dos países ricos, a expressão da pobreza das Filhas da Caridade deve ser um estilo de vida sóbrio e simples, velando para não passar do necessário ao supérfluo.

É muito difícil dar testemunho da pobreza e vivê-la, sendo ricos. As Províncias mais pobres ou as mais jovens devem velar para não ter a preocupação de grandeza e de propriedade. A eficácia do serviço não está necessariamente relacionada às grandes obras. Pode-se servir aos pobres utilizando-se de simples meios, sem ser uma instituição poderosa mantida por um capital estrangeiro inesgotável. É mais fácil, e talvez mais evangélico, viver pobremente entre os pobres que ser e parecer pobre tendo muitos bens.

2 - As Irmãs e os Diretores devem ter ideias claras concernentes às permissões para a utilização dos chamados bens “pessoais”, dos quais falam a C.30d, e evitar todo tipo de diferença entre o estilo de vida das Irmãs.

#### **f) O voto de obediência**

O Filho de Deus se encarnou para realizar o desígnio do Pai: anunciar a boa nova aos pobres. O voto de obediência da Companhia permite continuar a missão do Cristo, entre os pobres.

Se São Vicente insistia para que as Filhas da Caridade não fossem religiosas, era para que a clausura não as impedisse de ir aonde os pobres as chamavam.

Além do mais, as Filhas da Caridade eram “pessoas que iam e vinham” (C. 12a), com uma total disponibilidade e uma grande mobilidade. Quando São Vicente falava da obediência, ele falava da disponibilidade para ir lá onde os Superiores as enviavam, lá onde os pobres as reclamavam.

O que importa, portanto, é a disponibilidade. É preciso velar para que o respeito a liberdade individual não esconda um certo individualismo ou egoísmo. A necessária e contínua revisão de obras em cada Província não pode realizar-se sem esta disponibilidade total das Irmãs. A missão da Companhia não deve sofrer entraves nem pelos projetos pessoais, nem pelos laços afetivos, profissionais ou apostólicos. A obediência requer corações livres que aceitam a vontade de Deus, conscientes também que a autoridade, o discernimento comunitário e os sinais dos tempos são mediações necessárias para descobrir o projeto de Deus sobre a Companhia. É bom suscitar uma obediência no diálogo para compreender as necessidades dos pobres e não os desejos das Irmãs.

#### **f) A secularidade da Companhia e o estilo de vida.**

A secularidade da Companhia é uma característica de sua identidade na Igreja. As Filhas da Caridade devem defendê-la por fidelidade às origens e não para diminuir as exigências evangélicas. É preciso compreender bem o sentido dado pelos Fundadores. A palavra “secularidade” deriva do latim “saeculum” que significa “século”, “mundo”. Os Fundadores quiseram que as Filhas da Caridade se santificassem servindo os pobres, lá onde eles vivem. A secularidade está em função da finalidade da Companhia: as Irmãs vivem no mundo, nas ruas da cidade e não num monastério, com grades e celas. Conscientes do perigo ao qual expunha estas moças, São Vicente pede-lhes para ter mais virtudes que as religiosas. A secularidade da Companhia não quer dizer secularização, nem do ponto de vista ideológico nem do ponto de vista comportamental, muito menos diminuição das exigências evangélicas. A secularidade deve aparecer num estilo de vida que encarna a Identidade da Companhia descrita pelas Constituições das Filhas da Caridade: um estilo de vida aberto, acolhedor, disponível tornando visíveis as três virtudes do espírito da Companhia, que não são virtudes ascéticas (perfeição pessoal) mas virtudes apostólicas, orientadas para o serviço dos pobres.

A Companhia está presente em contextos socioculturais e religiosos muito diferentes. Uns são mais secularizados, outros com uma tendência religiosa conventual. Se as Filhas da Caridade compreenderem bem o que os Fundadores desejavam com a secularidade da Companhia, elas serão capazes de superar tanto o perigo da secularização, quanto o de se transformarem em religiosas... Seu estilo de vida não será nunca o dos leigos, nem o das religiosas, mas a expressão visível da identidade da Companhia. Isso nos faz pensar na oração de Jesus por seus discípulos: “Pai, não peço que os tires do mundo, mas sim que os preserves do mal. (...) Como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo”(Jo 17, 15-18).

Padre Fernando QUINTANO, cm

**Padre Gabriel Naranjo, cm**

## **O discernimento evangélico**

19 de maio de 2011

No coração da espiritualidade vicentina, existe sempre a referência à realização da vontade de Deus. É o ponto de partida e o fio condutor da vida e da missão dos Fundadores. Quando Luísa pede a Vicente para guiá-la ao longo de sua vida inquieta, ele tinha uma longa experiência de discernimento, que partilha com muito respeito, mas ao mesmo tempo, com muita firmeza, tudo isso numa prática clara e dinâmica do acompanhamento espiritual de seu dom a Deus e aos pobres. É a mesma profunda relação que existe entre os pontos dos quais vamos falar. Sabemos o que Vicente respondeu à Luísa, sem hesitar, quando ela lhe perguntou o que era necessário para ser santa: realizar a vontade de Deus. Pode-se acrescentar também que a intenção profunda de Vicente e de Luísa e a fecundidade de sua relação tem como causa o fato que ambos desejavam viver o que Jesus de Nazaré viveu: “Faço sempre o que é do seu agrado” (do Pai)<sup>1</sup>.

A busca da vontade de Deus, através do discernimento, era uma prática bíblica que nossos Fundadores empregavam muito, com sua capacidade de interiorização, intuição psicológica e espiritual e, também, em grande parte, com seu bom senso. Para eles, não era uma prática automática e sem valor, nem um exercício mecânico de disciplina, era um comportamento pleno de amor, uma espécie de “estado de discernimento”, isto é, uma busca incansável que sustentava sua conversão permanente e alimentava sua extraordinária vitalidade apostólica. Poderia-se afirmar que Vicente e Luísa foram “peregrinos em busca da vontade de Deus” porque sua caminhada foi sempre determinada por essa busca, que nunca cessou já que eles nunca encontraram um “espaço” onde poderiam ter dito que tinham realmente encontrado esta vontade de Deus.

Baseando-nos neste testemunho das origens, vamos tratar nosso assunto considerando o fato de que, do ponto de vista da formação, o discernimento se faz a partir da vida segundo o Espírito, da vocação e da identificação com Jesus Cristo.

### **1. O DISCERNIMENTO E A VIDA SEGUNDO O ESPÍRITO**

A Companhia das Filhas da Caridade não ficou à margem da crise que começou na Igreja Católica depois do Concílio Vaticano II. Constatamos, por exemplo, pela grande diminuição do número de Irmãs nestes últimos anos. Mas, ao mesmo tempo, ela participou deste maravilhoso *Kairós*, por exemplo, através de um esforço exemplar para se concentrar na essência de sua vocação: uma vida segundo o Espírito. Isso a conduziu a encontrar a essência do carisma vicentino.

Neste duplo movimento, muitas Províncias tiveram a audácia de reconhecer que alguns estilos de vida pareciam ignorar o Espírito Santo e mesmo o sufocavam com maneiras de ser que “domesticavam” uma livre resposta de fé à Palavra viva de Deus, inédita e imprevisível. As Constituições atuais confirmam este esforço de renovação e assim, a Companhia deu um grande passo: as Filhas da Caridade devem viver uma profunda experiência de Deus e reencontrar a alegria e a vitalidade dos Fundadores e das primeiras Irmãs. As inspirações do Santo Espírito ainda não se esgotaram, elas nos interpelam constantemente a fim de que nos tornemos testemunhas dinâmicas do Reino.

A vida segundo o Espírito quer dizer que a Companhia, como toda a Igreja, deve ser cada vez mais “pobre, missionária e pascal”<sup>2</sup>. O fio condutor da formação será o discernimento evangélico. Para isso, é bom lembrar-se do que a “*Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*” disse em “Aparecida”<sup>3</sup>: vivemos na época de mudanças mais profundas e

mais rápidas da história da humanidade<sup>4</sup>. Diante desta situação, a novidade do Espírito não pode ser sufocada por sistemas que, na maior parte dos casos, transforma os meios em objetivos.

## 1.1 A vida nas crises

O discernimento evangélico muito contribui para a formação em relação à “vida segundo o Espírito”: ele converte as situações de crise em momentos de vida. Se consideramos a Igreja e a civilização, sobretudo a ocidental, elas estão vivendo uma grande crise. Nem a Companhia, nem sua formação podem ignorá-la. Atualmente, isto é o húmus do discernimento evangélico.

Esta crise entrou no interior da Família Vicentina, concretamente na Companhia e na Congregação da Missão e se expressa pela:

- falta de segurança, desencorajamento, a fuga diante dos compromissos;
- saída de co-irmãos e Irmãs de uma certa idade;
- diminuição das vocações, com relação à uma época que não está assim tão longe;
- insatisfação de alguns e de algumas dentre nós com relação às nossas instituições e estruturas;
- tensões dolorosas que existem em algumas de nossas comunidades locais ou nas províncias;
- falsas seguranças ou os questionamentos exagerados que são generalizados, como uma moda, em certas províncias, dificultando enormemente as decisões e criando um mau espírito;
- falta de equilíbrio e de prudência no uso das mídias de massa, como a internet que pode criar uma dependência;
- falta de compreensão pelos jovens que estão discernimento;
- falta de acolhimento da parte dos jovens diante de algumas exigências elementares...

Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer que:

- Melhoramos muito a vida comunitária, dando às novas gerações mais espaços de realização pessoal;
- Encorajou-se a busca de novas formas de serviço dos pobres;
- Reencontrou-se a pobreza efetiva no trabalho, no serviço, no estilo de vida;
- Permitiu-se uma obediência mais participativa;
- Preservou-se uma preocupação missionária para anunciar a Boa Nova aos que estão mais longe e aos mais indiferentes;
- Tomou-se consciência da implicação da justiça para construir a paz;
- A Companhia e a formação se inculturaram e se adaptaram aos novos modos de vida.

## 1.2 Condições para o discernimento de acordo com a vida no Espírito

Para enfrentar com sucesso as crises, há elementos importantes: o senso crítico, que ajuda a clarificar e a desmascarar o que é relativo e o que deve ser absoluto. Há também processos de purificação que conduzem à conversão pessoal e pastoral, no nosso caso, formativa<sup>5</sup>. O discernimento evangélico pode manifestar-se caso encontre algumas condições:

- a) Viver os momentos de crise, institucional ou pessoal, considerando seus aspectos positivos e purificadores;
- b) Procurar a energia vital das instituições de formação, despojando-as continuamente dos acréscimos históricos;
- c) Descobrir os desígnios de Deus em relação à situação pessoal, comunitária e institucional;
- d) Aceitar os novos caminhos;

- e) Distinguir entre o que é secundário e o que é essencial à Luz do Evangelho e dos sinais dos tempos;
- f) Caminhar no ritmo da Providência Divina. Não se trata de ver claramente, mas de progredir na esperança.

### **1.3 Objetivos da vida segundo o Espírito**

A experiência espiritual e apostólica de Vicente de Paulo e Luísa de Marillac tinha sua fonte no mistério da Encarnação. A dimensão espiritual referia-se a toda sua personalidade. Eles viviam uma grande união com Deus<sup>6</sup>, de tal maneira que eles nos ensinaram a interpretar a vida, a história e o mundo a partir de Deus.

Trata-se de uma vida segundo o Espírito que faz agir com coerência o plano humano e espiritual, o profano e o sagrado, a política e a religião, a história e o transcendente. Deus não é somente um nome, mas uma relação plena de vida que transcende a doutrina e a moral: *“Não se começa a ser cristão por uma decisão moral ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e uma orientação decisiva”*<sup>7</sup>. A vida cristã se desenvolve em união com a pessoa de Jesus de Nazaré, Aquele que está presente em tudo e em todas as coisas; Ele que ajuda a superar todas as contradições da existência humana<sup>8</sup>. O ser humano não é somente *“imagem e semelhança de Deus”*, mas é também *“imagem e semelhança”* de Cristo. Uma relação com Deus não é possível sem uma relação com Jesus Cristo, ela é ao mesmo tempo uma identificação com seus comportamentos, suas atitudes e seus valores: *“vivemos em Jesus Cristo, pela morte de Jesus Cristo e devemos morrer em Jesus pela vida de Jesus Cristo, e nossa vida deve estar escondida em Jesus Cristo e plena de Jesus Cristo e para morrer como Jesus Cristo, é preciso viver como Jesus Cristo”*<sup>9</sup>.

A característica de uma vida segundo o Espírito é uma experiência de fé em Jesus Cristo, encontrado na Igreja. Ele nos impulsiona à uma nova vida que consiste, segundo a expressão de Paulo VI, a: *“passar de um estado ‘psicológico’ a um estado realmente espiritual”*.<sup>10</sup> Trata-se da novidade plena de esperança e de liberdade, sinais do Espírito<sup>11</sup>.

Viver segundo o Espírito é deixar-se orientar por Deus sem deixar-se influenciar pelo espírito do mundo<sup>12</sup>, é *“experimentar a doçura da Palavra de Deus e as maravilhas do mundo vindouro”*<sup>13</sup> desde agora, é adotar uma maneira de viver que produz frutos como a caridade, a alegria, a paz, a bondade, a doçura, a temperança<sup>14</sup>, para o bem de todos<sup>15</sup>.

## **2. O DISCERNIMENTO E A REALIZAÇÃO DA VONTADE DE DEUS.**

Sobre a base da vida segundo o Espírito, iremos agora, refletir sobre seu objetivo específico: a vontade de Deus.

### **2.1 O discernimento evangélico e a vivência da nossa vocação.**

O discernimento evangélico tem uma relação com a vocação a partir do seu começo quando é preciso tomar uma decisão de responde-la, e depois para continuar a viver e assumir suas consequências. Neste sentido, o discernimento deve ser um exercício regular para conhecer o desígnio de Deus e as decisões a serem tomadas. Cedo ou tarde enfrentamos dúvidas ou diferentes possibilidades de ação. Para viver sua vocação e realizar sua missão, as formadoras devem exercer este discernimento, primeiramente por si.

É necessário, igualmente, praticar o discernimento evangélico quando uma jovem se interroga sobre sua vocação vicentina. Devemos recorrer a ele quando há dúvidas sobre as aptidões

de uma candidata, ou quando uma jovem Irmã do Seminário passa por uma crise; quando a comunidade de formação deve julgar a importância de uma limitação, na aspirante; ou de um erro, quando é preciso escolher uma comunidade para um estágio apostólico, etc.

Em nossa caminhada no seguimento de Jesus, o discernimento garante nossa escolha de fazer tudo o que agrada ao Pai. Não podemos realizá-lo senão, a partir do amor que torna capaz de descobrir a vontade de Deus.

A raiz latina e grega do termo se refere à capacidade de distinguir a voz de Deus de outras vozes, de reconhecê-la entre outras várias possibilidades. Um autor bem conhecido, José Maria Castillo, diz que a chave do discernimento é a mudança da escala de valores do mundo para a escala de valores da cruz.

São Paulo que, várias vezes, recomenda ou supõe o discernimento: *“Peço, na minha oração, que a vossa caridade se enriqueça cada vez mais de compreensão e critério, com que possais discernir o que é mais perfeito e vos torneis puros e irrepreensíveis para o dia de Cristo, cheios de frutos da justiça, que provêm de Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus”*<sup>16</sup> *“que a vossa caridade se enriqueça cada vez mais de compreensão e critério, com que possais discernir o que é mais perfeito, e vos torneis puros e irrepreensíveis para o dia de Cristo, cheios de frutos da justiça, que provêm de Jesus Cristo”*<sup>17</sup>.

## 2.2 Elementos do discernimento evangélico

Para o discernimento pessoal como para o comunitário, é importante lembrar-se que seu objeto é a vontade de Deus, tanto no sentido de buscá-la quanto de realizá-la. São Paulo nos apresenta uma síntese bem clara: *“Deus derramou profusamente sobre nós, em torrentes de sabedoria e de prudência. Ele nos manifestou o misterioso desígnio de sua vontade, que em sua benevolência formara desde sempre, para realizá-lo na plenitude dos tempos - desígnio de reunir em Cristo todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra. Nele é que fomos escolhidos, predestinados segundo o desígnio daquele que tudo realiza por um ato deliberado de sua vontade”*<sup>18</sup>.

Neste quadro de referência, o discernimento deve sempre buscar três luzes:

a) O melhor para mim ou para nós, aqui e agora, com relação a salvação. Não se trata somente do que “está bem” segundo a consciência, mas do que é bom para um discípulo missionário, que não se contenta com uma maneira de agir “honrável” ou simplesmente “bom” mas que procura sempre o melhor: *“possais discernir o que é mais perfeito”*<sup>19</sup>, *“o que é bom, o que lhe agrada e o que é perfeito”*<sup>20</sup>.

Na realidade, não se trata de escolher entre o bem e o mal, para isto a lei moral bastaria, mas entre o bom e o melhor, pois a vontade de Deus não olha somente o bem, mas entre duas coisas boas, ela escolhe a melhor no quadro da salvação. É neste sentido que é preciso compreender a passagem do encontro do jovem rico e Jesus: ele era bom, mas não escolheu o melhor<sup>21</sup>. Aqui, vemos claramente a relação entre o discernimento evangélico e o amor, este vai mais longe que o essencial, que as normas; não há limites.

b) A vontade de Deus é um apelo, uma vocação e ao mesmo tempo, um dom que é ofertado e que supõe a capacidade de escutar e de acolher. Por um lado há o que somos com as influências recebidas, por outro há, ao mesmo tempo, os apelos que Deus nos faz gratuitamente.

c) Vontade de Deus exige viver em coerência com nossa vocação. Esta realiza-se no cotidiano. Ela nos chama a viver de acordo com nossas disposições naturais e nossas determinações, segundo as *diversas circunstâncias*. Neste caso, o caminho não foi ainda traçado e insiste-se sobre a liberdade do inventor para ser fiel.

Normalmente, a vontade de Deus se manifesta através dos acontecimentos, das pessoas da história... interpretados à luz da fé.

### **2.3 Manifestações da Vontade de Deus.**

O panorama das possibilidades é vasto : os sinais dos tempos, os eventos da história, os fatos inesperados, a realidade que nos rodeia, as indicações dos Superiores, a Comunidade, as necessidades das pessoas, as qualidades pessoais, as crises, as reações, as percepções, etc. Pode-se classificá-las em duas categorias: as indicações que nos vêm da realidade, e as que vêm das intuições.

a) A realidade que está fora de mim e que é preciso ler à luz da fé, no quadro do plano da salvação de Deus, é a Vontade de Deus lida.

b) As luzes e as intuições interiores são a vontade de Deus sentida. Trata-se da presença ativa do Espírito Santo, que se torna real quando tende a invadir serenamente todos os espaços da pessoa humana, a tal ponto que quem a experimenta, começa a escutar ali a voz do Espírito. Estritamente falando, não é uma experiência *direta* do Espírito, mas sente-se os efeitos que ele produz na pessoa, com a ajuda de nossa inteligência e de nossa vontade. Percebe-se os “frutos do Santo Espírito” quando ele ilumina, move, reconforta, abranda, torna flexível e dócil<sup>22</sup>.

### **2.4 A pessoa que pratica o discernimento da vontade de Deus.**

No discernimento evangélico, o essencial é a ação do Espírito, a escuta e a disponibilidade daquele que crê. A disponibilidade requer a capacidade de ler a realidade com os olhos da fé. Três tipos de predisposições são necessários:

#### a) Predisposições humanas

Além de conhecer a si mesmo e perceber com suficiente lucidez a questão a discernir supõe a capacidade de ser objetivo, ou seja:

- A serenidade e a tranquilidade sobre o plano pessoal, característica dos olhos e corações puros. É diferente das paixões despertadas, dos preconceitos, etc.

- A liberdade interior que está longe das afeições passageiras, das fobias, dos medos momentâneos, das emoções excessivas, das inclinações ou das repugnâncias efêmeras.

- O sentido da responsabilidade que não é o complexo de superioridade nem de inferioridade;

- O reconhecimento de seus limites e de suas fragilidades: defeitos de caráter que, ao longo do tempo são aceitos e defendidos como se fossem virtudes; as feridas afetivas da infância; os esquemas mentais formados durante anos; os hábitos adquiridos que impedem de compreender o outro; uma mentalidade fundamental conservadora ou progressista, etc.

#### b) Predisposições espirituais

Antes de tudo, é preciso ter feito a escolha de seguir o Cristo, isto conduz a pessoa a procurar com sinceridade o que Deus quer, de tal maneira que ela se esfoce para orientar todos os seus atos na ótica desta escolha.

Além disso, são necessários critérios, atitudes e motivações claramente definidos pelo Evangelho como a pobreza, a humildade e o amor, em oposição as tendências do mundo como a riqueza, o poder, as honras.

#### c) Predisposições vicentinas

Uma qualidade que as Constituições das Filhas da Caridade consideram com uma “base indispensável” é a atenção. Ela está unida não somente com o Espírito Santo que não cessa de agir no mundo mas também com as pessoas e as realidades<sup>23</sup>. A docilidade às "*inspirações do Espírito*" é extremamente importante, as Constituições recomendam também, assim como as virtudes específicas: uma humildade consciente dos dons de Deus e das próprias limitações; uma simplicidade associada a transparência; uma caridade ao mesmo tempo teologal, fraterna e apostólica<sup>24</sup>.

### 3. O discernimento evangélico e o ser missionário do discípulo

O discernimento evangélico concerne toda a pessoa humana. Ele acompanha o processo que compreende quatro níveis: a clareza dos princípios, a clareza das convicções, a clareza das escolhas e a clareza dos comportamentos.

O discernimento evangélico deve ser feito a partir destes quatro níveis, porque deve levar não somente a ver claramente, mas também a *viver* na verdade.

O tema principal dos relatos evangélicos é a percepção da identidade de Jesus de Nazaré. O tema dos *discípulos* aparece como unido a essa identidade e se expressa pelo “*seguimento do Cristo*”. Na realidade, o tema geral dos evangelhos é duplo: o Mestre e os discípulos, o Senhor que se faz conhecer e chama e a compreensão daqueles que decidem segui-lo ou não.

Aqui está o ponto de encontro dos elementos que formam o discernimento evangélico: a vida no Espírito, a vontade de Deus e o ser missionário do discípulo. Os dois outros temas de nossa reflexão: “doar-se para o apostolado” e “o acompanhamento espiritual”.

Eis as principais condições.

3.1 Ser discípulo supõe escolher Jesus como o Mestre. Para o discernimento, a referência ao Mestre é a chave essencial de interpretação. O discernimento dá lugar ao primado de Cristo na vida do discípulo, de tal maneira que à medida que lhe dá espaço, chega a se confundir com Ele, “tornando-se” assim Cristo.

3.2 Ser discípulo é uma vocação, ou seja um chamado gratuito do Mestre, para o qual os méritos daquele que segue o Cristo não contam; trata-se de uma eleição no mais profundo sentido teológico, em outras palavras, uma graça. Podemos dizer que o seguir a Cristo é uma experiência teologal, obra de Deus. O discernimento evangélico aguça a capacidade de pensar e de viver segundo os critérios de Jesus de Nazaré como caminho de felicidade e de realização através da entrega de si.

3.3 Ser discípulo, exige uma resposta que implica a formação. Os Evangelhos narram como Jesus chama seus discípulos e como consagra uma boa parte de sua vida terrestre para formá-los. O objetivo desta formação é a identificação com o Mestre, a partir da compreensão da sua

identidade como Salvador, de tal modo que a adesão à sua Pessoa se faça da mesma maneira que a entrega de sua vida.

O próprio Jesus foi o formador, através de sua vida de relação com seus discípulos. Ele dedicou tempo para formá-los através da vida em comum, da proximidade, seu próprio testemunho de oração e de generosidade, no dom de sua vida. Os momentos mais fortes de sua formação foram os de sua paixão e morte, ou seja, o caminho da cruz. No entanto, apesar de todos os esforços de formação, os resultados foram, ao menos no primeiro momento, decepcionantes: os discípulos o abandonaram, deixaram - no sozinho.

De qualquer maneira, a cruz é sempre plena de atualidade, como experiência de formação para o discípulo, como aprendizagem para seguir o Cristo e testemunhá-lo. A razão é que precisamente a cruz revela a verdadeira identidade salvífica do Mestre, ela nos ensina a entregar a vida como Ele. De tal modo que, um exegeta poderá afirmar que os evangelhos são “um relato da paixão com uma longa introdução”. Hoje podemos compreender e afirmar que a verdadeira tese é a revelação do Mestre que entrega sua vida para nos salvar e para mostrar aos discípulos o mesmo caminho, através de sua formação. Ao invés de fugir da cruz, como esta sociedade de consumo nos impulsiona a fazer, devemos abraçá-la, não de modo masoquista, mas como uma maneira de se formar em vista da salvação e da evangelização.

3.4 Ser discípulo quer dizer também “ ser missionário”. Os Evangelhos narram que o Senhor chamou seus apóstolos para “estar com Ele” e para “enviá-los para pregar o Evangelho”. Todo discípulo é portanto, um apóstolo, um instrumento da extensão do Reino, para anunciar a Boa Nova em Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, comunica sua experiência do seguimento do Mestre, o que o conduz a ser solidário com seus irmãos, sobretudo os mais pobres. Falaremos sobre este ponto em nossa reflexão sobre a formação para a vida apostólica.

3.5 O binômio discípulo/missão implica a dimensão comunitária: é na comunhão que se escuta o chamado do Mestre, que se compreende sua identidade, e que se responde. A vida fraterna em comunidade se torna uma escola insubstituível para o seguimento de Jesus e para anunciá-Lo no mundo. Em consequência, o discernimento evangélico não deve jamais nos afastar da comunidade, pelo contrário, deve nos unir a ela. Eu diria que sua autenticidade depende de sua dimensão comunitária e não somente no caso do que chamamos discernimento comunitário, mas também no discernimento pessoal.

Padre Gabriel Najanro, cm

#### **Notas:**

<sup>1</sup> Jo 8, 29

<sup>2</sup> Documento de Medellín n.15a

<sup>3</sup> Irmã Evelynne Franc participou deste encontro, pois foi especialmente convidada por Sua Santidade Bento XVI.

<sup>4</sup> cf. DA 44

<sup>5</sup> Cf. DA 366

<sup>6</sup> Cf. Col. 1, 15-20.

<sup>7</sup> DA N°243

<sup>8</sup> Cf. Rm. 6, 4-14.

<sup>9</sup> Coste I p. 295 / p. 320

<sup>10</sup> "Evangelica Testificatio " N°38

<sup>11</sup> 2Co. 3, 18.

<sup>12</sup> Rm 12, 2.

<sup>13</sup> Hb. 6, 5

<sup>14</sup> Ga. 5,25

<sup>15</sup> Rm. 12, 3-8

<sup>16</sup> Rm. 12, 2

<sup>17</sup> Fl. 1,9-11

<sup>18</sup> Ef. 1,8-11

<sup>19</sup> Fl. 1,9

<sup>20</sup> Rm 12,2

<sup>21</sup> Cf. Mt. 19, 13-22

<sup>22</sup> Cf. Rm. 8

<sup>23</sup> C. 24 c

<sup>24</sup> Cf. C. 17 -18

**Padre Gabriel Naranjo, CM**  
**A formação para a vida apostólica:**  
**O serviço de Cristo nos Pobres**

O Papa Bento XVI, por ocasião do 6º aniversário do início do seu pontificado, falou sobre as expressões: “Eu creio” e “Amém”. São as duas palavras que iniciam e que finalizam a oração do Credo, a profissão de fé da Igreja. Ela afirma que “a fé cristã não diz”eu creio algo”, mas “eu creio em “Alguém””.

Bento XVI sempre tenta expressar esta vida segundo o Espírito como expressão da dimensão missionária do seu seguimento do Mestre. Ele fala de uma vida enraizada em Alguém, para anunciar de maneira evangelizadora. Assim, o testemunho da incontrolável dinâmica apostólica de toda experiência de Deus, que não se situa somente no fato do crer em Deus mas também, de anunciar ao mundo.

**I- A DIMENSÃO APOSTÓLICA DO ENCONTRO COM O MESTRE NOS RELATOS EVANGÉLICOS.**

A expressão evangélica deste binômio é o “discípulo missionário”. Sua expressão vicentina que encontramos nas Constituições das Filhas da Caridade se expressa por: “*doadas a Deus para o serviço dos Pobres*”. O conteúdo dessas duas expressões é o ponto de partida da formação para a vida apostólica.

Os evangelhos falam dos discípulos missionários em dois grupos de textos: aqueles que falam sobre vocação e os que concernem ao mistério Pascal. Os primeiros contam como Jesus escolheu os discípulos para “estar com ele” e para “os enviar para anunciar o Evangelho”<sup>1</sup>. No segundo, as primeiras testemunhas da Ressurreição são enviadas para que anunciem aos outros a Boa Nova.

Os dois grupos de textos destacam os dois pólos da vida cristã: o encontro pessoal com o Ressuscitado, e o anúncio da sua ressurreição ao mundo. Podemos mesmo dizer, que parecem insistir sobre esta dinâmica apostólica, pois tudo culmina com o envio para o anúncio da Boa Nova, acompanhado da promessa da presença do Mestre.

Estar com Jesus é em si, uma experiência missionária porque impulsiona o discípulo a testemunhar. Cristo convida àqueles que o seguem para “estar com Ele, para serem enviados”: “*Vinde após mim e vos farei pescadores de homens*”<sup>2</sup>. “*Designou doze dentre eles, para ficar em sua companhia e os envia para pregar*”<sup>3</sup>. Mais ainda, “*deu-lhes o nome de apóstolos*”<sup>4</sup> e “*poder para expulsar os espíritos maus e curar todas as doenças e enfermidades*”<sup>5</sup>.

Os dados evangélicos são eloquentes: Ele os envia para pregar o Evangelho, mas, determina o contudo, os critérios, os destinatários e os lugares do apostolado<sup>6</sup>. Ao retorno do primeiro envio apostólico, os discípulos prestam contas de sua missão: “Quando os Apóstolos regressaram, contaram a Jesus tudo o que eles tinham feito e como tinham ensinado”<sup>7</sup>. Este retiro espiritual de Jesus sobre a missão dos seus discípulos está claro: Ele os envia imediatamente após as atividades pastorais. Esta foi uma experiência de releitura que lhes permitiu recuperar suas forças, “*estando com Ele*” antes de partir novamente em missão, como diz o texto: “*Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão. E compadeceu-se dela... e começou a ensinar-lhes muitas coisas*”<sup>8</sup>...

Trata-se de uma relação ininterrupta entre a vida segundo o espírito e a evangelização, a oferta a Deus e o serviço dos pobres.

A relação entre a experiência de Deus e a missão é fortemente destacada nas aparições do Ressuscitado: “*encontramos o Senhor*” e “*ide dizer aos meus discípulos e a Pedro*”<sup>9</sup>. A descoberta do Ressuscitado pelos dois discípulos de Emaús que não incluem explicitamente um envio apostólico é, em si, um anúncio muito forte; mesmo se estava anoitecendo, mesmo sendo tarde.....“*Levantaram-se na mesma hora e voltaram a Jerusalém...acharam reunidos os onze e os que com eles estavam. Eles, por sua parte, contaram o que lhes havia acontecido no caminho e como o tinham reconhecido ao partir o pão*”<sup>10</sup>.

O primeiro grupo de textos relacionados à vocação é a formação, culmina com um conselho apostólico: “*Aquele que quiser ser o primeiro... que seja o servo*”<sup>11</sup>. O segundo grupo de textos, relacionados ao mistério pascal, culmina com o mandato missionário: “*Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações...*”<sup>12</sup>.

## **2 - O CARÁTER APOSTÓLICO DA VOCAÇÃO E DA FORMAÇÃO DAS FILHAS DA CARIDADE**

O carácter apostólico da vocação e da formação das Filhas da Caridade tem seu ponto de partida nesta afirmação das Constituições: “*a Companhia é missionária por natureza*”<sup>13</sup>. Esta definição canônica expressa este duplo sentido nas duas atitudes: a disponibilidade apostólica para responder aos apelos da Igreja dos pobres e a audácia, a exemplo dos Apóstolos e dos Fundadores, para anunciar a Boa Nova.

Este espírito missionário deve marcar a formação para a vida apostólica com as três características assinaladas pelas Constituições:

a) **Eclesial:** a Companhia recebe sua missão da Igreja. O serviço dos pobres, em âmbito provincial e local, comunitário e pessoal é vivido em sintonia com a Diocese onde estão situadas as comunidades.

b) **Bíblica:** Deus fala através da Escritura Santa, dos acontecimentos do mundo e da Igreja, das necessidades dos pobres. A Companhia faz uma particular atenção às sementes do Verbo nas culturas. Esforça-se, igualmente, para nela inculturar seu serviço apostólico.

c) **Missionária:** no sentido de ir, lá onde há necessidade dela, lá onde estão os pobres, de estar presentes onde o Evangelho ainda não foi anunciado, em outras palavras, segundo o carácter missionário do documento de “*Aparecida*”, que consiste em ir aos que estão mais afastados, *Missio Ad Gentes*, e se fazer próximo dos mais distantes, *Missio Inter Gentes*.

A vida apostólica deve ser assumida como: finalidade e unidade de vida das Filhas da Caridade, expressão de sua oferta a Deus; olhar de fé e prática do seu amor, alimento de sua contemplação e objetivo de sua vida comunitária<sup>14</sup>. Destes quatro elementos fundamentais se despreendem a relação que deve existir concretamente entre a formação para a vida de oração, a formação para a vida comunitária e a formação para o serviço. Nas experiências de formação e na vida comunitária local quotidiana, o equilíbrio necessário entre os momentos comunitários e os momentos apostólicos é particularmente importante e urgente<sup>15</sup>.

A relação entre a vida apostólica e a contemplação é igualmente importante: a missão consiste em dar aos pobres o Pão e a Palavra e partilhar com eles a experiência de Deus: “*A ação*

*apostólica das Filhas da Caridade alimenta-se da contemplação*”<sup>16</sup>. Desta maneira e somente assim, seu dom a Deus será a força de sua doação aos pobres e seu serviço aos mais necessitados vai tornar-se um encontro com Deus: “*deixar Deus por Deus*”<sup>17</sup>.

A missão de formação para a qual são chamadas as Filhas da Caridade supõe como condição as bases humanas e cristãs, uma preparação para um anúncio efetivo do Evangelho, o conhecimento da doutrina social da Igreja e suas orientações atuais, a abertura ao diálogo ecumênico e interreligioso...<sup>18</sup>

Bento XVI afirma que: “discipulado e missão são como as duas faces da mesma moeda: quando o discípulo está apaixonado por Cristo, não pode deixar de anunciar ao mundo que só Ele nos salva (Cf. At. 4,12)”<sup>19</sup>. “*A identidade e a missão atingem o ser e o fazer; sem identidade não há missão, e sem missão não há identidade*”.<sup>20</sup>

### **3 - A ESSÊNCIA DA VIDA APOSTÓLICA E O PERIGO DO ATIVISMO.**

É Jesus, o enviado do Pai<sup>21</sup> que define o que é a missão quando diz: “*foi dele que ouvi o que eu digo ao mundo*”<sup>22</sup>. Ele proclama a palavra que recebe. Não é a sua palavra, mas do Pai: “*A palavra que tendes ouvido não é minha, mas sim do Pai que me enviou*”<sup>23</sup>. O Cristo é a Palavra do Pai, não somente quando fala, mas em tudo o que vive: “*aquele que Deus enviou fala a linguagem de Deus, porque ele concede o Espírito sem medidas...Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; quem não crê no Filho não verá a vida...*”<sup>24</sup>. João, o discípulo próximo de Jesus, descreve assim a vida apostólica: “*o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos olhos, o que temos contemplado e as nossas mãos têm apalpado no tocante ao Verbo da vida...damos testemunho e vos anunciamos*”<sup>25</sup>.

Esta experiência de Deus que transmitimos no serviço dos pobres, chamamos hoje de “evangelização”. Ela não se realiza somente em palavras, mas através do testemunho do nosso agir, do nosso serviço. Este caráter cristocêntrico da vida apostólica faz com que o centro da Evangelização seja o anúncio de que a Salvação está em Cristo Jesus: “*em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os homens, como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus*”<sup>26</sup>. O objetivo principal da formação para a vida apostólica é evitar as dicotomias entre o dom a Deus e o serviço dos pobres, e garantir a unidade entre consagração e missão. Se o Mestre é todo “doado ao Pai”, a condição de discípulo exige uma total disponibilidade para Deus. A vontade do Pai é a salvação dos homens, a salvação dos Pobres. Mas a vontade do Pai é também que o Cristo seja “todo doado aos homens”; Nele, a consagração e a missão são uma só realidade. O apostolado é uma expressão concreta da missão, mas não pode confundir-se como simples técnica apostólica, projetos pastorais, nem organização de atividades em favor dos pobres. Estes elementos são necessários, mas somente na medida que expressam o essencial de nossa vocação: uma entrega a Deus. A Igreja insiste sobre a formação apostólica que conduz os discípulos para agir não somente como profissionais, mas como “*testemunhas vivas do amor sem limites e do Senhor Jesus*”<sup>27</sup>.

Existem dois perigos:

1 - Uma falta de compromisso com um estilo de vida individualista, aburguesado, fácil, buscando realizar-se e não o seguimento do Cristo. Quando os anos tornam nossa ação apostólica rotineira este estilo de vida não atrai ninguém, nem deixa nenhum traço, nem anuncia nada, e nem reflete esta vida escondida que se expressa no pequeno e no pobre.

2 - O ativismo que é o “pecado” mais frequente na Igreja de hoje: um mal sob a aparência de bem. Tende a desenvolver-se de maneira sem medida a atividade exterior, em detrimento da vida interior, tanto no campo da santificação pessoal como na ação apostólica<sup>28</sup>. As pessoas que estão

sob esta influência não medem nem o tempo, nem o cansaço e caem pouco a pouco, inconscientemente em uma vida anêmica, no individualismo, em um vazio afetivo...perigosíssimo. O ativismo não desintegra somente a personalidade humana e espiritual, mas ao mesmo tempo, muda a qualidade de nosso apostolado e nos conduz a valorizarmos unicamente a capacidade de trabalho ou a rentabilidade econômica<sup>29</sup>. Este tipo de problema não aparece normalmente durante a formação inicial. A formação contínua pode permitir evitar essa armadilha, lembrando que todo apostolado enraíza-se no amor de Deus.

#### **4- CATEGORIAS DE FORMAÇÃO PARA A VIDA APOSTÓLICA.**

A dimensão missionária da formação deve ser a base dos projetos, objetivos e métodos. Se o exercício de nossa vocação é majoritariamente apostólico, a dinâmica da formação concerne majoritariamente o ser da pessoa. Considerando a importância da dimensão missionária, ela exige espaços e momentos de apostolado. Estes dois pontos aos quais nos referimos ao falarmos de duas “categorias” formativas, são recomendadas implicitamente na exortação pós-sinodal: "VERBUM DOMINI", e no Documento Interassembleias 2009-2015.

Na terceira parte do “*Verbum Domini*” que se refere à missão da Igreja, como anunciadora da Palavra de Deus ao mundo, vemos duas correntes que devem penetrar a vida apostólica na Igreja de hoje: o Reino de Deus e a pessoa do pobre.

##### **4.1- FORMAÇÃO TEOLÓGICA: PARA O REINO DE DEUS**

Inspirando-se no “*EVANGELII NUNTIANDI*”, Bento XVI insiste sobre o fato de que a evangelização é mais “reinocêntrica” (ligado ao Reino) que teocêntrica ou eclesiocêntrica. “*O anúncio da Palavra tem como conteúdo o Reino de Deus (cf. Mc 1, 14-15), sendo este a própria pessoa de Jesus*”<sup>30</sup>. A construção do Reino de Deus se identifica com o senhorio de Jesus Cristo. A partir deste ponto de vista, uma autêntica formação para a vida apostólica em função do Reino pressupõe ser habitada pelo Cristo: “*Não há verdadeira evangelização, se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem proclamados*”<sup>31</sup>.

A evangelização, para instaurar o Reino, comporta compromissos com relação as atividades temporais como, a implantação da justiça e a transformação da sociedade. Mas este anúncio compreende intrinsecamente a promoção humana<sup>32</sup>, nestes aspectos de desenvolvimento, de liberação e de promoção da justiça. O Sínodo de 1972 afirma que “*existem laços fortes entre promoção humana e evangelização*”<sup>33</sup>.

Os bispos da América Latina disseram que a promoção da justiça faz parte da Evangelização<sup>34</sup> e o próprio João Paulo II, em seu discurso inaugural de Santo Domingo, afirma que: “*a preocupação pelo social faz parte essencial da mensagem cristã*”<sup>35</sup>. Para o realizar, é necessário que o discípulo missionário se forme de acordo com estes critérios e valores: “*chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação*”<sup>36</sup>.

O amor teologal, porque vem de Deus, fraternal porque vive-se com os irmãos e apostólico porque se projeta de maneira missionária<sup>37</sup>, deve estender-se na ação apostólica como um movimento de humanização, para que o serviço contribua para a construção de uma sociedade mais justa, uma civilização do amor. Esta ação evangelizadora deve ser inculturada, no sentido de ser semeada nas características de cada povo, para que elas sejam vividas em função da pessoa humana:

*“Para servir verdadeiramente o homem, cada cultura autêntica deve estar aberta à transcendência e, em última análise, a Deus”<sup>38</sup>, pois “se não há espaço para Cristo, não há espaço para o homem”<sup>39</sup>.*

#### **4.2- ANTROPOLÓGICA: PARA O SERVIÇO DOS POBRES**

A formação apostólica concretiza nossa vocação específica, pois expressa nosso serviço do Cristo. Uma das páginas mais fecundas para a formação apostólica das Filhas da Caridade é esta que Bento XVI acaba de nos entregar: *“A Sagrada Escritura manifesta a predileção de Deus pelos pobres e necessitados (cf. Mt 25,31-46). Com frequência, os Padres sinodais lembraram a necessidade de que o anúncio evangélico e o empenho dos pastores e das comunidades se dirijam a estes nossos irmãos. Com efeito, “os primeiros que têm direito ao anúncio do Evangelho são precisamente os pobres, necessitados não só de pão mas também de palavras de vida”. A diaconia da caridade, que nunca deve faltar nas nossas Igrejas, tem de estar sempre ligada ao anúncio da Palavra e à celebração dos santos mistérios. Ao mesmo tempo é preciso reconhecer e valorizar o fato de que os próprios pobres são também agentes de evangelização. Na Bíblia, o verdadeiro pobre é aquele que se confia totalmente a Deus e, no Evangelho, o próprio Jesus chama-os bem-aventurados, “porque deles é o reino dos céus”<sup>40</sup>. O Senhor exalta a simplicidade de coração de quem reconhece em Deus a verdadeira riqueza, coloca n’Ele a sua esperança e não nos bens deste mundo. A Igreja não pode desiludir os pobres: “Os pastores são chamados a ouvi-los, a aprender deles, a guiá-los na sua fé e a motivá-los para serem construtores da própria história.*

*A Igreja está ciente também de que existe uma pobreza que é virtude a cultivar e a abraçar livremente, como fizeram muitos Santos, e há a miséria, muitas vezes resultante de injustiças e provocada pelo egoísmo, que produz indigência e fome e alimenta os conflitos. Quando a Igreja anuncia a Palavra de Deus sabe que é preciso favorecer um “círculo virtuoso” entre a pobreza “que se deve escolher” e a pobreza “que se deve combater”, redescobrando “a sobriedade e a solidariedade como valores simultaneamente evangélicos e universais. (...) Isto obriga a opções de justiça e de sobriedade”<sup>41</sup>.*

Podemos destacar 7 elementos para a formação apostólica das Filhas da Caridade:

a) A predileção pelos pobres não é uma possibilidade opcional porque está no centro do amor de Deus, tal como se manifesta na Sagrada Escritura.

b) São nossos irmãos e, somente neste nível é que podemos reconhecê-los como mestres da espiritualidade e da humanidade.

c) Os pobres “são os primeiros destinatários do anúncio do Evangelho”, e o que devemos lhes oferecer primeiramente, através do nosso serviço, é a Palavra de Deus, porque eles têm fome do pão material e de “palavras de vida”.

d) Eles não devem ser somente os sujeitos de sua promoção integral, mas também “agentes de evangelização”, graças à: sua espontânea confiança em Deus; sua condição evangélica de “bem-aventurado”; sua simplicidade de coração e sua esperança nos bens futuros.

e) “A Igreja não pode decepcionar os pobres” e com maior razão, a Companhia.

f) Os pobres nos evangelizam com sua tenacidade, sua criatividade, sua capacidade de sacrifício, sua abertura a Deus, sua facilidade de partilhar, seu sentido de festa... Deus e o carisma nos chamam “para lhes escutar, aprender com eles, a guiá-los na fé, a motivá-los...” consagrando-lhes tempo.

g) A antropologia do pobre supõe viver com um coração pobre.

O contato real com os pobres é muito importante para um conhecimento do pobre. Somente sua presença é uma interpelação contínua que permite levar um estilo de vida simples que pode nos tornar mais próximo deles. Este contato com os pobres deve ser vivido em âmbito pessoal e comunitário. Também é fundamental para desenvolver uma atitude de “pobreza de espírito”, de desprendimento, de disponibilidade missionária e de confiança em Deus.

## **5- A PEDAGOGIA DA FORMAÇÃO PARA A VIDA APOSTÓLICA**

Toda esta estrutura de formação supõe uma pedagogia que garanta o crescimento para um apostolado mais efetivo. Uma preparação intelectual, uma capacidade de trabalhar a promoção humana das pessoas, dos mais pobres, e mais necessitados. Falarei brevemente de alguns objetivos e de alguns critérios:

### **5.1- OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO PARA A VIDA APOSTÓLICA**

Como toda a formação está orientada para a missão, é conveniente sublinhar os meios destes objetivos específicos necessários para alcançar com êxito esta finalidade missionária:

- A tomada de consciência progressiva da vocação missionária a partir da qual a identidade pessoal e a pertença à Companhia se desenvolvem.

- A maturidade humana e espiritual: responsabilidade, liberdade, equilíbrio, engajamento em vista da realização pessoal, a identificação ao Cristo e para a missão.

- A formação intelectual e pastoral. A boa vontade não é suficiente, sem uma sólida base, corre-se o risco de repetir banalidades, fechar horizontes, de realizar apenas coisas rotineiras no serviço.

- A experiência da entrega a Deus em vista da missão (oração, vida comunitária, conselhos evangélicos...)

- O testemunho de vida : por que este é um “meio privilegiado de evangelização”<sup>42</sup>. O testemunho inspirado nas Bem-aventuranças é o ponto de partida do anúncio profético.

- A assimilação das novas exigências da missão como: a inculturação, a aprendizagem das línguas, a aquisição de uma visão universal e de uma total disponibilidade.

- A experiência de uma espiritualidade apostólica: atenção à ação do Espírito, da identificação com Jesus evangelizador dos pobres, da relação com a Virgem Maria, Mãe da Igreja e formadora dos Apóstolos, da união com a Igreja...

- A atenção aos sinais dos tempos: a defesa dos direitos humanos<sup>43</sup>, a relação da paz com a justiça, a consciência da dignidade da mulher, a defesa da vida e da criação, a cultura da vida diante da cultura de morte, o respeito pelas diferenças, sobretudo religiosas<sup>44</sup>, a promoção humana, o papel primordial dos leigos, a inculturação.

### **5.2 - CRITÉRIOS DA FORMAÇÃO PARA A VIDA APOSTÓLICA.**

- A escolha da vocação : baseando-se nas qualidades e aptidões apostólicas: uma boa saúde, uma moral equilibrada, o bom senso, a generosidade na entrega, a capacidade de sacrifício, a responsabilidade pessoal, o sentido do outro, e o amor aos pobres.

- O sentido sobrenatural da missão apostólica, só poderá ser compreendida e assumida como uma experiência de fé e, conseqüentemente por motivações evangélicas e intenção cristocêntrica.

- O lugar da missão no processo de formação: o discípulo sendo em si missionário, é preciso evitar todo tipo de dualismo que afeta a integração existencial, a resposta à vocação ou a eficácia apostólica. Chegamos a este ponto quando todos os aspectos e todas as atividades da formação estão impregnados do sentido missionário.

- A integração da teoria e da prática: equilibrar o tempo de estudo e do apostolado, o sentido da responsabilidade pessoal e da corresponsabilidade comunitária...

- A dimensão comunitária: os discípulos anunciam comunitariamente; a vida fraterna em comum é evangelizadora e as experiências missionárias a alimentam. A capacidade de trabalhar em equipe e em colaborar é uma condição sine qua non.

- Uma análise equilibrada da eficácia pessoal: as insatisfações e as crises profundas são inevitáveis na vida apostólica. O apóstolo nem sempre vê os frutos de seus compromissos, entregam-se frequentemente, sem nada receber de retorno, mas crê que Deus vê tudo e que as dificuldades podem ser uma fonte de fecundidade missionária.

Padre Gabriel Naranjo, cm

## Notes

<sup>1</sup> Mc 3,14

<sup>2</sup> Mt 4,19; Mc 1, 17

<sup>3</sup> Mc 3,14

<sup>4</sup> Lc 6,13

<sup>5</sup> Mt 10, 1-4; Mc 4, 13-19; Lc 6, 12-16

<sup>6</sup> Mc 6, 6b-12; Mt 10, 5-15; Lc 9, 1-6; 10, 1-11.

<sup>7</sup> Lc 9, 10; Mc 6, 30.

<sup>8</sup> Cf. Mc 6, 30-34; Lc 9, 10-11.

<sup>9</sup> Mc 6, 34.

<sup>10</sup> Mc 16, 13 ; cf. Jo 20, 17; Mt 28, 7.

<sup>11</sup> Lc 24, 29.33.35

<sup>12</sup> Mc 9, 35; 10, 43.45; Mt 20, 26.28

<sup>13</sup> Mt 28, 19-20; Mc 16, 15-18; Jo 20, 21-22

<sup>14</sup> C. 25

<sup>15</sup> C.16a-b

<sup>16</sup> Cf. C.16b; 34

<sup>17</sup> C.21a

<sup>18</sup> Conferência de 17 de novembro de 1658, Sobre a levantar, a oração, exames e outros exercícios, pág. 836

<sup>19</sup> cf. C 52b.

<sup>20</sup> Juan Mary Metz. Deilarduia. PERIJÓRESIS, p. 80. Ed. Frontera, 30

<sup>21</sup> Heb 3, 1.

<sup>22</sup> Jo 8, 26.

<sup>23</sup> Jo 14, 24.

<sup>24</sup> Jo 3, 34-36.

<sup>25</sup> 1 Jo 1, 1-2.

<sup>26</sup> EN 27.

<sup>27</sup> ET 53.

<sup>28</sup> ANCILLI, ERMANNINO Diccionario de Espiritualidad. Activismo

<sup>29</sup> MARTÍNEZ, FELICÍSIMO, O.P. Ed. Frontera, n. 44, p.30.

<sup>30</sup> VD 93.

<sup>31</sup> VD 98.

<sup>32</sup> EN 31

<sup>33</sup> EN 31

<sup>34</sup> DP 355,1254

<sup>35</sup> SD13.

<sup>36</sup> VD100

<sup>37</sup> Deus Caristas Est

<sup>38</sup> VD 109

<sup>39</sup> VD 109 e 113, Mt 5, 3; cf. Lc 6, 20

<sup>40</sup> VD 107

<sup>41</sup> CIC 673; cf. Evangelii Nuntiandi 69

<sup>42</sup> cf. VC 9, 82, 102.

<sup>43</sup> cf. VC 100.

## Envio

Chegou a hora de retomar a estrada, de voltar para continuar - ou começar - com um entusiasmo renovado, a delicada tarefa de formar jovens ou menos jovens, que desejam ofertar suas vidas ao Senhor na Companhia, servindo-O nos pobres.

Chegou a hora de colher os frutos do tempo da graça vivido durante este Seminarium, de formular os compromissos, de vislumbrar novas iniciativas, projetos criativos para trabalhar com ardor na missão de formação... humana, cristã, vicentina, lá onde vocês foram enviadas, seja como Conselheira provincial, Diretora do Seminário, responsável pelo Postulado, encarregada do pré-postulado ou da pastoral vocacional.

É igualmente um momento novo, distinto, é a hora de Deus, a hora da graça, hora do “eisme aqui” reafirmado sob o sopro do Espírito Santo para dizer “Sim”, com plena confiança, como Maria. “Sim” ao plano de Deus para vocês, nesta etapa de suas vidas.

É a hora da graça, vocês a receberam e receberão em abundância para ajudá-las a construir sobre a sólida rocha, sobre o Cristo.

A hora da graça para todas nós, é a de revestir-se da túnica do serviço e reconhecer o Cristo nos rostos cansados, nos olhos sem brilho de tantos pobres que são “nosso peso e nossa dor”. A hora de partir apressadamente em direção ao encontro da Galileia do mundo para ser testemunha da Páscoa, com uma multidão de pobres famintos de esperança e sedentos de palavras de vida.

A hora da graça para todas nós, é a de discernir com uma sabedoria evangélica o que agrada ao Senhor e nos faz testemunhas de seu amor pelos pobres.

É também a hora de agradecer a Comissão de preparação, Irmã Rosa Maria Miro, Irmã Rosa Maria Napolitano, Irmã Neghesti Michael, Irmã Margaret McDonald, Irmã Isabel Chavez, Irmã Cat Hy, Irmã Antoinette Marie e Irmã Jeanne Marie, sem esquecer Irmã Marlene Rosa e Irmã Zofia Danizcakova pela decoração e liturgia.

É hora de agradecer às Irmãs Secretárias, da cabine de som, e evidentemente, as Irmãs do Centro Internacional de Tradução e àquelas que vieram completar e enriquecer sua equipe.

É hora de agradecer-lhes igualmente, pela participação nestas semanas de formação, quer tenha sido nos grupos, nesta sala, ou mesmo durante os diferentes encontros.

Demos graças ao Senhor por sua presença em nosso meio, pelo tempo de partilha e de oração que Ele nos proporcionou viver no coração da Companhia, durante estas três semanas.

Permitam-me concretizar em algumas palavras este envio:

O tema escolhido para este Seminarium, que termina agora, nos convidava à deixarmos-nos transformar pelo Espírito, para poder formar. Esta transformação que o Espírito deseja operar em cada uma de nós, somente será possível se **permanecermos enraizadas em Cristo e vivermos em sua intimidade, graças a oração.** Assim aconselhava São Vicente ao Padre Antoine Durand, quando ele o nomea Superior de Agde aos vinte e seis anos:

*“Uma coisa importante, à qual vós deveis vos aplicar cuidadosamente é de ter uma profunda comunicação com Nosso Senhor na oração; esta é o reservatório onde encontrareis as instruções necessárias para que realizeis o trabalho que tereis. Quando tiverdes alguma dúvida, recorrereis a Deus e dizei-o : “Senhor, vós que sois o Pai das luzes, ensinai-me o que é necessário que eu faça neste encontro”<sup>1</sup>.*

Estou convencida que todas sentiram, e eu igualmente, estas três semanas do Seminário como uma experiência de profunda formação pessoal, e gostaria de encorajá-las para construir sobre tudo isso que receberam, para cuidar de sua própria formação e de **vivê-la como caminho de conversão, como uma graça muitíssimo especial do Senhor para crescer na fidelidade.** Ter uma responsabilidade de formação é, neste sentido, um verdadeiro presente de Deus, uma ocasião para aprofundar sua própria vida interior. Como o dizia São Vicente: *“é necessária a vida interior, é necessário tender para ela; se falharmos nisso, falha-se em tudo”<sup>2</sup>.*

A formação, nossa e daquelas quem colaboramos, é na verdade o motor da renovação vocacional, da revitalização do carisma; dela depende a qualidade da vida fraterna, a capacidade de se doar, de testemunhar. A formação, se é autêntica, influencia e muda a nossa vida.

Zelem portanto, por sua própria formação, ela lhes impõe o desafio permanente de viver a missão confiada em fidelidade ao carisma: as Constituições destacam a responsabilidade de cada Irmã sobre este tema: *“Cada uma deve sentir-se responsável por sua própria formação aproveitando os meios acessíveis, sobretudo aqueles que a Companhia lhe proporciona”<sup>3</sup>...* Daí, a ênfase dada neste Seminário sobre a formação vicentina e o conhecimento dos documentos da Companhia.

Toda caminhada de formação conduz a um processo de crescimento. É uma caminhada de conversão e de transformação pessoal, com a ajuda do Espírito, e da escuta da Palavra de Deus, é uma caminhada que tem repercussões na vida da comunidade e que, igualmente ultrapassa, sobretudo, o corpo que constitui a Companhia.

Desejo ressaltar ainda mais, a importância, particularmente na formação contínua, da **capacidade de aprender da vida quotidiana, escola de formação e dinamismo essencial para o crescimento pessoal.** Esta formação realiza-se a partir dos acontecimentos simples de cada dia, de modo constante e progressivo, é uma tarefa quotidiana que jamais se interrompe. Toda a realidade se transforma em meditação formativa de modo providencial, é percebida como um apelo, uma possibilidade de purificação e de crescimento, de formação do coração. Não existe nem fases, nem etapas. Trata-se de tomar consciência que somos, ao mesmo tempo, os agentes e os destinatários desta formação.

Deixem-se formar e transformar pelo Espírito Santo. Através de sua luz, vocês poderão admirar as maravilhas que o Senhor realizou em cada Irmã em formação e em cada pessoa; poderão descobrir como sua ação modela o coração da pessoa que recebeu o chamado e como Ele mesmo indica o caminho<sup>4</sup>. A liturgia de hoje nos estimula a nos confiar plenamente em Deus, pois *aquele que n’Ele crer, fará as obras que Ele faz e as fará ainda maiores*<sup>5</sup> nos diz, São João no Evangelho deste dia.

Portanto, vivam com autenticidade para transmitir às Irmãs em formação o amor a vocação. Vocês podem apresentar a Companhia às jovens, sem complexo!

Sim, ajudar as Irmãs em formação à amar sua vocação, a viver com alegria, na transparência; ajudá-las a aprofundar o sentido de pertença à Companhia, ajudá-las a cultivar o espírito missionário.

Vocês sabem que uma maneira de irradiar o amor à vocação é mostrar que vocês são felizes, como Santa Luísa o desejava para a Irmã Turgis que foi enviada à Chars: “*Vede se conseguis despertar em alguma jovem daí, o desejo de seguir-nos*”<sup>6</sup>.

Partilhem a alegria de terem sido chamadas a uma vocação tão grande e tão bela. *Que são felizes por terem sido chamadas à Companhia das Filhas da Caridade*, como dizia São Vicente muitas e muitas vezes: “*Sede muito reconhecidas por esta graça e tende grande cuidado em conservá-la*”<sup>7</sup>.

Ajudar as Irmãs, as 191 Postulantes e 226 Irmãs do Seminário, a aprofundar o sentido de pertença à Companhia, a viver a disponibilidade - em estado permanente de missão - ultrapassando os limites geográficos das Províncias que são estruturas provisórias e podem mudar. Ajudem-nas a cultivar o espírito missionário, a tomar consciência que elas são responsáveis pela Companhia do futuro. Ajudem-nas a manter vivo o carisma dos Fundadores, a manter a acesa a lâmpada da caridade e da missão para poder servir, indo e vindo, nos caminhos do mundo “impelidas pela caridade do Cristo”.

Que a Virgem Maria acompanhe seus passos na missão de formação e que, a seu exemplo, vocês se deixem conduzir e transformar pelo Espírito para realizar o desígnio do Pai e testemunhar o Cristo ressuscitado<sup>8</sup>.

Irmã Evelyne FRANC  
*Filha da Caridade*

**Notas:**

<sup>1</sup> Coste XI, pág. 344.

<sup>2</sup> Coste XII, pág. 131. Conf. de 21 de fevereiro de 1659.

<sup>3</sup> C. 58b.

<sup>4</sup> cf. C. 49 e C. 51a.

<sup>5</sup> cf. Jo 14,12.

<sup>6</sup> Corresp. e Escritos de Santa Luísa C.224 (L.200) à Irmã Turgis, à Chars, em 28 de Novembro de 1647, pág. 264.

<sup>7</sup> Conf. sobre a Explicação do Regulamento, de 16 de agosto de 1641, pág. 27.

<sup>8</sup> cf. C. 17c.

## **Estudo realizado sobre o temperamento dos apóstolos**

Jesus escreveu para uma empresa de consultores em gestão em Jerusalém. Eis a resposta.

Caro Senhor,

Obrigado por nos ter confiado o curriculum vitae dos 12 homens que escolheste para confiar-lhes os postos de responsabilidade em sua nova organização. Para o momento, todos foram submetidos a uma série impressionante de testes. Os resultados foram processados pelos computadores. E, para cada um, organizamos uma entrevista personalizada com nosso psicólogo e consultor em aptidão para o ministério. Nosso escritório chegou à seguinte conclusão:

- a maioria dos seus candidatos não apresenta experiência.
- Eles têm pouca formação e poucas aptidões para o tipo de empresa que o senhor planeja lançar.
- Eles não tem espírito de equipe.

Recomendamos que continue sua procura para encontrar candidatos que tenham experiência na gestão de negócios e que tenham provado suas competências.

\* Simão-Pedro é emocionalmente instável, exposto às mudanças de humor. “*Ah, eu não o abandonarei*”, tinha dito a Jesus e 10 minutos depois, ele o deixou!

\* André não tem, verdadeiramente, nenhum dom para assumir responsabilidades. A primeira coisa que faz quando o chamam é procurar seu irmão Pedro para que venha em seu socorro;

\* Os dois irmãos, Tiago e João, os filhos de Zebedeu, colocam seus interesses pessoais acima do devotamente para com a empresa. A mãe que achava que seus filhos eram favoritos, aproximou-se

de Jesus dizendo: “se o Senhor tem um ministério a fundar, os primeiros ministros, não podem ser outros, senão meus filhos”.

\* Tomé tem tendência à questionar, o que poderia diminuir o entusiasmo coletivo da equipe.

\* Sentimo-nos na obrigação de vos informar que Mateus, figura na lista negra da Comissão da Grande Jerusalém por honestidade em seus negócios. Era um publicano que recolhia os impostos.

\* Tiago, o filho de Alfeu, e Tadeu têm incontestavelmente uma tendência à radicalização e ambos atingiram uma pontuação elevada na escala maníaco-depressiva. Eram zelotas revolucionários.

\* No entanto, um dos candidatos tem grandes possibilidades. Ele é capaz e criativo, comunica-se com facilidade e tem um forte sentido para os negócios. Relaciona-se com as personalidades importantes. Aconselhamos que contrate Judas Iscariotes como seu administrador e braço direito. Ele é altamente motivado, ambicioso e não tem medo de responsabilidades.

Sem comentários para os demais perfis, desejamos-lhe muito sucesso em sua nova aventura.

A fatura para a consulta está em anexo.

Meus sinceros votos  
Jordão, consultor de gestão.